

Espanto e incredulidade

Aviões no Aeroporto de Rio Frio já em 1986

O Aeroporto de Rio Frio, a Sul do Tejo, estará pronto a receber tráfego já em 1986, embora a sua conclusão esteja prevista para 1985. A informação foi dada pela ANA - Aeroportos e Navegação Aérea, empresa pública do sector, ao Sindicato dos Pilotos.

Os elementos fornecidos e a que a ANOP teve acesso garantem que os estudos do novo aeroporto já estão concluídos e que o custo da construção deverá ser de 64 milhões de contos, a preços de 1981.

Os documentos enviados pela ANA ao Sindicato dos Pilotos incluíam um recorte de uma revista norte-americana especializada em aeroportos, no qual o ministro dos Transportes, Viana Baptista, confirma a conclusão dos estudos para Rio Frio.

A reacção do Sindicato foi de «espanto e incredulidade» e uma fonte próxima declarou que «em 1986 nem sequer as expropriações dos terrenos estarão feitas».

O espanto daquele Sindicato reporta-se também ao facto de «todo parecer estar decidido sem qualquer consulta». A situação será certamente idêntica no que se refere a outras associações sindicais do sector da aviação.

Os documentos entregues ao SPAC referiam diversas melhorias em infraestruturas e em equipamento dos aeroportos portugueses. É o caso do reequipamento do sistema de controlo de tráfego aéreo, que será reforçado com a instalação de três radares secundários em Montejunto, no Sul do País e no Aeroporto de Lisboa, este último para aproximação.

Pág. 8

“Houve acordos e consensos no seio da AD” Proença de Carvalho vai ter que partir — disse Ferreira do Amaral (PPM) ao “DL”

O deputado Ferreira do Amaral, do Partido Popular Monárquico (PPM), ontem regressado às lides parlamentares depois de longa ausência, afirmou ao «DL» se «iminentemente a saída de Proença de Carvalho da presidência da Rádio Televisão Portuguesa (RTP).

Ferreira do Amaral acentuou que «se estivesse convencido de que Proença de Carvalho iria continuar na TV, não teria regressado à Assembleia da República». Proença de Carvalho já deu sobejas provas de falta de isenção e consensualismo», sublinhou o deputado do PPM, que defende «a saída quanto antes» do presidente do Conselho de



Ferreira do Amaral



Proença de Carvalho

Administração da RTP, tanto mais que «as eleições autárquicas estão à porta».

De acordo com as afirmações de Ferreira do Amaral, «houve acordos e consensos no seio da Aliança Democrática» para que Proença de Carvalho fosse destituído do seu cargo. Resta esperar que eles sejam cumpridos (...) pois a nossa paciência tem limites...

Ferreira do Amaral está ciente da existência no interior da AD de pessoas empenhadas em que não se toque em Proença de Carvalho. «Todavia, afirma, outras há igualmente que já se convenceram que Proença de Carvalho não serve...»

Pág. 5

Primavera chega mais cedo nos braços do equinócio



Serão mais coloridos os sonhos da próxima noite? As andorinhas cruzarão o nosso sono a golpes de asa? A manhã de amanhã vai acordar-nos com um berro de sol?

Todo isso será possível a partir das 22 e 56 de hoje, quando a Primavera for reconhecida oficialmente, por via de um equinócio que não carece de publicação no «Diário da República» para entrar em vigor.

Os meninos é que têm razão. Não ligam a reconhecimentos oficiais para escorregarem alegres pelos dias mais quentes que burlaram o inverno, a finir-se. E muitos adultos já fizeram o mesmo, começando a praia pelo que lhes vai nos nervos e não pelos números dos calendários.

Os meninos e que têm razão. Eles até preferem sentar-se à sombra das árvores feitas, que Balsemão vai amanhã a Oleiros plantar apenas uma promessa.

Pág. 10

Mudam
os
pudores...
podemos
andar
nus
na praia

Pag. 10



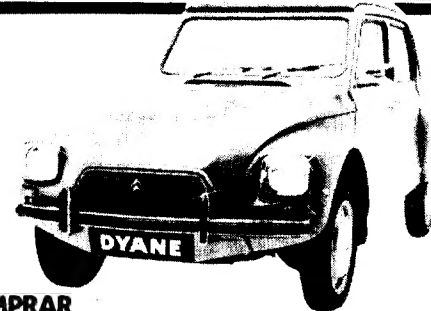
El Salvador

Ministro holandês responsabiliza a Junta pelo assassinio dos jornalistas

● A última reportagem das vítimas hoje no «DL»

Págs. centrais

COMPARE A DYANE...



ANTES DE COMPRAR

Compare o seu conforto inultrapassável...
Compare o seu espaço interior e o espaço da sua bagageira.
Compare a sua magnífica estabilidade.
Compare a sua espantosa simplicidade mecânica e de condução.

PONTO POR PONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

ANTES DE COMPRAR

Compare o seu preço.
Compare a sua economia em combustível e em manutenção...

CONTO POR CONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

NO COMPARAR É QUE ESTÁ O GANHO!

CITROËN DYANE

A BARCA SEM OS CORVOS

Ridículos rallies

No princípio eram um jogo ou brincadeira em que vários senhores a cavalo, e depois em automóvel, se encontravam ou reuniam («to rally»), partindo de diversos pontos. A qualidade de demonstrar neste jogo de «gentlemen», nos seus automóveis de todos os dias era a de uma regularidade probatória da sua sólida regularidade de todos os dias.

O rali (é melhor dizer assim, de facto!) é hoje uma espécie de corrida à desfilada, pelo meio de estradas e caminhos transformados legal mas abusivamente em pistas de velocidade, por frios profissionais cosmopolitas e pelas suas esperanças réplicas domésticas, movidos ambos a interesses e publicidade.

É assim, e pronto; é assim mesmo, e não há nada a dizer-lhe.

Há quem goste, e enquanto não fizer vítimas a sério, é apenas um espectáculo de circo sui generis — e dentro da evolução do chamado desporto mecânico, antes esta versão relativamente civilizada e tecnicamente útil, que a sua detestável contrapartida degenerada americana — o «stock-car racing». Apropriou-se até, curiosamente de duas palavras que se usam agora exclusivamente neste meio: «competitivo» e «selectivo» (p. ex.: «esta máquina está competitiva», «este troço de floresta é muito selectivo»...).

Muito não é isso que é chocante nos ralis de hoje: o que é chocante é que sendo provas agora duríssimas, em que se esperam e exigem resultados máximos, levados ao limite, tudo isso seja sonsamente feito a partir de carros do dia-a-dia, mas ocultamente transformados nos motores, nas suspensões e outros órgãos.

Repare-se: na fórmula 1, as maravilhosas bestas mecânicas não têm um grama a mais do que o necessário, nada existe que não tenha rigorosa função e forma para o fim último que é a vitória na pista. Materiais, aerodinamismo, relações de volume e peso, penetração, atritos, efeito de solo, distribuição dinâmica das forças primárias e secundárias, «paliers» da transmissão da potência, forma das suspensões, tudo, absolutamente tudo é inegável àquele fim último e daí lhes vem a sua inquietante e inegável beleza.

Mas os carros dos ralis, não. São híbridos suspeitos. Ali vão eles, de espaçosa bagageira, cromados, banco para passageiros atrás, estofos, deslenho ao gosto do dia, puxadores, cinzeiros, «tablier» de plástico com todos as teclatinhas e luzinhas, quatro largas portas todo o conforto necessário para ir passear com a família ao domingo — e é assim que foram antes vistos nos «stands»; gabadas as qualidades de comodidade e economia, garantida a obediência à moda, assegurada a sua função de ajudar ao «status» social...

Sabendo-se a quantidade de compromissos impostos pelo «marketing» e traduzidos em cedências técnicas que entram na projectação de um automóvel de série, salta aos olhos que as «performances» que se extraem destes carros forçados são obtidas à custa de romper o precário equilíbrio técnico comercial que os gerou, com evidentes penalizações e defeitos, e salta também aos olhos que qualquer fabricante ou projectista que o quisesse poderia produzir um veículo para estas provas perfeitamente adequado tanto na concepção mecânica como no «design» (cá está o «design»!) — mas não se parecia talvez nada com essas anedotas em quatro rodas que andam nos ralis actuais.

Desapareceria porém, ao mesmo tempo, a sua grande vantagem comercial — a de que o sr. Silva, ao volante do seu Toyota ou do seu Renault com a mulher, a sogra e os meninos, deixaria de se transpor psicologicamente para aqueles novos heróis da estrada poeirenta e do pneu guinchando, sem saber mesmo que entre a mecânica das «bombas» dos ralis e a do seu carrinho há já muitas diferenças.

Transformar em instrumentos de uma corrida especial e exigente, instrumentos de todos os dias é de um ridículo saboríssimo — mas as regras dos ralis nisto nunca mudarão, porque são agora a sua razão de ser: comercial, e não desportiva.

Imagine-se, em paralelo, que o sr. Lopes, que não tem automóvel, vem todos os dias de Sintra para o seu escritório, em Lisboa. Mas, dotado de humor desportivo, resolve competir periodicamente com outros colegas para ver quem chega primeiro ao escritório com passagens obrigatórias por Mafra, um troço na floresta da Carregueira e final no comboio da Amadora — e arranja equipamento adequado: no sobretudo uma larga faixa vermelha a toda a altura, para se distinguir da maralha na estação do Rossio; óculos duplos para ajustar às condições de luz entre o túnel e o autocarro; bolsos extra-rápidos para permitir mostrar o passe em movimento; gravata com furinhos de arejamento; chapéu-de-chuva aligeirado e um avisador sonoro de posição; pasta com abertura instantânea para poupar uns segundos ao retirar o «Diário da República», etc. Está assim equipado para correr o seu rali — o seu modo de rali — correndo desalmadamente pela Rua do Ouro, arfando e com a gravata especial de competição desapertada.

Se, como verdadeiro atleta de competição, corresse numa pista de verdadeiro atletismo, assim ataviado, cairia sob os apupos, morreria de ridículo.

Mas, em paralelo, é assim que se apresentam os automóveis dos ralis, híbridos incongruentes e pecantes.

Pense-se nisso...

J. P. Martins Barata

a palavra com...

Rui Dias José

BEJA SANTOS

1. A notícia tendenciosa. Quando eu denuncio e concito à reprovação os meus leitores face às práticas comerciais irregulares de empresas como a Adams, a Sumol, a Sielvas, Lda, a Nestlé, por exemplo, eu estou a dar uma informação tendenciosa, quer dizer, por via da liberdade de expressão denuncio esta ou aquela circunstância, por força das premissas, posso omitir outras, ou comparar ou condicionar dados, norteados por uma causa de interesse público, pondo em prática o direito à informação dos consumidores.

Porque de um direito imprescindível se trata. Está mundialmente reconhecido que é a informação o maior estímulo, a mais eficaz barreira para a prevenção e repressão de acidentes, delitos antieconómicos e contra a saúde pública e protagonização do consumidor como agente de cultura e da actividade socioeconómica. Então, eu assumo-me como informador consumidor, tenho as minhas fontes, trabalho os elementos objectivos e seguros por processos taxonómicos, respondo perante a lei, respondo perante

a opinião pública que me dá credibilidade ou me reprova. Enquanto cidadão e plúmitivo interveniente na imprensa ou em qualquer outro órgão da informação, procuro reparar ou repor a verdade, promover uma audiência, exercer uma pedagogia, manter uma coesão entre os princípios e os fins. Por isso, enquanto consumidor, tenho que estar independente do Poder, dos partidos, dos agentes económicos.

O caso Rui Dias José constitui um dos momentos mais empolgantes e sombrios na perseguição à independência dos homens da Comunicação; sob o manto diáfano das normas cizentas, este dedicado profissional é acusado de, comentário expandido sobre as greves dos transportes públicos, ter infringido preceitos deontológicos, e, na óptica dos actuais dirigentes da RDP, deverá ser proscrito, afastado do seu posto de trabalho onde se consagrou. Rui Dias José, conforme testemunhos que chegam de todos os quadrantes, é um profissional talentoso, criativo e isento. É o princípio do crime, a vertente da expiação.

Ser tendencioso nos tempos que correm é acompanhar commodamente o canto-chão do Poder, megafonar o Governo, obstruir e sonegar dados, radiodifundir complôs, emitir calúnias, incensar fetiches.

2. A democracia em processo. Hoje Rui Dias José é um símbolo. Impende sobre a sua cabeça uma acusação monstruosa, delirante, fruto da prevaricação de gestores marionetados às técnicas do Poder. É triste mas há democratas que renegam celeremente o seu passado para manter um ganha-pão, uma insignia, uma cadeira, um título. É deplorável que homens como o Dr. Manuel Magro ou senhores jornalistas como António Ribeiro se vejam forçados a enrugar pergaminhos profissionais só porque Rui Dias José fez contas e pôs a nu uma aldrabice monumental, alguns dos ingredientes-base da estratégia política da AD.

Por isso então depor, enquanto cidadão empenhado no interesse público, a favor da coragem de Rui Dias José, cujo «crime» de informação «tendenciosa» não foi provado, antes o tempo se encarregou de

clarificar os propósitos dos bons governantes de Portugal, e os preços dos transportes «alternativos».

Um símbolo vivo, portanto. Da arbitrariedade instalada, do incitamento à obnubilção do espírito jornalístico, do espirito acomodaticio daqueles directores e presidentes e superintendentes que, ao invés de se demitirem ou protestarem energicamente, se acachapam, suspirando por melhores dias.

Devemos à AD muitos símbolos. Mas há símbolos que ressoam por si próprios. E uma mordaza, um acinte contra o engenho e arte, são irrefragáveis argumentos contra a selveira AD.

Mesmo quando o pão e o trabalho de um homem digno estão em causa. Mesmo quando a nossa dignidade é afrontada por este espezinamento.

Porque esta hora propicia corbadas «tendenciosas».

Dentre os fins e os princípios do direito a informar, opto pelos princípios, isto é, solidarizo-me com Rui Dias José.

Arrostando o direito de ser livre, comunicando o meu repúdio pela libertação da palavra, feito tendência.

Atlântida-na fronteira da lenda e do real

Diz a lenda que uma civilização evoluída se teria afundado no Oceano, há treze mil anos, com um continente inteiro, a Atlântida. O tema foi muitas vezes retomado, em narrativas impregnadas de bela imaginação ou por estudiosos que, nas histórias, encontravam vestígios de realidade. Indícios de existência desse «continente perdido» levaram os cientistas a interessar-se pelo caso. O mesmo momento, no navio soviético de pesquisas oceanográficas — o «Vityaz-4» — procede a investigações na zona do Atlântico onde outrora se podiam ter situado as legendárias ilhas.

Diálogos de Platão

A Atlântida foi mencionada pela primeira vez nas obras do filósofo grego Platão, quatro séculos antes da nossa era.

Num dos seus diálogos — «Timeu» — Platão resume a lenda da Atlântida para ilustrar os seus conceitos sobre a dialéctica do Cosmos. Mas noutro, «Crítias», faz uma descrição completa daquele «continente perdido». Trata-se de uma compilação de numerosos dados geográficos, históricos e mitológicos.

Uma análise objectiva dos dados recolhidos por Platão revela que, se não são reais, o autor era de uma perspicácia excepcional, quase inverosímil. O filósofo relata que no oceano Atlântico, para lá das Colunas de Hércules (o Estreito de Gibraltar), existiu uma grande ilha, escala para os navegadores que faziam viagens a outras ilhas e ao continente situado além Atlântico.

Platão sabia, portanto, da existência da América e não tinha necessidade de inventar a Atlântida para ilustrar os seus conceitos filosóficos. Tanto mais que recusava, em geral, recorrer a tal método, inclusivé à tradicional mitologia grega.

A doutrina de Platão parte do princípio de que tudo tem uma causa, o que considera particularmente válido para o mundo em geral. Os dados históricos que recolheu são, por regra, fidedignos, o que nos leva a pensar duas vezes na sua descrição da Atlântida.

A lenda chegou ao conhecimento de Platão através dos descendentes de Sólon, seu parente por parte da mãe. A este foi contada pelos sacerdotes do templo da deusa Neith (deusa da sabedoria do Egipto antigo), quando da viagem que fez à cidade de Sais, seis séculos antes da nossa era.

A Platão, como a Sólon, interessava, na história da Atlântida, a grande guerra travada pelos proto-atenienses, aliados aos egípcios, contra os atlantes, em que estes perderam o domínio sobre todo o sul da Europa, desde a Espanha até à Itália. Esta guerra não figura nos papíros que chegaram até nós. Mas não esqueçamos que Diocleciano, imperador de Roma, mandou destruir um sem número de livros secretos dos sacerdotes egípcios e que muitos manuscritos se perderam durante o incêndio da biblioteca de Alexandria.

Ponto de união entre continentes

Quando nos defrontamos com acontecimentos históricos cuja autenticidade não pode ser determinada por factos, aparecem sempre dados indirectos a favor, e outros contra.

A descrição pormenorizada, feita por Platão, do relevo de um dos dez reinos da Atlântida, situado em torno da capital, corresponde à configuração do relevo submarino na zona dos Açores, descoberta pelas investigações oceanológicas modernas.

Um fenómeno tectónico tão poderoso como o afundamento brusco de uma grande ilha (de acordo com a descrição de Platão a ilha tinha uma superfície de cerca de 200 mil quilómetros quadrados e o continente um milhão) não podia deixar de provocar, no oceano Atlântico, ondas gigantes. Ora, entre os povos aborígenes das duas américas e entre os bascos (o povo mais antigo da Europa) a tradição oral manteve mitos sobre um dilúvio catastrófico ocorrido há doze mil anos e que nada tem a ver com a lenda bíblica.

Do ponto de vista oceanológico, o desaparecimento de uma grande superfície de terra firme no oceano Atlântico, no hemisfério norte, devia provocar o aumento de circulação de correntes oceânicas e modificar o clima. Este último facto verificou-se. A época referida coincide com o fim do período glaciário na Europa. Por outro lado, no local, onde conforme se supõe ficava a Atlântida, confinam três grandes lajes litostóficas — a americana, a africana e a euro-asiática — e a instabilidade da crosta terrestre, nesta zona, admite a probabilidade de fortes terremotos e imersões da superfície da Terra.

Mais razões de carácter histórico, geográfico, paleontológico e étnico poderiam ser aduzidas em favor da Atlântida, e outras tantas

contra. É porém digna de nota a coincidência do ponto de partida de dois calendários diferentes — o do Egipto Antigo, e o da Assíria — facto referido por Ignácus Donnelly (1831-1901), o político reformador e escritor americano, no livro «Atlântida, mundo ante-diluviano».

O calendário do Egipto Antigo baseava-se no ciclo zodiacal e o da Assíria no ciclo lunar, mas os pontos de partida de ambos coincidiam. Também na pedra-calendário de Tical, palácio antigo dos Maias, figura uma data correspondente ao ano 12 042 antes da nossa era, o que pode ser uma indicação de que os povos da Antiguidade contactavam entre si através de um arquipélago intermediário. Esse ponto de união dos povos, a Atlântida, englobaria, segundo a lenda, as grandes ilhas de Açórida e Antília e uma série de pequenas ilhas.

À procura da Atlântida

Uma verdade, em ciência, assenta sempre em dados experimentais e factos constatados com precisão. A Atlântida não pode fugir à regra.

Até aos anos 70 deste século, as investigações sobre o «continente perdido» limitavam-se à recolha e análise de factos históricos relacionados com o tema. Não existiam ainda meios eficazes que permitissem penetrar nas profundidades oceânicas para observar, fotografar e recolher amostras nas zonas onde, provavelmente, podia ter ocorrido, nos tempos antigos, a catástrofe. As pesquisas eram incentivadas pela força do mito, aproveitado em muitas histórias onde a imaginação brilha.

Com o desenvolvimento da oceanografia e os meios técnicos modernos a procura de vestígios de uma civilização desaparecida adquiriu um carácter mais concreto e científico.

Em 1976, durante uma expedição de um navio-laboratório soviético, foi fotografado o fundo do oceano na zona do banco de Amper, a ocidente do Estreito de Gibraltar. Entre as fotografias destacam-se as que reproduzem fragmentos de estruturas rectangulares divididas em blocos.

Os arqueólogos admitiram que as referidas estruturas talvez tenham origem artificial, dado que se assemelham a restos de uma alvenaria dos tempos antigos. Nas fotos divisam-se perfeitamente dois muros paralelos de pedras rectangulares, mais ou menos do mesmo tamanho, com uma espessura de cerca de um metro.

A notícia da descoberta destas estruturas submarinas despertou grande interesse no mundo científico, uma vez que o arquipélago de Amper fica situado na fractura Açores-Gibraltar onde, provavelmente, se teria situado a Atlântida.

Em 1979, a pesquisa do submarino Amper foi incluída no plano do barco-laboratório «Académico Kurtschátov». Em 10 de Dezembro desse ano desceu, naquela zona, às profundidades oceânicas, o aparelho tripulado «Piscis-2», equipado com câmaras de cinema, fotografia e televisão e um manipulador para recolher amostras de terreno.

Os tripulantes, A. Sagalevitch e V. Kuzin, examinaram o cume do monte, a 60 metros de profundidade e deslocaram o engenho por uma fissura até 30 metros mais abaixo. Tiraram fotografias, gravaram um videofilme e recolheram amostras. Mas nesta região, vizinha do Pico, não foram detectadas estruturas rectangulares semelhantes às alvenarias.

Os cientistas resolveram, então, fazer um levantamento fotográfico e televisivo mais detalhado do monte Amper, por meio de um engenho não tripulado, o «Zvuk-4m», dotado de radar de exploração lateral, de um potente foco de luz, de um sistema estereofotográfico e de um visor de televisão.

Em 4 e 5 de Março de 1980 o «Zvuk-4m» foi rebocado de noroeste a nordeste do monte Amper, numa extensão de 3,6 quilómetros de profundidade entre os 70 e os 130 metros. As 460 fotografias batidas e um videofilme de duas horas registaram estruturas rectangulares.

A disposição das lajes e dos pequenos blocos que as compõem e as suas dimensões podem ser provas da sua origem artificial. Mas estas fotografias não são suficientes para uma conclusão definitiva. É necessário examinar a parte nordeste do monte Amper por meio de aparelhos submarinos habitados e recolher amostras do material que forma as lajes e paredes.

A verdade científica continua ainda à espera da sua hora.

(NOVOSTI)

GENTES E PAISAGENS

Nova Florbela Espanca

Dias de Melo

Judite Jorge desperta-me, com os seus poemas, do torpor, da letargia a que durante meses me abandonei, esmagado, na clausura destas quatro paredes, pelas garras do sofrimento.

Chega de lá, da nossa ilha montanha. Daquela casinha branca, alcandorada no alto, à ilharga da estrada, no meio daquelas casinhas brancas que se encolhem, tímidas, ao redor da ermidinha modesta, que se dispersam, pontinhos brancos suspensos do ar, a meio da longa encosta que se espalha, quilómetros e quilómetros por ali fora, e que, vinda das alturas dos cabeços da serra, mergulha, lá em baixo, as raízes de basalto nas funduras do mar. Faias, incensos, urzes, tamujos, zimbros, buchos, silvados, feitos — imenso painel verde de matizes variados, aquela encosta extensa com as clareiras breves das terzinhas pobres, velgas, hortas, cerrados de milho e batatas a cair pelos campos nas redondezas das casas, com o enxadrado dos curralinhos de vinha, traçados a esquadro, com paredes singelas de pedra solta, nas proximidades da costa. Terzinhas de milho e batatas, velgas, hortas, cerrados, curralinhos de vinha, tudo escurecido, triste, arripado durante o inverno impiedoso, tudo cantando cantigas alegres de verduras mimosas, de verduras frescas, no pipiar ditoso dos canários, melros, tentilhões, no arrulhar feliz das pombas, durante a clara primavera de esperança, durante o rubro verão de sonhos maduros.

Judite Jorge naquela casinha branca nasceu, cresceu, se fez jovem. Desde menina, dia após dia, semana após semana, anos e anos consecutivos, foi aprendendo a ver a sua gente trabalhar em seus trabalhos pesados, gozar em suas alegrias simples.

O pai levantava-se, como ainda se levanta, pelo escuro da madrugada. À luz débil e trêmula da vela acesa, vestia no corpo sua roupa de cotim e lá de ovelha, enfiava nos pés suas botas grossas de couro atinado, deixadas ali à beira da cama, metia na cabeça de cabelos pretos, hoje a embranquecerem, seu boné usado. Ia, por aquelas veredas empinadas, a treparem por entre as frechas sombrias daqueles arvoredos, a caminho do mato, ordenhar as vacas nas pastagens. Com tempo mau, de ventanias e chuvaradas, de nevoeiros e trovoadas — o Senhor nos acuda! —, era um inferno a água e o frio a trespassarem-lhe as carnes até à medula dos ossos, o breu da escuridão a cegar-lhe os olhos, a graxa da lama em que se lhe enterravam os pés a patinar. Porém, com tempo bom, céu varrido de nuvens, iluminava-lhe os passos, até que o sol rompesse, o clarão das estrelas, que beijavam, lá em cima, as cristas arredondadas dos cabeços carecas, o clarão das estrelas que se reflectiam, lá em baixo, na planura imóvel do mar tranquilo. O clarão das estrelas — e o clarão do luar. Regressava, manhã adiantada, o leite fresquinho nas canecas de cedro perfumado e



de arcos amarelos dependurados às costas, mal chegava, era só meter uma dentada na boca, e logo abalava a trabalhar nas terras. Corpo cansado, dobrado, mãos duras, negras, calejadas, agarrava-se ao cabo do alvião, à rabiça do arado, a junta de bois a puxar adiante, e cavava, e lavrava.

A mãe amanhava a casa. Ia à lenha, picava-a com a foice afiada, fazia o feixe, apertava-o bem na corda, trazia-o à cabeça, acendia o forno, amassava o pão de milho no grande alguidar de barro de S. Miguel, deixava-o levedar, tendia-o, punha-o no forno, que varria com o varredoiro de esbarbeira ou rama de faia. Ao lado, em cima da grelha de ferro, no caldeirão de ferro, o lume a arder debaixo, fervia o caldo para o jantar ao meio-dia, couves com feijão, com batatas, um cheirinho de tocinho, enquanto o havia. Às vezes, ainda lhe crescia tempo e sobravam forças para acompanhar o marido nas andanças do mato, nas lideranças das terras.

Judite crescia, aprendendo a ver os pais trabalhar, já trabalhando também, aprendendo a ver os pais no gozo de suas alegrias ingênuas, já também compartilhando nelas. Os pais, os avós, a sua gente.

À noite, depois do ritual da ceia, a família reunida, silenciosa, na cozinha, em volta da mesa de pinho, os homens de cabeças descobertas, e depois de todos se lavarem das mãos e dos pés, com sabão e água quente vertida da chaleira na velha celha, era o caranço do

serão comprido, ao calor do boudoir a morrinhar no canto do lar, à claridade amarelada da chama da lamparina de petróleo — mais antigamente, da candeia de azeite de baleia, que a Judite não apanhou já. A mãe costurava, costurava e remendava, o pai fumava, falava de lavranças, sementeiras, colheitas, o avô, ancião letrado e artista perfeito que consertava e afinava relógios de maquinaria delicada com precisão rigorosa, contava contos. Judite ouvia-o, maravilhada. Os irmãos dormitavam.

Judite ouvia o avô e ouvia o tio poeta que tinha, e gostava de o ouvir a recitar, numa longa cantilena, os romances rimados em que contava histórias de coisas picarescas ou dolorosas que no lugar aconteciam.

Por fins de Dezembro, por Janeiro fora, vinham as matanças dos porcos. Aquele tio, poeta, cantador, tocador de instrumentos de cordas, engendrava sua versalhada, plantava-se à frente do seu rancho que, pela noite dentro, de porta em porta, cantava as morcelas — «O senhor dono da casa, / está direito e não está torto, / cá tivemos a notícia / que mataste hoje o porco» —, armava a sua folga nesta, naquela casa, pontecava a chamarrita na viola repençada, os pares no meio da sala a rodopiar — Vá de roda! Quebra de cadeira! Esta senhora! Ainda não quero! Esta! Entranceia! Volta! Torna a voltar! Abra o torreão! — E as cantigas garganteadas —

«Chega pares, chega pares, / chega pares ao terreiro, /

chega miúdos e grados, / toda a palha faz palheiro».

Judite Jorge, do balcão, das portas, das janelas da sua casinha branca, abria os olhos para a paisagem, para aquele mundo que se espalhava pela imensidão do mar até à curva do horizonte, que se aninhava, perto, na planura, povoada de casario, de Santa Cruz das Ribeiras, que esbarrava, a oeste, além de Santa Bárbara, na carranca rochosa da ponta do Arrife, a leste, contra a Calheta de Nesquim, na ponta do Morrocoão rasteirinha com as águas, e ali se ficava, pequenino, oprimido, esmagado, encarcerado. E nada mais a vista alcançava...

Isto — as labutas dos pais, as labutas dos seus, as suas tristezas, as suas alegrias, os contos do avô, as versalhadas do tio, aquela paisagem sempre igual, aquele mundo assim medido entre aquelas duas pontas (no dizer dela, «aquele mundo que se fechava entre uma ponta e outra ponta», enquanto «os filhos da ilha queriam ir mais além»), isto o que se foi entrando no ser de Judite Jorge. Isto — o que nos toca na infância são marcas que nos ficam para o resto da vida —, que é o cerne da poesia desta jovem de dezasseis anos, a nova Florbela Espanca, que o há-de ser um dia:

Apenas dois dos seus poemas: «eu ando aqui / mas não estou aqui / neste lugar onde os homens só acordam / quando as gaivotas já forjaram a partida / não sou daqui / deste mundo cimentado!/// eu sou de lá / de onde os ventos assobiam / sopram e arrebatam / os telhados das cabanas /// lá / onde os camponeses / acordam cedo, ainda breu, / de pele escura e botas de couro / ao pé da cama /// e se levantam / com factos e velas de luz nos olhos / varrendo as madrugadas silenciosas / à procura das pastagens».

«mãe, face a todo o sal que há no teu sangue, / depois do mar saturado de ser visto p'los ilhéus / olha, mãe, não há dimensões por encontrar!/// oh mãe, quanto valem as tuas mãos / encardidas por fornadas de bolo e pão de milho / anos e anos a fio, sem bormas de fuga nos teus olhos dormidos /// talvez me perdesseis nalguma maré enfurecida / mas sabe, mãe, que eu ainda sou muito / a sombra embrutecida da menina dos teus olhos / e sempre que te lembre alguma califórnia distante / puxa do teu vestido enebado o regaço do teu seio farto /// talvez saibas um dia, mãe, / quantos choros escondi quando os sopros de lava / me magoavam as entranhas e gritavam unicamente / o teu nome como germen criador de sempre».

A poesia da Judite Jorge toca-me. Tanto que me arrancou à prostração em que caíra e me levou a fazer aquilo de que me convencera que nunca mais faria: escrever estas linhas que acabo de escrever.

tem a palavra o leitor

UM GOVERNO QUE DIVIDE

O discurso vertical do presidente da Câmara de Chaves, no dia 14, perante o primeiro-ministro, seu correligionário, veio chamar a atenção para um caso bastante chocante. Mais do que nenhum outro governo o da AD tem conseguido dividir profundamente os portugueses, pondo os do interior contra os do litoral, os do sul contra os do norte, os do resto do país contra os da Madeira, dos Açores ou do Algarve e, ainda os do Grande Porto contra os da Grande Lisboa. É até frequente ouvir-se os habitantes da região metropolitana de Lisboa queixarem-se da macrocefalia empresarial e industrial da região metropolitana do Porto, e os residentes no Grande Porto lamentarem-se da macrocefalia de serviços da Grande Lisboa... Acho que teria sido muito mais curial e patriótico ao Governo procurar a união de todos os portugueses, mostrando-lhes que afinal não há

em Portugal regiões bastante desenvolvidas mas apenas zonas menos atrasadas. Basta confrontá-los com outros similares da Europa e lembrarmos-nos de que, por exemplo, somente na cidade de Lisboa (excluindo a região de que é centro) há falta de 150 000 casas e, em contrapartida, constroem-se autênticas insignificâncias, mormente actualmente com a semiparalisação da nossa construção civil por causa da falta de crédito à habitação. Finalmente, acho que seria de meditar nos casos da Grã-Bretanha e da França, dois países relativamente pequenos à escala mundial (ambos com menos de 5 000 000 km²) e que, sem complexos de macrocefalia e sem deixarem simultaneamente de descentralizar e desenvolver totalmente os seus territórios nacionais, conseguiram erguer duas das maiores capitais mundiais: Londres e Paris...

António Manuel de Almeida Vitória
Rua Vítor Bastos, 68, s/c Esq. — 1000 Lisboa

ponto a ponto

● Os deputados do CDS reuniram-se com o ministro da Agricultura, **Basílio Horta**, num encontro que decorreu na Assembleia da República e terminou de madrugada. No final, Rui Pena, líder parlamentar dos centristas, escusou-se a dar informações mais detalhadas sobre o modo como decorreu a reunião. «Foi uma reunião com um ministro do CDS, tal como tem havido outras, com outros membros do Governo» — limitou-se a dizer Rui Pena. Nas jornadas parlamentares do CDS, que se efectuaram recentemente em S. Pedro de Muel, a política agrícola do Governo foi objecto de várias «críticas construtivas» por parte de diversos deputados centristas.



● A habitual audiência semanal de trabalho entre o Presidente da República e o Primeiro-Ministro ou o seu substituto legal não se realizou ontem. Um informador da Presidência da República limitou-se a dizer que «a reunião não fazia parte da agenda do Presidente da República», não adiantando mais pormenores. Normalmente, na ausência do Primeiro-Ministro no estrangeiro o Presidente da República recebe o vice-Primeiro-Ministro, Diogo Freitas do Amaral, para tratar de assuntos correntes do Estado.



● O governador de Macau, contra-almirante **Almeida e Costa**, partiu para uma visita à Malásia e a Singapura. O governador, que é acompanhado da esposa e pelo vice-ministro do Turismo, Jorge Rangel, deverá visitar Kuala Lumpur, Malaca e Penang (Malásia) antes de chegar, na próxima quinta-feira, a Singapura. Durante a ausência de Almeida e Costa, as suas funções serão asseguradas interinamente pelo coronel Amaral de Freitas, chefe da segurança daquele território.

● O ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, Silvino da Luz, chega no próximo dia 22 a Lisboa, em trânsito para a Itália. A estada na capital portuguesa será apenas de um dia, a título particular, enquanto a viagem à Itália é oficial e permitirá inclusive abordar a situação de perto de dez mil cabo-verdianos residentes naquele país. O embaixador de Cabo Verde em Portugal, André Corsino Tolentino, é também acreditado junto dos Governos da Itália e da França.



● A Comissão Parlamentar de Saúde decidiu convidar o ministro Luís Barbosa para uma reunião destinada a debater as taxas moderadoras de saúde — disse José Niza (PS), presidente da comissão. A data da reunião ainda não foi fixada — acrescentou.

● A Embaixada da Guiné-Bissau em Lisboa minimizou ontem a importância do incidente que no sábado ocorreu naquele país e que na quarta-feira foi abordado pelo presidente João Bernardo Vieira com os seus principais colaboradores. «Uma pequena coisa entre militares» — foi dito à ANOP naquela representação diplomática, a propósito do incidente ocorrido numa unidade de blindados, em Brá, perto de Bissau, e em que morreu um oficial das Forças Armadas guineenses.



● O chefe do Estado-Maior do Exército salientou em Lisboa a «colaboração que tem vindo a ser dada pelo Exército a entidades civis em acções de reconstrução nacional». **Garcia dos Santos** falava na sessão de encerramento da «Semana da arma de Transmissões» e referia-se a acções realizadas pelo Exército no âmbito da engenharia, formação profissional, desporto e indústria electrónica, conjuntamente com os Ministérios da Administração Interna, Trabalho, Qualidade de Vida, Indústria e Energia, respectivamente. «Cabe às Forças Armadas, no âmbito das funções que lhe são constitucionalmente atribuídas, a colaboração nas tarefas de reconstrução nacional» — disse, acrescentando que é «interpretando esta determinação que o Exército tem vindo a concretizar diversas acções conjuntas com entidades civis».

● O presidente da Câmara Municipal de Tomar convidou o Papa a visitar a cidade por ocasião da sua próxima viagem a Portugal. O anúncio do convite foi feito por Armando Marques Murta, durante a última reunião da edilidade tomarense. João Paulo II deslacha-se a Portugal, em peregrinação a Fátima, no dia 13 de Maio devendo prolongar a sua estada até 15 de Maio.

Relações luso-moçambicanas

“Evolução notável” — considera-se em Maputo

As relações entre Moçambique e Portugal conheceram, nos últimos meses, uma evolução que meios locais consideram notável, tendo em conta as sombrias perspectivas existentes ainda há dois anos.

Um indicador, seguro do fenómeno actual é, por exemplo, a multiplicação de contactos a todos os níveis que nas últimas semanas se têm registado entre autoridades de ambos os países.

Os interesses empresariais portugueses em Moçambique têm também manifestado uma nítida tendência de crescimento, quer em volume de negócios quer na abertura de novas áreas de expansão.

Uma consulta às listas de hóspedes dos principais hotéis de Maputo permite facilmente concluir que os portugueses (técnicos, empresários, outros) figuram em número predominante.

A aproximação entre os dois países, de que a situação actual é uma espécie de corolário, iniciou-se exactamente há um ano, quando o ministro moçambicano dos Negócios Estrangei-

ros visitou oficialmente Lisboa.

Joaquim Chissano esteve na capital portuguesa em Março de 1981 e inaugurou um diálogo político cuja inexistência atrofiava o desenvolvimento das relações bilaterais no seu conjunto.

Antes, o clima de tensão que marcava as relações entre os dois países tinha-se já desanuviado consideravelmente, sobretudo depois de algumas concessões mútuas que levaram, por exemplo, a que Portugal renunciase à pretensão de discutir o chamado contencioso económico.

O papel assumido nesta fase pelo antigo Primeiro-Ministro português, Sá Carneiro, é ainda evocado em Moçambique, onde o seu rasgo é considerado a origem mais remota da actual aproximação, acentuada há três meses e três semanas com a visita do Presidente Eanes.

As relações entre Portugal e Moçambique — até por terem um componente empresarial muito forte — são orientadas por critérios de *deve e haver*, ou

seja, processam-se numa base de interesse mútuo.

No entanto, tendo em conta as enormes carências locais em matéria de quadros e de tecnologias, que o funcionamento da economia e as necessidades de desenvolvimento requerem, Moçambique retira benefícios adicionais da cooperação bilateral.

Uma fábrica que uma empresa estrangeira recupera em Moçambique é com certeza um negócio de interesse recíproco mas à escola das realidades locais e numa perspectiva de futuro a operação tem sempre um valor acrescido.

Moçambique é um país que recebe muitas propostas de cooperação porque há um mundo de coisas a fazer e também porque a sua importância económica e política mantém despertados muitos interesses.

Mas é que em Moçambique é corrente é que nem todas as experiências de cooperação em que o país se envolveu com outros Estados foram bem sucedidas, pelos motivos mais diversos.

Esta evidência também contribuiu muito para a formação da actual tendência de recurso mais intenso à cooperação portuguesa — o que, por tabela, se reflecte no conjunto das relações bilaterais.

Hoje parece um dado adquirido que é a cooperação portuguesa a que melhores aptidões reúne, tendo em conta que os seus agentes usam uma língua comum, conhecem o país e revelam uma capacidade de integração considerada excepcional.

As autoridades moçambicanas provavelmente também atribuem certa importância ao facto de Portugal não ser uma grande potência capaz de tirar partido da cooperação para exercer determinadas influências não toleradas localmente.

Por outro lado, o que actualmente se passa também tem muito que ver, ao nível de Moçambique, com um sentimento muito generalizado, que é bastante favorável à aceitação dos portugueses.

Xavier Figueiredo, ANOP/«DL»

assembleia da república

Na próxima semana

Carlos Brito abre debate da Moção de Censura

A abertura e o encerramento do debate parlamentar sobre a moção de censura do PCP ao Governo pertence ao líder parlamentar dos comunistas, Carlos Brito.

Com efeito, nos termos do regimento da Assembleia, cabe ao primeiro signatário da moção o direito de abrir e encerrar o debate nos dias 24 e 25, respectivamente.

Uma fonte do grupo parlamentar do PCP disse «não haver razões para que não seja o presidente do grupo parlamentar a exercer esse direito».

«No nosso entendimento, a frente parlamentar do partido é representada pelo presidente do grupo parlamentar, é este que lidera a representação do partido na Assembleia da República», frisou a mesma fonte.

Na abertura, Carlos Brito fala hora e meia e depois o Primeiro-Ministro tem o direito de intervir durante uma hora.

No encerramento, Balsemão primeiro e Carlos Brito depois

podem falar até meia hora cada um.

Encerrado o debate, proceder-se-á na mesma reunião, e após uma hora de intervalo, à votação.

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP e deputado eleito por Lisboa, em efectividade de funções, poderá ou não participar na votação. Se não puder, será substituído.

A moção de censura do PCP é a segunda num mês contra o Governo presidido por Francisco Pinto Balsemão. A anterior, apresentada pelo PS, foi derrotada na madrugada de 4 para 5 por 130 votos contra e 116 a favor.

Até final da presente sessão legislativa (Outubro deste ano) o PS, e provavelmente o PCP caso a sua moção seja derrotada como se prevê, não poderão apresentar mais moções de censura.

Só o MDP/CDE a ASDI e a UEDS têm ainda esse direito.

Recusados dois recursos de Costa Martins

O ex-ministro do Trabalho, major Costa Martins, viu recusada a recepção de dois recursos seus na chefia do EMFA — soube-se de fonte militar.

Costa Martins requereu, a 9 de Novembro do ano passado, a indicação da unidade em que deveria apresentar-se, depois da aplicação da Lei da Amnistia, a 28 de Julho de 1979.

No dia 1 de Fevereiro passado foi comunicado a Costa Martins o seu requerimento havia sido indeferido por alegada falta de apoio legal, pelo que requereu, a 2 de Março, certidão do referido despacho.

O centro de recrutamento da Força Aérea devolveu no dia seguinte o requerimento, informando que Costa Martins era «major miliciano na situação de licenciado» — disse a mesma fonte que adiantou no entanto que «não existe qualquer despacho, legal ou mesmo ilegal, que tenha determinado a passagem ao escalão das tropas licenciadas».

No passado dia 14, foi ilegalmente, segundo a fonte, recusada a recepção de dois recursos de Costa Martins: um dirigido ao Supremo Tribunal Militar (contencioso) e outro (hierárquico) ao próprio CEMFA, que ali tinham sido levados pelo seu advogado, o qual se viu forçado a proceder à sua entrega, directamente, no Supremo Tribunal Militar.

**NÃO FUME
EM
RECINTOS
FECHADOS**

Aborto votado nesta sessão legislativa?

Eleitores pressionam os seus partidos

O Partido Comunista está a pensar em provocar a votação dos seus projectos de lei sobre a Maternidade e o Aborto até ao fim da actual sessão legislativa — disse à ANOP Zita Seabra.

O assunto, a respeito do qual vários partidos defenderam a realização de um debate (e neste sentido se pronunciaram 65 deputados do PSD) provocou o envio de numerosas correspondências para o Parlamento.

O presidente da Assembleia, os partidos da AD e a ASDI receberam mensagens em geral contrárias ao projecto do PCP, enquanto este partido recebeu numerosas cartas de apoio à sua iniciativa.

No gabinete do presidente do Parlamento foram recebidas numerosas cartas contra a legalização do aborto e apenas duas a favor.

As mensagens contra, muitas das quais são abaixo-assinadas, totalizam 12 368 assinaturas (só

uma, oriunda da Guarda, tem 7766) — disse Luísa Neves, do gabinete de Oliveira Dias.

O PSD recebeu 43 cartas, todas contrárias ao projecto de legalização do aborto, várias das quais colectivas, num total de 828 assinaturas — informou o Grupo Parlamentar do PSD.

O gabinete parlamentar do PS recebeu apenas uma carta sobre o assunto, manifestando oposição ao projecto do PCP — disse à ANOP Naida Reis, deste grupo parlamentar.

O CDS recebeu 33 cartas, todas contrárias ao projecto (várias das quais abaixo-assinadas).

O PCP, recebeu mais de cem cartas e ainda um abaixo-assinado de 250 trabalhadoras da Lisnave, todas de apoio à iniciativa deste partido — disse Zita Seabra.

Das cartas recebidas pelo PCP, a maioria são de pessoas não-filiadas neste partido e, em

número semelhante, as escritas por homens e por mulheres — acrescentou.

O PPM recebeu sete cartas contra o projecto de lei e uma a favor — disse à ANOP, Teresa Sousa Costa, do grupo parlamentar dos monárquicos.

A UEDS não recebeu, em S. Bento, qualquer correspondência sobre o assunto — afirmou uma fonte deste grupo parlamentar.

A ASDI recebeu quatro mensagens, todas contrárias ao projecto de legalização do aborto — disse António Fontes, do grupo parlamentar da ASDI.

O MDP/CDE recebeu pedidos de participação do partido em debates e sessões de esclarecimento sobre a questão, mas nenhuma de apoio ou rejeição do diploma — explicou João Vargas, do grupo parlamentar do MDP/CDE.

Uma das cartas colectivas recebidas pelo PSD manifesta a

esperança de que os deputados da AD «não desiludam a confiança que o povo português neles depositou e tenham coragem para dizer sim à vida quando a proposta sobre a legalização do aborto for discutida».

A actriz Graça Lobo, dirigiu um telegrama ao PCP, dizendo que «a realidade mais elementar de justiça social ultrapassa divergências políticas» e expressa o seu «total apoio vossa proposta despenalização aborto».

Grávidas sofrem sanções na TAP

Deputadas do PCP queixaram-se à Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) da sanção de que são objecto as assistentes de bordo da TAP quanto a grávidas.

Numa carta à CITE, as deputadas criticam um despacho conjunto sobre o assunto, dos mi-

nistros dos Transportes e do Trabalho.

O despacho estabelece que o pessoal navegante feminino, em estado de gravidez clinicamente comprovado, será colocado temporariamente em serviço de terra compatível com as suas aptidões profissionais — disse à ANOP Zita Seabra.

Acontece que, de acordo com as normas em vigor, o pessoal navegante feminino sofre, nessas circunstâncias, uma diminuição da sua retribuição mensal que oscila entre os 7500 e os 15 mil escudos.

Portugal, pela Lei 23/80, ratificou a Convenção sobre a Eliminação de Discriminação contra as Mulheres — recordou.

Nos termos dessa convenção, Portugal obrigou-se, nomeadamente, a tomar medidas para evitar a discriminação contra as mulheres por causa do casamento ou da maternidade — acrescentou.

Crimes políticos

Deputados subscreveram projecto de amnistia

Deputados de quase todos os partidos com assento Parlamentar subscreveram o projecto de lei entregue ontem na Assembleia da República que amnistia crimes «de fim exclusivamente ou predominantemente político».

O documento visa os crimes cometidos entre 25 de Abril de 1974 e 30 de Novembro de 1981 «não abrangidos por anteriores amnistias, independentemente da conjuntura em que tiveram ocorrido».

Estabelece ainda que não serão abrangidos os crimes «consistentes em actos de coacção física ou moral sobre detidos ou em crimes dolosos de que tenha resultado a morte».

O projecto refere ainda no primeiro dos seus quatro artigos que com a sua eventual entrada em vigor ficam também amnistiados os crimes de uso e

porte de arma sem finalidade criminosa.

A amnistia prevista «não extingue a responsabilidade civil emergente dos factos delituosos praticados, podendo os ofendidos, requerer o prosseguimento dos processos em que hajam deduzido pedido civil de indemnização».

O preâmbulo do projecto de lei defende que «é talvez chegada a altura de a Assembleia da República assumir uma atitude inteira e, de nesta matéria, deixar de agir como que a prestações de coerência».

O texto repudia o regresso ao conceito de crime político do Decreto-Lei n.º 259/74 de 15 de Junho que prescinde da exigência da exclusividade do fim político, ainda que sem prescindir da exigibilidade da predominância desse fim.

Explica que no referido decreto-lei «nem só uma vaga finalidade política pode conferir a natureza de político a um dado crime, nem só uma finalidade não política, de mistura com um fim predominantemente político, pode retirar-lhe a sua natureza».

Salienta a necessidade «de que de uma vez por todas se entere o ódio político em Portugal e se guardem as energias para as grandes tarefas da conquista do futuro em democracia».

Diz ainda que «não deixa de ser significativo, aliás, que o presente projecto de lei surja subscrito por deputados de todas as bancadas da Assembleia da República, em sinal de comunhão num anseio de paz cívica que lhe é comum».

Pelo PCP nenhum deputado subscreeu o projecto de lei.

Eanes em Angola no próximo mês

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, visita oficialmente a República Popular de Angola de 15 a 19 ou 20 de Abril, revelaram fontes oficiais.

As mesmas fontes disseram que «tudo aponta para que a viagem se realize nas datas referidas, embora não haja ainda uma garantia a 100 por cento».

João Salgueiro

O Ministério português dos Negócios Estrangeiros confirmou oficialmente a visita à República Popular de Angola do ministro de Estado e das Finanças e do Plano, João Salgueiro, de 23 a 27 deste mês.

João Salgueiro, que será acompanhado pelos secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Exportação, Leonardo Matias e Faria de Oliveira, respectivamente, presidirá em Luanda a delegação portuguesa à segunda reunião da comissão mista luso-angolana.

Expressamente confidencial

* São aguardados, com a mais viva curiosidade, os resultados das investigações relativas à tentativa insurreccional de 12 de Fevereiro. Apesar do «segredo de justiça» podemos informar que o automóvel, apreendido no alto do Parque Eduardo VII, não tinha características militares, sendo, portanto, um boato sem fundamento que se tratava de uma «Chaimite» disfarçada de «Taunus» usado.

* O «Grupo de Operações Especiais», instalado na Quinta das Águas Livres (Belas), não recebeu o encargo de assegurar a protecção próxima de um ministro que carece de ser protegido.

* Fracassadas as candidaturas a cargos em organizações internacionais, o ministro André Gonçalves Pereira não se mostra interessado — como fizeram constar diplomatas da «carreira» — num cargo de assessor da Presidência da República para assuntos africanos.

* Também não tem fundamento que o dr. João Salgueiro se tenha oposto, em reunião do Conselho de Ministros, à concessão de uma verba especial para charutos ao ministro dos Negócios Estrangeiros, nem que tenha exigido que fosse esclarecido se os charutos constituíam dotação para recepções diplomáticas ou se se destinavam ao consumo pessoal do ministro.

* O general Firmino Miguel estaria desiludido, mas, dizem-nos, que conformado. Esta semana «O País» não indicou o seu nome como futuro candidato à Presidência da República, e, o que é perturbador, publicou uma extensa entrevista com Mário Soares. Novos amores ou informação de ponta?

* Jantaram esta semana em Lisboa, no mesmo dia, mas em mesas diferentes e em diferentes restaurantes, dois homens políticos que nos confirmaram desejar manter reserva da ementa que escolheram.

* Um novo facto político: um secretário de Estado descobriu um instrumento de precisão para medir e pesar «moções de censura».

* Não se compreende que, por falta de iniciativa ou de capacidade técnica dos editores gregos, o livro «Balsemão: o Retrato» não tivesse estado pronto a tempo de ser posto à venda nas livrarias de Atenas quando da visita do nosso Primeiro-Ministro. Não obtivemos confirmação, porém, da tradução grega da importante obra ser prefaciada por Melina Mercuri, ministro da Cultura do Governo de Atenas.

* Não tem qualquer fundamento que o ministro da Administração Interna tenha mandado vigiar o «Botequim». A medida, que parece não ter sido adoptada, destinar-se-ia a impedir que o deputado João Morgado se iniciasse na vida nocturna da capital, mesmo com o inocente pretexto de um convívio literário.

Descongelamento dos mísseis «SS-20»

À proposta soviética Portugal disse “nada”...

«Não é uma proposta válida dado que mantém a superioridade soviética actual». Com estas palavras, ditas ontem em Atenas, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira, mostrou que a diplomacia portuguesa não leva a sério o anúncio por parte da URSS de que o emprego dos mísseis nucleares «SS-20» na Europa vai ser descongelado.

E Gonçalves Pereira prosseguiu: «a proposta de Brejnev — os mísseis «SS-20» não serão de futuro instalados a Ocidente dos Urais se a NATO desistir do emprego de mísseis «Cruise» e «Pershing II» na Europa Ocidental —, perpetua um inaceitável «statu-quo», pois não basta descongelar as instalações de mísseis. É necessário desmantelá-las».

As palavras do titular do MNE, ditas no final da visita de dois dias que Pinto Balsemão efectuou à

Grécia, denotam uma certa incompatibilidade com aquelas proferidas pelas autoridades gregas. Com efeito, o primeiro-ministro grego congratulou-se com a declaração de Brejnev, considerando-a «uma acção muito positiva, que deverá motivar uma resposta positiva do Ocidente».

Adesão da Espanha à NATO

A Comissão Parlamentar de Defesa decidiu sugerir à Assembleia da República o adiamento do debate de adesão da Espanha à NATO que, em princípio, se encontrava agendado para 30 de Março.

A decisão foi tomada durante uma reunião havida ontem, em S. Bento, entre a Comissão Parlamentar de Defesa e o secretário de Estado Carlos Pardal.

Durante a reunião, que incidiu principalmente na questão da posição portuguesa sobre a adesão da Espanha à NATO, deputados de todos os partidos interrogaram o Governo sobre a salvaguarda dos interesses estratégicos portugueses perante a entrada da Espanha na Aliança Atlântica.

Beja: de base alemã a base da NATO?

O secretário de Estado da Defesa da RFA, Joachim Hiehle, não confirmou nem desmentiu ontem que a base militar de Beja seja transformada em base militar da NATO.

Joachim Hiehle, que acabava de fazer uma visita de dois dias a Portugal, disse não ser no entanto essa a missão que o trouxe a Portugal. «Foi, sim, a de examinar

em que medida têm sido realizados os acordos entre Portugal e a RFA» — disse.

Sobre a NATO, acrescentou que os dois países «tudo farão para corresponder à responsabilidade comum contraída com a NATO».

A Madeira e a NATO

Alberto João Jardim afirmou ontem, na ilha de Porto Santo, que «a posição geográfica africana do arquipélago da Madeira jamais poderia ser utilizada para quaisquer intuítos agressivos contra os árabes».

O líder madeirense adiantou, contudo, que o arquipélago «continua inequivocamente solidário com as preocupações defensivas da Aliança Atlântica».

Enquanto se preocupa com “imagem negativa do arquipélago”

Mota Amaral defende maior cooperação com os EUA

O chefe do Executivo dos Açores, Mota Amaral, exprimiu ao Presidente da República preocupação pela «campanha desenvolvida por certos meios do continente no sentido de criar uma imagem negativa da autonomia».

A saída de uma audiência de cerca de uma hora com Ramalho Eanes, Mota Amaral comentando críticas que têm sido feitas, adiantou que os arranjos financeiros «têm como objectivo estabelecer uma igualdade aritmética entre os cidadãos da região e do continente».

Mota Amaral especificou que esses pontos tinham sido abor-

dados durante a audiência juntamente com outros respeitantes à evolução dos problemas dos Açores, visto que já há cerca de três meses se não avistava com o Presidente da República.

Respondendo a perguntas dos jornalistas, afirmou fazer uma análise coincidente com a do Governo quanto à importância estratégica dos Açores que, «circunstâncias internacionais vieram revalorizar».

Em relação às negociações sobre a utilização pelos Estados Unidos da Base Aérea das Lajes disse que se espera um sinal desse país quanto às propostas portuguesas.

Durante a sua permanência de um dia e meio em Lisboa o líder açoriano teve também contactos com o presidente da Assembleia da República e com o ministro das Finanças, não tendo aprofundado mais contactos com o Governo devido à ausência de Pinto Balsemão.

Já nos Açores, para onde partiu depois da audiência em Belém, Mota Amaral retomou o tema da participação americana no desenvolvimento do arquipélago.

O presidente do Executivo, defendeu o alargamento da participação dos Estados Unidos, ressaltando que os Açores «não

querem ser uma fortaleza no meio do Atlântico, mas sim parceiros de um projecto de sociedade».

«Para isso — acrescentou — precisamos da participação norte-americana nos grandes investimentos necessários ao desenvolvimento do arquipélago».

Afirmou, por outro lado, ser necessário sensibilizar a opinião pública do continente para os problemas das regiões autónomas e repetiu a opinião de que existe uma campanha a nível nacional, visando denegrir o processo autonómico.

Para a AD ganhar as locais

Governo prepara remodelação e moção de confiança

O Governo de Pinto Balsemão vai procurar relançar a sua imagem logo que esteja concluída a revisão constitucional.

A decisão terá sido adoptada na reunião do «conselho político» do Executivo, constituído por Balsemão, Freitas do Amaral, Ribeiro Teles, João Salgueiro, Rebelo de Sousa, Ribeiro e Castro e Meneres Pimentel, e é hoje revelado pelo semanário «Expresso».

Partindo do princípio de que sobreviverá até essa altura, Balsemão poderia remodelar o Governo, provavelmente asmentando o número de ministros, e apresentar no Parlamento uma moção de confiança.

Para já, o Governo deixaria que a oposição mantivesse a sua ofensiva antigovernamental, tentando ao mesmo tempo preservar a imagem dos principais líderes da AD.

Depois de concluída a re-

visão, o que só se deve verificar em Junho ou Julho deste ano, seria a altura para pensar nas eleições autárquicas, previstas para Novembro. Logo em Outubro, no recomeço da sessão parlamentar, poderia ser apresentada a moção de confiança.

Quanto à remodelação governamental, existiriam duas teses diferentes — ou se mantêm todos os ministros, nomeando novos titulares para a Reforma Administrativa, hoje em dia ocupada pelo ministro da Justiça, Meneres Pimentel, e para as Obras Públicas, hoje dependentes do ministro da Habitação e Transportes, Viana Baptista, ou se afastam os ministros mais contestados.

Na primeira hipótese poderiam ser afastados alguns secretários de Estado e, nomeadamente, o contestado responsável pelas Pescas, Gonçalves Viana.

No caso de se afastarem alguns ministros, solução que

Balsemão não apoiaria, parece que a dificuldade está na escolha. O «Expresso» refere apenas Vítor Crespo, Luís Barbosa e Fernando Amaral, que seriam os mais contestados, ou noutro cenário, João Salgueiro Gonçalves Pereira e Basílio Horta, que têm manifestado vontade de sair. No entanto é de referir que Basílio Horta é também contestado pelo seu próprio partido e que são publicamente conhecidas as divergências que opõem Meneres Pimentel ao MAI, Ângelo Correia. Aliás, este membro do Governo é um dos que, publicamente, dá pior imagem do VIII Governo Constitucional e é mais contestado junto da opinião pública.

No fundo, estas questões traduzem a insegurança do Executivo perante o seu próprio futuro e a consciência de que também em termos de imagem o resultado destes meses de governação AD é francamente negativo.

Na TV: “tempo de pôr as coisas na ordem...”

“É iminente a saída de Proença de Carvalho”

— afirma ao “DL” Ferreira do Amaral

É evidente que estou convencido da iminência da saída de Proença de Carvalho. Caso contrário, não teria regressado ao Parlamento... — afirmou ontem ao “DL”, no primeiro dia do seu regresso às lides parlamentares, o deputado Ferreira do Amaral, do PPM.

Após se ter demitido do Executivo liderado por Pinto Balsemão, por discordância total com a prática que estava a ser conduzida nos órgãos de Comunicação Social estatizados, e ter anunciado, posteriormente, que não regressaria ao Parlamento enquanto aquela situação imperasse, Ferreira do Amaral era, ontem, na AR, a imagem do político seguro de ter obtido ganho de causa.

Numa curta conversa com o redactor do “DL”, Ferreira do Amaral considerou ser tempo de pôr as coisas na ordem. Para o deputado do PPM não faz sentido que a poucos meses das eleições autárquicas nada se faça para criar um clima de isenção. Proença de Carvalho e a sua equipa já deram mostras do que valem. Importa, pois, que se vão embora — sublinhou.

Instado a revelar se o con-

senso é total nas hostes da AD para que Proença de Carvalho abandone a RTP, Ferreira do Amaral reconheceu que as coisas não são assim tão simples. Há pessoas empenhadas, adiantou, no continuar desta situação, mas também existem outras que já chegaram à conclusão de que ela não pode continuar.

O seu regresso não poderá cavar ainda mais a crise existente no seio da AD? A esta pergunta, Ferreira do Amaral respondeu: Se há crise ela não se deve às pessoas que colocam problemas pertinentes e se regem pelo programa proposto ao eleitorado, em 1979, pela Aliança Democrática. Incluo-me no rol dessas pessoas. Consequentemente, não vejo porque é que a minha presença nas bancadas da AD e as minhas posições consentâneas, repito, com o programa da AD, possam contribuir para crises ou divisões...

Ferreira do Amaral sublinhou ainda ao “DL” que ele e o seu partido estão convencidos de que o caso Proença e não só vão ser resolvidos muito em breve. E no caso de o não serem? Nesse caso, adiantou, a nossa paciência

tem limites. Na parte que me toca, sou um homem paciente. Mas só até um certo ponto...

E à laia de acrescento: Houve acordos, houve consenso. Urge respeitá-los...

Por último, Ferreira do Amaral negou que o projecto de lei que se prepara para defender no Parlamento — nomeação do presidente da administração da RTP pela Assembleia da República — consiste numa vingança sua em relação a Proença de Carvalho.

Nada me move de pessoal contra o dr. Proença de Carvalho. Não é o homem que está em causa, mas a sua política. Proença de Carvalho já demonstrou não ser pessoa isenta. Ora, considero, que a isenção e o consensualismo devem primar na Comunicação Social. Na estatizada com maior número de razões. As pessoas que avançam com essas acusações de vingança são aquelas que têm uma visão da Comunicação Social idêntica à do sr. Proença de Carvalho. E que, em suma, querem que ele continue à cabeça da RTP — concluiu.

POUPE ÁGUA E ENERGIA

PS propõe Lei Quadro da Habitação

Descentralização política e Plano Nacional de Habitação

O projecto de Lei-Quadro da Habitação apresentado esta semana pelo PS, no Parlamento, prevê a institucionalização do subsídio de habitação às famílias de menores recursos.

O documento estipula que a atribuição desse subsídio será regulamentada por decreto-lei e a ele terão direito todos os agregados familiares cujo rendimento mensal não exceda três vezes e meia o Salário Mínimo Nacional.

Condiciona, contudo, esse direito aos agregados que habitem em casas sujeitas ao arrendamento condicionado.

A proposta socialista defende que a política de habitação será concebida e realizada de forma descentralizada, cabendo às autarquias locais o estabelecimento de programas habitacionais e a sua promoção.

Defende também que o Estado não deterá responsabilidades directas na construção de habitação, mas assumirá os encargos e custos financeiros necessários à efectivação dos regimes especiais de promoção habitacional.

Por outro lado, o Governo deverá promover a audição das Associações de Inquilinos e Moradores, Associações de Proprietários e outras entidades ligadas a este sector de modo a que os seus pontos de vista possam ser tidos em conta na elaboração do Plano Nacional de Habitação.

Deverá ainda apoiar a representação dessas entidades no Conselho Nacional do Plano.

Prevê também o documento que os Municípios devem constituir junto dos seus serviços uma Comissão Consultiva de Moradores, que emitirá obrigatoriamente parecer sobre as propostas da política habitacional e sobre a gestão urbanística a realizar na respectiva autarquia local.

No respeitante à política de solos determina que não poderão beneficiar de qualquer ajuda, facilidade ou incentivo financeiro ou fiscal, as novas habitações que não sejam construídas em terreno expressamente aprovado pelos Municípios para o respectivo programa habitacional.

O Governo apresentará periodicamente ao Parlamento um **Plano Nacional de Habitação** que fixará o volume de novas habitações a construir durante o período a que se reporte e, entre outros pontos, os limites de crédito disponível.

O Plano Nacional de Habitação deverá ser elaborado com base nas propostas previamente apresentadas pelas autarquias municipais «tendo em conta inquéritos actualizados relativos às carências e à situação da qualidade da habitação no País».

O projecto de lei do PS prevê ainda que o Plano anual e o Orçamento do Estado submetidos à aprovação da Assembleia da República conterão, obrigatoriamente, os programas anuais do Plano Nacional de Habitação.

Para dar cobertura às necessidades das camadas da população com menos recursos propõe-se a instituição do regime de **Habitação Protegida** e do regime de **Habitação Apoiada**.

As habitações construídas ao abrigo do regime de Habitação Protegida dispõem de crédito bonificado para a sua compra e podem destinar-se a arrendamento cujo valor, neste caso, não poderá exceder, no primeiro ano, 6 por cento do custo de construção.

Neste tipo de regime, o acesso à propriedade para habitação própria fica limitado a agregados familiares cujo rendimento mensal não exceda 6 vezes o Salário Mínimo Nacional.

No chamado regime de Habi-

tação Apoiada o acesso à propriedade fica limitado a agregados cujo rendimento mensal não exceda quatro vezes e meia o Salário Mínimo Nacional.

O acesso ao arrendamento neste tipo de habitação fica limitado aos agregados familiares cujo rendimento não exceda 3 vezes e meia o Salário Mínimo, não sendo permitido que a renda, no primeiro ano, exceda 4,5 por cento do custo de construção.

No projecto é defendida a recuperação de habitações antigas e degradadas, que poderão beneficiar de incentivos, nomeadamente esquemas de bonificação aos financiamentos sempre que a beneficiação a efectuar tenha custos não superiores a 70 por cento dos custos máximos admitidos nos regimes especiais de construção.

O documento define que a construção de habitações protegidas é de promoção livre até aos limites do crédito disponível fixado por município no programa anual do Plano Nacional de Habitação.

A construção de habitações apoiadas, por outro lado, é de **promoção exclusiva** das Cooperativas de Habitação e dos Institutos Imobiliários Municipais.

Estes institutos, consagrados no projecto de lei, têm o estatuto de entidades de capitais públicos, sem fins lucrativos, sendo o seu capital detido em partes iguais pelos Municípios e pelo Fundo Nacional de Habitação.

Aos Institutos Imobiliários Municipais caberá a atribuição das novas habitações construídas por iniciativa municipal ao abrigo do Regime Apoiado, tanto no que se refere ao acesso a habitação própria como no acesso a arrendamento.

ensino

Ensino primário em debate

Soluções para os problemas em caderno reivindicativo

O estabelecimento de um determinado dia do mês para pagamento do salário é uma das reivindicações dos delegados à Conferência sobre problemas do ensino primário que ontem encerrou na Fundação Calouste Gulbenkian.

Entre os muitos problemas com que os professores do ensino primário se debatem actualmente está o de não saberem nunca em que dia do mês vão ter dinheiro para pagar as despesas a que, de um modo geral, todo o cidadão é sujeito.

Aquela exigência consta do caderno reivindicativo aprovado na conferência, depois de debatido o texto-base e as propostas de alteração ou adendas que ao longo dos três dias de trabalho os delegados foram entregando à comissão de redacção do caderno final. Este constituirá um instrumento de trabalho fundamental para a Direcção do SPGL.

As reivindicações dos professores do ensino primário dizem sobretudo respeito à sua carreira docente, condições de trabalho, instalações e formação profissional.

Relativamente à carreira dos professores reclamam estes o processamento e pagamento respectivo das fases, bem como a possibilidade de desconto de horas a partir de determinado número de anos de exercício da profissão, como acontece já com os professores do ensino preparatório e do secundário. O desconto de horas é de ceto modo uma recompensa do desgaste a que o professor é sujeito ao longo dos seus anos de profissão. Propõem os professores do ensino primário que as horas descontadas sejam acumuladas no final da carreira, funcionando como situação de reforma antecipada.

Quanto aos salários, exige-se que devam ser compensatórios das difíceis situações de isolamento a que muitos professores do ensino primário estão sujeitos. Neste capítulo, foram aprovadas reivindicações relativas à existência de residências ou subsídios de deslocação que permitam aos professores colocados em pontos muito isolados usufruírem de melhores instalações.

Quanto às instalações escolares reivindicam os professores a reconversão da rede escolar, abandonando-se a construção de escolas muito pequenas e isoladas e criando-se projecto que corresponda às necessidades do país. A delimitação imediata das competências da administração central e das autarquias, bem como a dotação destas últimas de verbas que lhes permitam fazer face às necessidades locais em matérias de educação, é outra reivindicação dos delegados à conferência.

Novos horários, mais consentâneos com as necessidades de professores e alunos, cessação da obrigatoriedade de acumulação de horários (que se pratica, por exemplo, nas escolas onde há apenas um professor), direito dos professores gozarem os intervalos e não serem obrigados a ocupá-los com vigilância nos recreios, estabelecimento de número máximo de 25 alunos por sala de aula, são outras reivindicações constantes do caderno aprovado. Outras ainda dizem respeito à pluridocência — ministração do ensino por uma equipa de professores especializados (a necessidade de especialização é sobretudo sentida nas áreas de expressão): a criação de um novo perfil do inspector escolar, cuja acção deve ser de apoio e não de fiscalização re-

pressiva como se verifica, reposição de uma gestão das escolas que valorize o aspecto pedagógico sobre o administrativo e formação de nível superior para os professores do ensino primário, formação que deverá ser actualizada através de acções de reciclagem e outras, permitindo o seu contínuo aperfeiçoamento ao longo do exercício da profissão.

Lei de Bases do Sistema Educativo

A formação profissional foi de resto uma das grandes preocupações manifestadas pelos delegados à conferência. Sobre ela incidia a maioria das perguntas feitas pelos professores ao representante de partidos e ao representante do MEU que anteriormente (quinta-feira), estiveram presentes no debate sobre projectos de Lei de Bases do Sistema Educativo. Que soluções para essa questão são preconizadas nos três projectos (do MDP, PCP e PS) e na proposta de lei do Governo, da responsabilidade do ministro Vítor Crespo, foi uma pergunta frequente na parte das interações.

De um modo geral os projectos e a proposta prevêem que a formação dos professores do ensino primário se processe em escolas superiores. No entanto, e tal como foi várias vezes salientado, uma proposta de Lei de Bases é um conjunto de princípios enunciativos, devendo ser analisada tendo em conta o que nela está implícito e não apenas o explícito.

Os representantes dos partidos (Salvado Sampaio, pelo MDP, Teresa Ambrósio, pelo PS e José Manuel Mendes, pelo PCP) defenderam que um projecto de sistema educativo não pode desvincular-se do conceito de sociedade que lhe está subjacente.

Ai recaíram as dúvidas dos representantes partidários sobre as consequências da aplicação da Lei de Bases do ministro Vítor Crespo, aprovada em Conselho de Ministros: tanto o ministro da Educação como o Executivo em que está integrado não têm mostrado pela prática serem defensores da participação democrática. Pelo contrário, o que se verifica e muito particularmente no sector do ensino, é a recusa ao diálogo e uma tendência para a selectividade cada vez maior.

O representante do ministro Vítor Crespo, (não de última hora mas quase), Simões Alberto, director-geral do equipamento Escolar, cumpriu com pôde a missão de que foi incumbido, tendo no entanto a preocupação de afirmar em dada altura da sua intervenção, «Eu vim aqui em representação do senhor ministro da Educação e das Universidades e não do senhor professor Vítor Crespo». (A convicção e a firmeza com que os representantes do MDP, do PCP e do PS defenderam os projectos dos respectivos partidos, não estiveram todavia presentes nas intervenções do representante do ministro.

As divergências no seio da AD, muito particularmente no campo do ensino, viriam uma vez mais à superfície, na intervenção do deputado pelo CDS Adriano Vasco Rodrigues, presente na mesa na segunda parte da conferência, a convite do presidente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. O deputado daquele partido da coligação governamental foi um dos muitos convidados pelo SPGL a assistir à conferência, o que fez na qualidade de membro da comissão parlamentar da educação. Adriano Vasco Rodrigues admitiu a hipótese de o seu partido apresentar na Assembleia da República um projecto de Lei de Bases do Sistema Educativo, com a seguinte justificação: «Fazemos parte duma coligação democrática (foi o deputado do CDS que o disse) e somos portanto livres de ter opinião diferente».

Uma afirmação de Adriano Vasco Rodrigues provocaria na sala grande celeuma: a conotação do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa com «orientações marxistas».

Os muitos protestos que se levantaram na sala levaram o presidente do SPGL a clarificar a questão: «Os professores aqui presentes, quando foram eleitos, ou quando se inscreveram, ninguém lhes exigiu declarações das suas confissões religiosas ou ideológicas. Estamos aqui porque somos professores e queremos debater os problemas do ensino».

A ovação que saudou este esclarecimento levou o deputado do CDS a apresentar desculpas à assembleia.

Soares em Cabo Verde

Internacional Socialista preocupada com África Austral

A Internacional Socialista vai reunir em Lisboa para debater a situação na África Austral, anunciou ontem o secretário-geral do PS, em Cabo Verde.

Mário Soares revelou, na cidade da Praia que o seu partido convidou o PAICV a participar na reunião a realizar em Portugal de 4 a 10 de Abril.

O dirigente socialista admitiu que a questão namibiana possa ser abordada durante os dois encontros que manterá com o secretário-geral do PAICV, Aristides Pereira, umavez que ambos os partidos têm posições coincidentes sobre o assunto.

O líder socialista salientou o facto de a posição de Aristides Pereira, nesta matéria, ser muito próxima da da Internacional Socialista.

Referindo que a sua visita a Cabo Verde se inscreve num quadro de cooperação partidária, não deixou de se referir ao interesse da Internacional Socialista em manter diálogo com os partidos africanos.

Durante a sua estada em Cabo Verde, Mário Soares encontrará-se por duas vezes com Aristides Pereira e a delegação que chefiará outras tantas com representações do PAICV.

Do programa da visita consta também uma visita ao interior da ilha de Santiago, incluindo à vila do Tarrafal, onde Edmundo Pedro esteve preso.

Pedro Pires, que esteve no aeroporto a receber Mário Soares oferece-lhe um jantar na véspera do seu regresso a Portugal.

Mário Soares, cujo partido que lidera manteve relações com o PAIGC antes de 25 de Abril, foi o primeiro dirigente português a encontrar-se com Aristides Pereira, em Dacar, em 1974, para propor ao actual presidente da República de Cabo Verde o cessar-fogo.

O convite para a visita que agora se realiza foi formulado pela primeira vez ainda em 1975 e reconfirmado em Junho de 1981, quando Aristides Pereira visitou oficialmente Portugal.

O dirigente socialista, que na qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros português chefiou a delegação que negociou em Londres e em Argel a independência da Guiné-Bissau, visitará no sábado a cidade velha e a escola do partido.

Candidato da AD em causa

António Capucho reúne autarcas do Porto

PORTO, 20 - Autarcas e dirigentes do PSD estavam reunidos à hora do fecho desta edição com António Capucho, debatendo a preparação das eleições autárquicas. A questão mais importante é como se sabe, a escolha da candidato AD à presidência da Câmara do Porto cuja designação compete ao PSD.

Dos três nomes mais falados - Valente Oliveira, Antó-

nio Barreto e Paulo Valda - parece reunir maior consenso no seio do PSD o do presidente da comissão de planeamento da Região Norte.

Todavia nada está ainda estabelecido. Os contactos prosseguem prevendo-se que tudo fique definido na próxima semana, durante reuniões da comissão política distrital já marcadas.

Contrariamente ao que noticiaram os matutinos do Porto, hoje, não se confirma que o eng. Paulo Valda tenha já sido convidado para ser o candidato à presidência da câmara.

«Foi apenas sondado, no âmbito dos contactos que estão a ser feitos» - disse ao «DL» um dirigente do PSD.

Quem paga a viagem à Áustria da esposa do senhor ministro?

O ministro da Educação e das Universidades inicia segunda-feira uma visita de três dias à Áustria, a convite do seu homólogo - foi ontem anunciado oficialmente em Lisboa.

Vítor Crespo manterá conversações no dia 23, com o ministro federal da Educação e Arte, Fred Sinowatz e a 24 participa numa reunião de trabalho com o ministro federal da Ciência e Investigação, Hertha Firnberg. O ministro português da Educação visitará também as universidades Técnica e de Economia de Viena e vários institutos de Química.

O ministro não vai, portanto, estar presente em Lisboa no próximo dia 24, dia em que, a par das comemorações das lutas esrudantes, de 1962, os professores da Grande Lisboa cumprem um dia de greve e a Academia de

Lisboa efectua uma jornada de luta e solidariedade, dirigindo-se todas estas acções contra a política de que Vítor Crespo é responsável.

Ainda uma particularidade surge relativamente a esta visita do ministro da Educação: Da delegação que se desloca segunda-feira à Áustria faz parte a esposa do ministro da Educação, figurando como «técnica» mas que por acaso trabalha no Instituto Português de Oncologia. Onde será proveniente o financiamento da deslocação desta «técnica» à Áustria?

Do IPO? do Ministério da Saúde e Assistência, do orçamento familiar ou do Ministério da Educação e das Universidades cuja falta de verba é notória? A pergunta aqui fica, pergunta aliás que corre já por muitos locais...

Caso Dias José

AD votou contra sessão pública do CI/RDP

O Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, a Federação dos Rodoviários, a FETESE e o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa manifestam, em comunicado, «o seu veemente protesto pelo facto de, com os votos contra dos partidos da AD», não ter sido pública a sessão de anteontem do Conselho de Informação da RDP, onde iria ser discutido o caso de Rui Dias José, jornalista, com processo de despedimento daquele órgão de Comunicação Social estatizado.

Rui Dias José, como tem vindo a ser noticiado, foi suspenso após um trabalho seu sobre a greve dos transportes, processada durante o mês de Janeiro. Nesse seu trabalho, ido para o ar pelos microfones da Rádio Comercial, RDJ afirmou, apoiado em elementos seguros, que os «alternativos» do Governo não tinham resolvido o problema dos utentes dos transportes públicos.

Especificara também os custos dos mesmos «alternativos», descendo a pormenores que todo o público, aliás, já conhecia por experiência própria.

A administração da RDP não tolerou semelhante objectividade noticiosa e decidiu-se por um processo disciplinar a Dias José que, efectivamente, aponta para o despedimento.

As organizações sindicais acima mencionadas protestam também contra o voto da AD relativamente a uma moção em que se exigia a reanimação do programa «Praça Pública».

Consideram ainda as mesmas organizações que tais atitudes (casos Rui Dias José e «Praça Pública») encontram unicamente «justificação no facto de serem aqueles partidos os mentores da política de manipulação e de mentira dos órgãos de Comunicação Social estatizados».

Jornalismo na Casa do Alentejo

«Comunicação e Jornalismo» é um curso que, na Casa do Alentejo, decorrerá dentro de cinco semanas, de 5 de Abril a 7 de Maio próximos, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 9 e 30 às 12 e 30.

O curso tem como objectivo proporcionar uma reflexão sistematizada sobre a comunicação de massas, uma formação básica neste domínio e, ainda, uma iniciação à prática do jornalismo.

Programa: comunicação e linguagem; a informação e os meios de comunicação de massas; liberdade de imprensa e direito à informação; o jornalismo; a notícia; o texto jornalístico; os géneros jornalísticos; imagem e comunicação; fotografia e foto-jornalismo; grafismo; as agências noticiosas, a Imprensa, a Rádio e a Televisão; e a história da Informação em Portugal. Como trabalhos práticos: análise de conteúdo e elaboração de noticiário.

Orienta o curso o jornalista José Luís Fernandes, estando prevista a colaboração de quatro outros profissionais: um da Imprensa desportiva ou não diária, um da Rádio, um da Televisão e um repórter-fotográfico.

«Mais» — revista semanal

Uma nova revista vai ser publicada entre nós a partir da segunda quinzena de Abril: chama-se «Mais», será semanal e terá como director Carlos Cruz.

Trata-se de uma revista de actualidades, com 64 páginas, 32 das quais a cores.

São accionistas da empresa proprietária António Gomes da Costa, Jorge Galamba, Ruella Ramos, Carlos Cruz e Brás Monteiro.

Polónia

A Associação Polaca dos Jornalistas foi dissolvida pelo Governo — anunciou, em Varsóvia, um porta-voz oficial.

Aquela Associação encontrava-se suspensa ao abrigo do estado de sítio.

A Associação em causa, segundo o governador civil de Varsóvia, «desintegrou o meio jor-

nalístico e levantou dificuldades ao cumprimento das tarefas de jornalistas num Estado socialista».

Maputo: acordo com a RTP

A RTP e a TVE (Televisão Experimental Moçambicana) concluíram no Maputo a negociação de um projecto de acordo de co-

operação técnica, cuja assinatura está prevista para Junho.

Nas suas linhas gerais, o documento admite a formação e reciclagem de quadros moçambicanos em centros da RTP, intercâmbio de programas de diversa índole, bem como a possibilidade de realizações conjuntas.

A margem das conversações para a conclusão do acordo ficou

definitivamente assente que a RTP fornecerá à sua congénere moçambicana algum equipamento, nomeadamente o telecine, gravadores e um carro de exteriores.

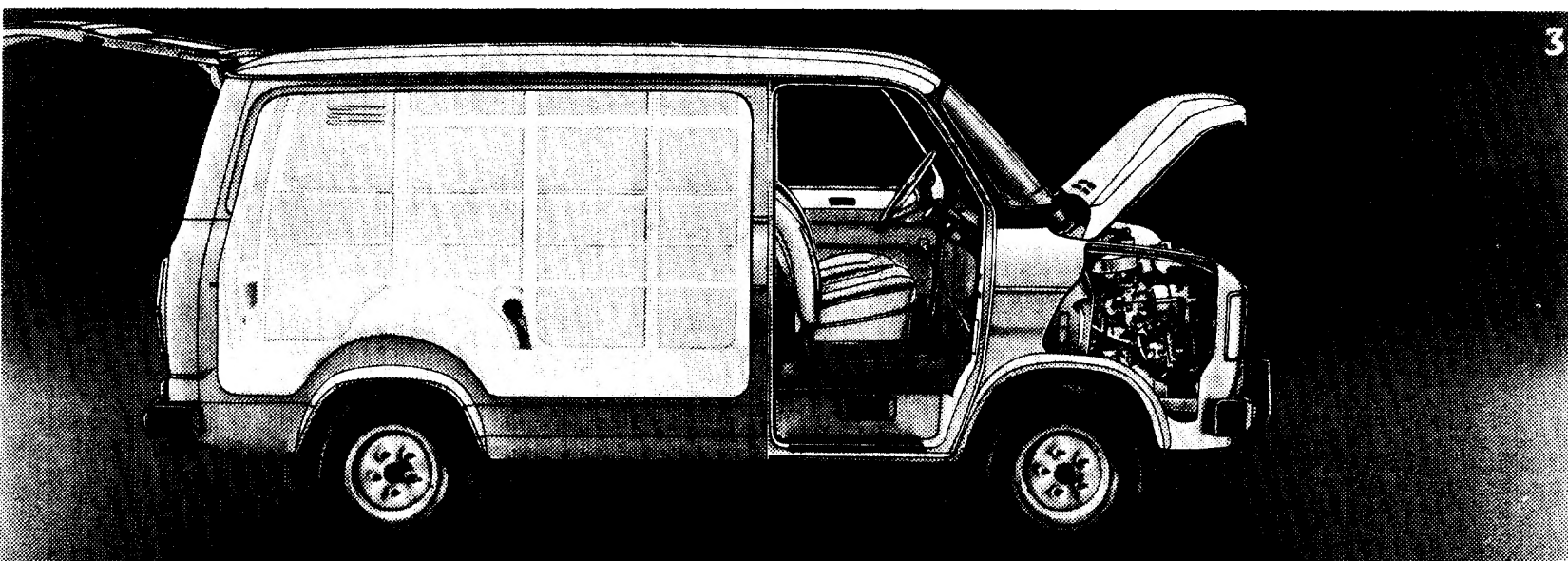
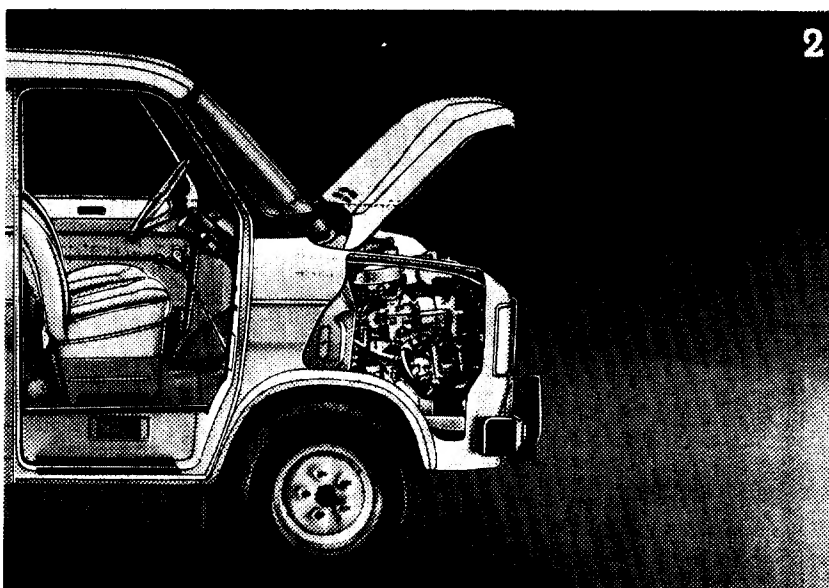
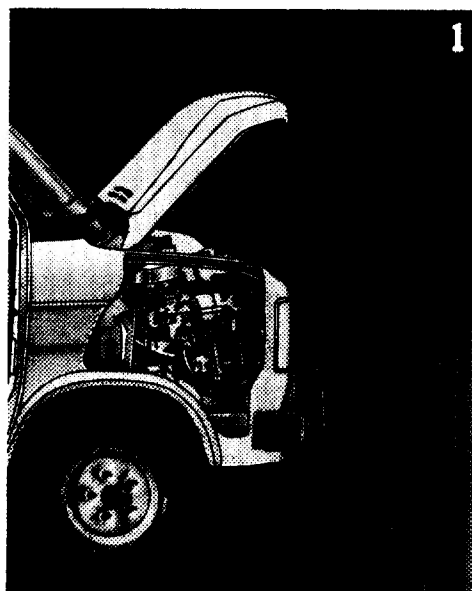
O projecto do acordo será rubricado na próxima segunda-feira e a sua assinatura, em Junho, deverá coincidir com a visita oficial a Moçambique do Primeiro-Ministro Pinto Balse-

mão, em cuja comitiva irá integrado Proença de Carvalho.

Pinho Cordeiro, chefe da delegação portuguesa às conversações, informou que a assinatura do documento só não foi feita agora por causa das suas implicações financeiras, que vão obrigar a conversações com o Instituto para a Cooperação Económica, tendo em vista uma participação.

FORD TRANSIT

O COMERCIAL QUE MAIS CIRCULA EM PORTUGAL



FORD TRANSIT é o comercial que mais se vê em Portugal. De Norte a Sul. Em todas as actividades.

E não admira. Há muitas e boas razões para preferir a Transit. Eis apenas três — três razões de sobra que justificam uma só preferência:

1. MOTOR COMPROVADO E ACESSÍVEL PARA BAIXOS CUSTOS DE MANUTENÇÃO

V. precisa de um motor comprovadamente forte — o magnífico Ford Diesel 2.4 litros!

Sob o amplo capot, todos os componentes são de fácil acesso para tornar mais simples e rápido o serviço de manutenção. E, além da garantia normal de 12 meses ou 20.000 km, a Transit pode beneficiar da super-protecção da Garantia-Extra Ford!

2. AMBIENTE DE CONDUÇÃO DE 1ª CLASSE

A condução da Transit é simples e muito agradável.

A sua ampla largura da via facilita a condução, melhora a aderência à estrada e aumenta a estabilidade. O ambiente de condução é, sem dúvida, o melhor da sua classe. Os acessos e o espaço interior da cabina são de primeira categoria. E o motor não se interpõe entre os passageiros e o seu conforto.

3. COMPARTIMENTO DE CARGA SUPER-ESPAÇOSO

O compartimento de carga da Transit

aproxima-se da perfeição. A sua superfície baixa e plana, o seu óptimo acesso e a sua largura não têm rival. Assim, e graças à versatilidade da gama Transit, as cargas mais difíceis são transportadas com toda a facilidade!

Contacte já o seu Concessionário Ford. E junte o êxito da Transit ao seu próprio sucesso!



EFICIÊNCIA PARA DURAR

FORD TRANSIT



de ontem para hoje

Homens suicidam-se mais

DEPOIS dos 50 anos, mais no Sul do que no Norte, eis as maiores incidências do suicídio. Mas, feitas as contas, segundo a revista «O Médico», são mais numerosos os homens que põem termo à vida. E a incidência é maior, ainda, na Primavera.

O autor do estudo, Eduardo Freitas, assinala «uma manifestação sobre suicídio masculina que traduz uma vulnerabilidade sensível aos efeitos das conjunturas sociais». Não foi possível, no trabalho sobre «O suicídio no século XX», estabelecer as características socioeconómicas dos suicidas.

As estatísticas referidas pelo autor abrangem o período entre 1902 e 1975, registando taxas de maior incidência em 1914 e 1971.

«O avanço da idade, ao processar-se em contextos sociais progressivamente rarefeitos de inserções sociais integradas (redução do núcleo familiar ao clã por afastamento dos filhos, reforma, a viuvez, etc.), caminha a par de uma crescente permeabilidade às pulsões da morte» — defende Eduardo Freitas.

O bebé não era dela

Tem 23 anos, é casada, trabalha como ajudante de cozinheira na Maternidade Alfredo da Costa. Há dois dias, foi apanhada já nas escadas da saída, transportando um bebé que não era seu.

Segundo a enfermeira-chefe e a participação policial, a

jovem Maria Gomes terá conseguido introduzir-se no gabinete destinado aos recém-nascidos, subtraindo aquele que transportava.

Ela, porém, contrapõe, que se limitava a levar uma criança que lhe tinha sido entregue por uma desconhecida...

Três adolescentes e um maior

A quadrilha tinha três adolescentes de 14 anos e era chefiada por um indivíduo de 21, conhecido pelo «Toni Carrapato». Dedicavam-se a passar «vistorias» a casas desabitadas e foram apanhados quando preparavam idêntica acção na freguesia do Freixieiro, em Leça da Palmeira.

A perseguição, que culminou com a captura do chefe, demorou 40 horas sobre os telhados do Bairro do Aldoar. A operação da GNR permitiu a recuperação de 50 contos de material roubado, incluindo televisores, gira-discos e material similar.

Balanço de 24 horas na estrada

Seis mortos e 63 feridos constituem o balanço das 24 horas de acidentes de viação registados pela GNR nas estradas do continente, entre as 12 horas do dia 18 e a mesma hora de sexta-feira. Dos feridos, 36 encontram-se em estado grave.

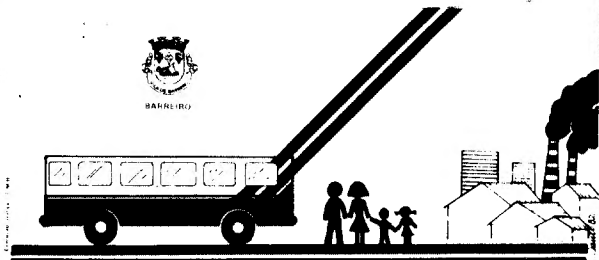
Um dos casos, por exemplo...

Uma luna da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra morreu ontem num acidente de viação ocorrido próximo da Figueira da Foz, no qual ficaram feridas três colegas.

Ana Maria Marques Ferreira da Silva, de 27 anos, casada, era mãe de dois filhos e residia na Figueira da Foz. Frequentava o último ano do curso de Ciências Económicas.

As três colegas feridas, que deram entrada no Hospital da Figueira da Foz, estão livres de perigo.

Barreiro: 25 anos de transportes



O Barreiro, a industrializada vila da margem esquerda do Tejo, começou a ter transportes colectivos de passageiros há 25 anos, feitos no passado mês de Fevereiro. Trata-se indiscutivelmente de um passo para o progresso, assinalado pela Câmara local com uma brochura em que se faz o historial.

Em 1957, quando o serviço foi iniciado havia cinco autocarros que transportaram quase dois milhões e meio de

passageiros ao longo de um pouco menos de 300 mil quilómetros.

Hoje já existem 71 autocarros, circulam neles 75 mil passageiros por dia e a rede viária é de 21,7 quilómetros.

O futuro pretende-se melhor. Para tanto projecta-se já a empresa de transportes do Barreiro que, entre outros objectivos, deverá enquadrar a política de transportes na política urbanística.

Marinha Grande contra «pacote»

O chamado «pacote autárquico» que o governo pretende impor foi agora também contestado pela Assembleia Municipal da Marinha Grande. Entre muitos outros defeitos, esses projectos de decretos-leis «lesariam seriamente a autonomia, a democraticidade do Poder Local e a sua articulação com as comissões de moradores e outras organizações populares».

A AM da Marinha Grande reclama que a Assembleia da República rejeite as propostas da AD, protesta pelo facto de as autarquias não terem sido ouvidas a propósito desses projectos e pretende que a propósito se faça um debate público.

Novo aeroporto em 1986?

Pilotos põem em dúvida

Os pilotos portugueses não acreditam (ninguém acredita) que o novo aeroporto de Lisboa, a construir em Rio Frio, possa receber tráfego em 1986 como acaba de anunciar a ANA — Aeroportos e Navegação Aérea. EP, em documentos enviados ao Sindicato dos Pilotos.

Esta manhã, o comandante Egidio Lopes, dirigente do SPAC, comentava ao «DL» esta notícia afirmando que os pilotos lamentavam que a notícia da decisão da implementação do aeroporto de Rio Frio «tenha sido conhecida primeiro no estrangeiro e depois em Portugal e que apenas tenha sido dado conhecimento dela ao Sindicato dos Pilotos na tarde de ontem, porque como principais operadores devíamos, pelo menos por uma questão de ética profissional, ter sido consultados. Só assim se entende a boa colaboração que se pretende entre os diversos sectores em Portugal e os pilotos portugueses estão sempre prontos para a busca de soluções construtivas em todos os aspectos ligados com a aviação comercial».

A incredulidade sobre o espantoso «timing» apresentado pela ANA é total. Ninguém acredita que tal venha a ser possível, por mais adiantados que estejam os estudos e projectos.

«Quanto à primeira fase de

construção do aeroporto de Rio Frio para receber aviões em 1986, afirma-nos o comandante Egidio Lopes, gostaríamos que tal se viesse a verificar, mas a avaliar pelo ritmo que tem sido imprimido a estas questões em Portugal duvidamos que tal seja possível.»

Egidio Lopes salientou ao «DL» que, quanto ao Aeroporto de Lisboa têm-se verificado estudos e projectos nos últimos três anos não se sabendo exactamente neste momento se a ANA, EP, pretende construir um novo terminal neste aeroporto ou desenvolver o velho. No que respeita aos aeroportos nacionais houve um certo esforço e uma certa boa vontade em melhorar os terminais do Porto e de Faro, gastando-se elevadas somas em obras pontuais. Igualmente se passaram três anos em estudos de projectos para remodelar o Aeroporto de Lisboa. No entanto, só depois de todo este tempo mal aproveitado e de despesas feitas é que surge uma empresa norte-americana a proceder ao estudo global dos aeroportos a nível nacional no sentido de se definirem as opções e finalidades que se pretendem de cada um e na base de cujos estudos esteve a decisão da ANA, EP, da construção do aeroporto de Lisboa em Rio Frio.

Só depois de todos os proble-

mas ligados à segurança de voo e dos aeroportos serem levantados na Conferência da IFALPA se conheceram decisões importantes, designadamente a construção do novo aeroporto. Nem a opinião pública (que paga) nem os pilotos (que operam) sabiam de nada. De um dia para o outro surge uma empresa americana com tudo feito.

De qualquer modo é positivo que a ANA tenha decidido modernizar o equipamento de controlo de tráfego aéreo só que, na opinião dos pilotos há que fazê-lo rapidamente e há que fazer mais.

«Ficámos agradavelmente surpreendidos com as informações dadas pela ANA EP a este sindicato, na tarde de ontem, e só temos pena de não termos conhecimento mais cedo para podermos, juntamente com a crítica construtiva de deficiências apontadas sublinhar alguns esforços que têm sido feitos por entidades oficiais. Na realidade têm havido relações amistosas, pena é que os contactos não tenham sido mais frequentes entre os operadores (que são os pilotos) e as entidades que decidem sobre o estudo dos projectos para que assim se evitassem potenciais conflitos que não beneficiam a ninguém».

O comandante Egidio Lopes disse-nos ainda que ao longo

dos últimos tempos o Sindicato dos Pilotos tinha conhecimento que havia estudos sobre infra-estruturas aeroportuárias e de tráfego aéreo «mas como a concretização tarda, surge a dúvida de quando seriam implementadas as medidas que tanto tempo demoravam a ser estudadas. Soubémos com agrado do contrato de aquisição de material para a cobertura-radar e algumas ajudas de radionavegação cuja operacionalidade porém só está prevista dentro de três anos. Vemos todavia com uma certa preocupação que medidas idênticas não tenham sido tomadas em relação ao controlo de Santa Maria porque a não haver um controlo efectivo da área atlântica no que respeita ao espaço aéreo cujo controlo está destinado a Portugal poderemos mais tarde ter que prescindir na prática desse controlo a favor de outros países, designadamente EUA e Inglaterra. A importância deste ponto é tal que a verificar-se esta eventualidade os voos transatlânticos da Península Ibérica para as Américas seriam penalizados em relação aos voos provenientes dos Estados Unidos e da Inglaterra. Na prática isto significa que os aviões da TAP ou de Espanha ver-se-iam obrigados a recorrer a níveis de voo inferiores acarretando um consumo extra

Não conseguem ver os programas

Transmontanos contra a taxa de Televisão

Porto, 20 — «Que nenhum transmontano que se preze pague pois, a taxa», conclui um comunicado que tem sido

distribuído na região de Bragança, em protesto contra as péssimas condições em que os programas da RTP são ali recebidos. Os transmontanos já se referem apenas ao Pri-

meiro Canal, porque quanto ao Segundo só sabem da sua existência por terem ouvido falar...

O ambiente de descontentamento face a esta situação, segundo informação que nos enviaram, agravou-se ultimamente com a prevista ida a Vinhais e Bragança, neste

fim-de-semana, de representantes da RTP para receber taxas em atraso com vista a esse programa que dá pelo nome de «Vai ou Taxa». O comunicado distribuído na região acrescenta: «Só vemos um canal (e nem sempre) e só muito raramente a Televisão dá cobertura à realidade transmontana». Uma pessoa

por nós contactada considerava «desonesta e hipócrita» a tentativa de fazer concursos e pedir taxas numa zona que mal vê os programas e dizia com algum realismo e uma ponta de ironia: «Se alguém tem direito a receber as nossas taxas é a Televisão espanhola...»

amanhã

DOMINGO

o diário

vai mais longe
no mundo
da informação

Para quem violar vida privada

Proposta governamental sobre Informática e Liberdades prevê multas de 1000 contos

Poderão ir até mil contos as multas a aplicar a «quem criar e manter um ficheiro automatizado de dados de carácter pessoal referente a pessoas singulares, sem autorização legal», sem prejuízo da responsabilidade civil ou criminal que envolva esse acto. Esta uma das disposições do capítulo VII da proposta de lei aprovada sobre protecção da vida privada face ao uso da informática aprovada na última reunião do Conselho de Ministros.

A proposta, que vai ser enviada à Assembleia da República, onde já se encontrava pendente um projecto da ASDI sobre o mesmo tema, proíbe o tratamento automático de dados de natureza pessoal referentes a convicções políticas, religiosas, filosóficas e outras. Na proposta governamental proíbe-se igualmente o processamento automático de dados relativos à filiação sindical, à origem racial, aos antecedentes penais, à aplicação de medidas, à saúde, à situação patrimonial e financeira, às tendências sexuais,

assim como de quaisquer outras informações que tenham a ver com a vida privada das pessoas.

No preâmbulo do diploma afirma-se que o seu objectivo é «regular em pormenor e com eficácia, os direitos e garantias conferidas pelas disposições constitucionais» e sublinha-se que se pretende «um compromisso entre (...) a necessidade de não entravar o progresso tecnológico, económico e social e (...) a urgência em defender a esfera íntima dos cidadãos».

Sobre a importância de regulamentar esta matéria, refere-se também no texto que «a informatização, considerada actualmente uma chave essencial para o progresso económico, é uma realidade, também, na sociedade portuguesa» e recorda-se que já em Abril de 1973 se publicou uma lei relativa à protecção da vida privada face à informática. Mais tarde, a Constituição de 1976 veio enunciar no seu artigo 35 os princípios fundamentais a que deve obedecer o tratamento auto-

mático de dados de natureza pessoal e, actualmente, já se encontram redigidas, com o apoio de todos os partidos, as alterações a introduzir a esse artigo no texto da Constituição revista.

No preâmbulo do diploma agora proposto pelo executivo afirma-se que ele consagra os princípios básicos definidos na Convenção do Conselho da Europa sobre a protecção da vida privada, assim como os princípios fundamentais das directivas da OCDE, nas quais se incluem a limitação da recolha de dados pessoais, a especificação das suas finalidades, as garantias de segurança etc.

Comissão de Salvaguarda

Para «controlar o processamento automatizado de dados de carácter pessoal em rigoroso respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades e garantias consagradas na Constituição e na presente lei», o seu artigo 15 cria a

Comissão Nacional de Salvaguarda da Privacidade face à Informática (CNASPI) e estipula que os seus membros «só se consideram em funções após a ratificação dos seus nomes pela Assembleia da República».

O presidente da CNASPI gozará de um estatuto idêntico ao do Provedor de Justiça nos aspectos que não sejam contemplados pela lei e os seus membros serão nomeados por períodos de quatro anos. Entre as funções da CNASPI conta-se também a emissão de pareceres prévios sobre a criação, por serviços públicos, de ficheiros automatizados contendo informações de carácter pessoal. A criação desses ficheiros só poderá aliás processar-se mediante autorização expressa através de um diploma legal. A CNASPI poderá ordenar o encerramento imediato dos ficheiros que considera em situação de infracção à lei.

O diploma enuncia, por outro lado os direitos e garantias das pessoas sobre quem os ficheiros registam dados,

reconhecendo-lhes o direito de acesso às informações que lhes dizem respeito. Este preceito é porém exceptuado no caso em que as informações em causa se destinam «à prevenção da criminalidade e à punição das infracções».

«DL» - Informática

No capítulo das sanções aplicáveis aos infractores destacam-se multas que, conforme os casos, podem ser de 100 ou 1000 contos e as penas de prisão que poderão ir até dois anos para «quem processar ou mandar processar dados de carácter pessoal referentes a convicções políticas, religiosas, filosóficas bem como outras atinentes à privacidade, em contravenção com o disposto na lei». No próximo suplemento do «DL» dedicado à informática (30/3) a presente proposta de lei será analisada em pormenor por alguns juristas que se têm especialmente dedicado ao estudo desta matéria.

Bingo: um mal necessário

O bingo deveria ser rejeitado, mas torna-se um «mal necessário» para os clubes em dificuldades, afirmaram ontem representantes das colectividades desportivas de Oeiras, após encontro com o secretário de Estado dos Desportos. Dirigentes de sete colectividades do concelho de Oeiras expuseram a Serra de Moura as respectivas dificuldades, relativas à falta de instalações sociais e desportivas, manutenção ou alargamento das existentes e cobertura das carencias económicas e financeiras. Na parte financeira, disseram dirigentes dos clubes referidos, ganham vulto as consequências da legalização do bingo. «Sem essa possibilidade, a Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés, não poderia prosseguir a assistência que vem prestando a 300 crianças», disse um director desta associação. Mas outros porta-vozes de associações concelhias sublinharam que «é às entidades oficiais que cabe prestar o apoio necessário para as colectividades envidarem todos os esforços para evitarem quaisquer jogos, bingo ou outro», sendo este, sempre, «um mal necessário».

Do: Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul

MANIFESTO DE ADESÃO À MARCHA CONTRA O DESEMPREGO

O DESEMPREGO EXISTENTE NO NOSSO PAÍS. É, PELO NÚMERO DE TRABALHADORES QUE ATINGE, (CERCA DE MEIO MILHÃO) E PELAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS, UM DOS MAIS GRAVES PROBLEMAS QUE AFLIGE O POVO PORTUGUÊS, PARTICULARMENTE AS CAMADAS JOVENS E AS MULHERES.

A EXISTÊNCIA DE UM TÃO ELEVADO NÚMERO DE DESEMPREGADOS, MÁO-DE-OBRA DISPONÍVEL, PERMITE AO PATRONATO IMPOR CONDIÇÕES PARA UMA MAIOR EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES, JOGANDO MÁO AOS CONTRATOS A PRAZO DE UMA FORMA INDISCRIMINADA E ILEGAL, LIMITA A ACÇÃO REIVINDICATIVA DOS TRABALHADORES, PÕE EM CAUSA UM DOS MAIS ELEMENTARES DIREITOS DOS CIDADÃOS, QUE É O DIREITO AO TRABALHO (ART. 51. DA C.R.P.), PÕE EM CAUSA A ECONOMIA NACIONAL, TOMANDO EM LINHA DE CONTA QUE TODOS DEVEMOS CONTRIBUIR PARA A RESOLUÇÃO DA CRISE ECONÓMICA QUE O PAÍS ATRAVESSA. COMO É ÓBVIO, O GOVERNO AD SEGUINDO DESDE SEMPRE UMA POLÍTICA AFEUDADA AOS INTERESSES DO GRANDE CAPITAL, DAS MULTINACIONAIS, DO IMPERIALISMO, NADA TEM FEITO PARA RESOLVER ESTE GRAVOSO PROBLEMA. BEM PELO CONTRÁRIO, DÁ TODA A POSSIBILIDADE AO PATRONATO DE AUMENTAR O EXÉRCITO DE DESEMPREGADOS, AVANÇA COM UM PROJECTO DE LEI DE DESPEDIMENTOS, QUE SÓ NÃO SORTIU EFEITO, DADA A LUTA DESENVOLVIDA PELOS TRABALHADORES, FAZ OUVIDOS DE MEÇADOR AO ESTUDO ALTERNATIVO ÀS GRANDES OPÇÕES DO PLANO A MÉDIO PRAZO, APRESENTADO PELA C.G.T.P-IN, AO CONCELHO NACIONAL EM FEVEREIRO DE 1980.

O SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL MANIFESTA A SUA ADESÃO À JORNADA DE LUTA QUE É A MARCHA CONTRA O DESEMPREGO, REAFIRMANDO O SEU EMPENHAMENTO NA SUA PREPARAÇÃO E MOBILIZAÇÃO COMO TAMBÉM NA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONCRETIZAÇÃO DOS OBJECTIVOS EM VISTA.

PELO FACTO, ESTA ORGANIZAÇÃO SINDICAL, APELA À PARTICIPAÇÃO DE TODOS, QUER A NÍVEL DA CAMPANHA DE FUNDOS, QUER NO ESCLARECIMENTO DOS OBJECTIVOS, ESTANDO CERTOS QUE SERÁ UM CONTRIBUTO POSITIVO PARA O ÉXITO DESTA JORNADA.

— CONTRA O DESEMPREGO.

— TRABALHO SIM, DESEMPREGO NÃO.

SETÚBAL, 18 DE MARÇO DE 1982
A DIRECÇÃO

THE BRITISH COUNCIL INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

Inscrições para o Ano Lectivo 1981-82
3.º Período

Cursos normais

Cursos intensivos

Cursos preparatórios
para os exames da
UNIVERSIDADE
DE CAMBRIDGE

As matrículas e testes de
avaliação de conhecimentos
efectuam-se de 23 a 26 de Março

As aulas funcionam entre
as 8.30 e as 22 horas
sem interrupção
incluindo a hora do almoço,
e terminam a 11 de Junho

Horário da Secretaria: das 9.30 às 12.00 horas e das 15.00 às 18.00 horas

As propinas deverão ser pagas somente por cheque (conta própria ou adquiridas na C. G. D.)

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUIS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal)
Telefs.: 36 92 08 36 92 09 32 01 73 32 87 50

Amanhã, Balsemão planta árvore

Primavera é hoje "legalizada"

A Primavera ficará "legalizada" a partir das 22 e 56 de hoje, quando o equinócio se fizer sentir no meridiano de Lisboa. Na realidade, o tempo primaveril já andava por aí, com algumas andorinhas clandestinas e temperaturas acima do normal.

A verdade é que a Primavera chega este ano um pouco mais cedo do que é uso, embora não integrada no programa de mudança do Governo AD. O equinócio da Primavera é possível, no nosso País, de acordo com as leis da astronomia, entre os dias 20 e 24 de Março. Este ano «calhou» assim, para não ser mau.

As temperaturas, como todos sabemos, começaram este ano a subir ainda em tempo de Inverno. Os abafos desapareceram mais cedo, há quem já faça praia. A s noites é que ainda são

duras, quando uma nortada faz subir as bandas dos casacos.

Somos excepção, nesta matéria. Toda a Europa da CEE ainda se espreguiça do Inverno em rendilhados de neve. Nós, por cá vamos bem... pelo menos no que respeita ao Sol.

«Dia da Árvore»: Balsemão cultiva

O 21 de Março é o «Dia da Árvore» e entre nós as comemorações atingem níveis diversos, sendo vulgar o zero, conforme os organismos, as autarquias, as pessoas, se interessam pelos problemas ambientais.

O Primeiro-Ministro, por exemplo, aproveita para ir a Oleiros, «coração» dos incêndios que devastaram o País no ano passado, para fazer uma plantação de uma árvore. Trata-se de

um gesto simbólico, claro, quando surgem protestos um pouco de todo os lados pelo facto de a madeira queimada não ser escoada como fora prometido pelo executivo AD.

A Câmara Municipal de Abrantes, por exemplo, ainda recentemente reclamava que os agricultores fossem indemnizados pelos prejuízos sofridos com os incêndios, nos termos legais, e que fosse estudada pelas entidades oficiais competentes a possibilidade de aquisição e venda de madeira queimada.

As questões, nesse domínio, são bem profundas, como é o caso da reforestação, a que também o Governo devota uma flagrante indiferença. O eucalipto substitui o pinho, esgota toalhas aquíferas, com prejuízo das populações. Olivais são devorados pelo «fogo» dos interes-

ses económicos, manchas florestais desaparecem «em menos de um fósforo».

Por tudo isso, é claro que, seja qual for a árvore amanhã plantada por Balsemão, mesmo simbolicamente o seu Governo ainda ficará a dever muito neste domínio.

«O Dia Mundial da Floresta» é comemorado noutros locais e de outros modos. É o caso, ainda a título de exemplo, de Almada. Na cidade da outra banda, a árvore considerada como a mais antiga do concelho, ficará assinalada com uma lápide.

A música, as crianças e o contacto com os «verdes» da zona, farão outros tantos atractivos do programa. Em matéria de concertos, para quem estiver interessado, o dia de amanhã registará dois, ambos no Jardim do Castelo, às 10 e 15 horas.

Andar nu nas praias

Só há perigo se houver queixa

Até agora, andar nu nas praias era ir contra as nossas leis plenas de pudor.

Mas tudo (ou quase tudo) vai já mudar no próximo Verão.

E isso porque o novo Código Penal actualmente em discussão no Conselho de Ministros, através de subtis alterações, deixa de consignar o crime de «ultraje ao pudor público» e passa a referir apenas o «ultraje ao pudor de outrem».

Significa isto que o nudista só cai na alçada da lei quando, na praia, alguém se for queixar da sua nudez. Ou por outras palavras, e transcrevendo excertos do preceituado na artigo 390 do actual Código em discussão:

O crime de ultraje ao pudor deixa de depender «do lugar ou de outras circunstâncias» para se limitar à ofensa ao pudor «de outra pessoa, prati-

cado contra ela ou diante dela».

Nandim de Carvalho, secretário de Estado do Turismo, ouvido pelo «Expresso», afirmou haver «praias concessionadas», «praias não concessionadas» e «reservas naturalistas», estabelecendo assim «nuances» e normas para quem as quiser entender...

Quanto à Igreja (e reportando-nos igualmente ao «Expresso»), a nudez nas praias mereceu de alguém da hierarquia católica portuguesa a seguinte observação:

«É um problema de certa forma semelhante ao do aborto e do divórcio. Para a Igreja é ofensiva a exibição dos órgãos genitais pelo que a liberalização do nudismo nem sequer se põe como hipótese discutível.»

Mas (e agora as palavras são nossas) os tempos são outros e o Verão é o Verão...

Programa para o Verão

Tempos livres dos jovens ao serviço do turismo

A ocupação dos tempos livres das férias escolares é um dos objectivos de um programa que foi estabelecido para o próximo Verão e que envolve 11 Ministérios e Secretarias de Estado. Entre elas a do Turismo, que pretende levar os jovens ao apoio do sector turístico.

O programa de Ocupação dos Tempos Livres, no domínio do turismo, prevê a colaboração na

manutenção e limpeza de locais de merenda e actividades nos parques e reservas naturais, além dos parques de campismo; apoio aos órgãos locais e regionais de turismo.

As inscrições estão abertas até ao dia 8 de Abril nas Câmaras Municipais ou Centros de Emprego. Os jovens terão direito a uma quantia diária a «título de estímulo e compensação».

Valorizar o termalismo

A juventude está também envolvida na valorização do termalismo, através de um protocolo assinado entre os secretários de Estado do Turismo e da Educação e Juventude.

O objectivo prioritário desse documento é o de sensibilizar

responsáveis diversos no âmbito da juventude «para a problemática social do termalismo, visando o aproveitamento de todas as potencialidades das estâncias termais».

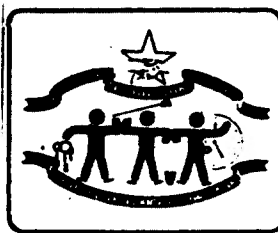
O protocolo de cooperação prevê nomeadamente a realização de seminários para agentes de educação, visando sensibilizar e informar sobre termas e estâncias termais.

«Tollan» vai ter comissão técnica

O porta-contentores «Tollan», semiafundado no Tejo há mais de dois anos terá uma comissão técnica que elaborará o concurso internacional para a sua remoção — anunciou fonte do Estado-Maior da Armada. A comissão, nomeada pelo chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, será che-

fiada pelo capitão do porto de Lisboa, e composta por sete técnicos da armada e civis. Enquanto não for aberto o concurso e conhecida a firma que execu-

tará os trabalhos, o armador italiano Alberto Felici mantém o direito de continuar a tentar recuperar o seu navio.



SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES
(ANTIGO SINDICATO DOS CONTÍNUOS E PORTEIROS)

SEDE CENTRAL — LISBOA / DELEGAÇÕES — SETÚBAL — PORTO — COIMBRA

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CAROS COMPANHEIROS:

Conforme as competências que possuo, de acordo com o Art.º 29.º dos Estatutos, por este meio convoco a

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

do nosso Sindicato a realizar no próximo:

**DIA 28 DE MARÇO/82
DOMINGO ÀS 15.30 H**

e que se realiza nos seguintes locais:

— Sede Central Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose
Largo da Trindade, 16 1.º

— Delegação Setúbal — Sede da Delegação

Largo da Misericórdia, 46 1.º

— Delegação do Porto — Sede da Delegação

Pç. Carlos Alberto, 123 3.º sala 35

— Delegação de Coimbra — Sede da Delegação

Av. Fernão de Magalhães, 24 2.º C

com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

ÚNICO — Analisar, debater e votar o Relatório e Balanço da Actividade Sindical desenvolvida e contas de 1981 apresentado pela Direcção Nacional e o «PARECER» do Conselho Fiscal

NOTAS: Para a entrada para a Assembleia Geral de Trabalhadores, terão que apresentar o cartão de Sindicalização

NÃO FALTES!

O PRESIDENTE DA MESA DE ASSEMBLEIA
GERAL
AFONSO SALVADOR ANDRÉ

Lisboa e Sede Central
do Sindicato, 5.3.82



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA

ASSUNTO: GREVE DO SINDICATO DOS MAQUINISTAS (SMAQ)

1. Ao tomar conhecimento de que o Sindicato dos Maquinistas decidiu acatar a requisição do Governo, decretada por portaria conjunta dos Ministros da Habitação, Obras Públicas e Transportes e do Trabalho, não pode o Conselho de Gerência da CP deixar de manifestar publicamente a sua satisfação pelo facto de ter prevalecido o bom senso dos trabalhadores que não se deixaram conduzir pela Direcção do Sindicato para graves situações de consequências irreparáveis.
2. O Conselho de Gerência não poderia efectivamente, em circunstância alguma, satisfazer as reivindicações elitistas do SMAQ e injustas para os restantes trabalhadores, pesem embora os prejuízos imediatos de centenas de milhares de contos resultantes da greve, prejuízos que se irão reflectir na gestão corrente da Empresa que normalmente já sofre a influência de constantes dificuldades financeiras bem conhecidas, o que naturalmente — entre outras consequências — irá dificultar o pagamento normal dos salários do mês em curso.
3. O Conselho de Gerência da CP não pode deixar de reconhecer por esta forma o civismo, a compreensão e o apoio do público demonstrados durante a greve que tantos e tão graves prejuízos causou aos seus habituais utentes e à economia do País, greve essa que terá na vida da Empresa reflexos a médio e longo prazos ainda difíceis de definir e quantificar.
4. O Conselho de Gerência manifesta o seu reconhecimento a todos os trabalhadores quer do activo quer reformados que de forma corajosa enfrentaram todas as dificuldades para poderem dar a sua colaboração à Empresa no sentido de minimizar os efeitos da greve, demonstrando assim um correcto entendimento da função comunitária de um serviço público.
5. O Conselho de Gerência da CP regozija-se ainda com a compreensão e a firmeza manifestadas pelo Governo e decisivas para o desbloqueamento do processo.

Serra da Estrela

A paragem de Gouveia

«A gente da Beira é complicada. Diz que sim e cruza os dedos, fazendo figas...» Esta análise da índole beirã pareceu-me desajustada ao que vi, no domínio humano, na serra da Estrela. A mesma fonte garantiu-me que as pessoas, ali, funcionam muito «em termos de coroas». Daí que o Parque tenha elegido, como objectivo imediato, a realização das feiras do queijo, forma de, concedendo-lhes benefícios materiais, conquistar as populações para outras iniciativas mais nobres.

Assisti, por acaso, a uma feira do queijo em Fornos de Algodres que envolveu um concurso, promovido pela Câmara Municipal, com a imprescindível colaboração do Parque Nacional da Serra da Estrela. Participaram na competição cerca de 300 concorrentes e foram distribuídos 35 prémios, sendo o primeiro de dez mil escudos, oferta da Caixa Geral de Depósitos. «Fornos não está integrado na área do parque, o que é um tanto estranho. Deveria estar, pois é o principal mercado do queijo da serra», afirmou Manuel Tracana, vereador do PS, à câmara, o único (julgo) elemento fora da componente AD.

Nesse dia o preço do queijo esteve mais ou menos: nada de assustador. Seiscientos escudos o quilo, na transacção de 2450 arrobas. Na feira de Fornos de Algodres estiveram presentes, à moda antiga, as forças «vivas» da Nação. Olhei e vi (que pesadelo!) militares, padres, presidentes de câmaras e outras individualidades «representativas» da região. Enfim! Este país não tem imaginação. Ensaia sempre a mesma cena. Gostei, francamente, foi do comandante da GNR de Gouveia: trazia um cassaco, lindíssimo, da farda de gala, azul-escuro debruado, em arabescos, com cordão preto. Nada mais a comentar. O costume, a farsa. Pareceu-me interessante e, agora, sem ironia, a exposição de objectos, fotografias e instrumentos de trabalho em que contou significativamente, a mão das crianças do concelho. O contributo (em redacções, desenhos, reportagens fotográficas alusivas ao queijo) das escolas. «Já sou muito antigo, o pastor já não gosta de mim. Prefere a capa de plástico e o guarda-chuva», escreveu uma criança, sob o desenho da tradicional capa de junco.

Faliu

Voltamos à vaca-fria, o par-

que. O dr. Alípio Mendes, presidente da Câmara Municipal de Gouveia, um socialista da linha do secretariado (convém referir estes pormenores; não esclarecem nada, mas no mundo da intriga política gosta-se de saber quem alinha com quem) confessou ao «DL» ter uma posição muito crítica, no respeitante ao parque. «Tem-se limitado a fazer as feiras do queijo e do gado. Talvez a única iniciativa palpável tenha sido a abertura de caminhos, nos casais de Folgoso, com a ajuda da engenharia militar e o subsídio de mil contos fornecido pela câmara.» Alípio Mendes, licenciado em Germânicas e mandatário na candidatura do general Ramalho Eanes, no concelho, nas eleições presidenciais (mais uma achega para o seu perfil), afirmou que ainda recentemente aproveitara a oportunidade de dizer, em nome dos autarcas da área do parque, ao ministro da Qualidade de Vida, quando da sua visita a Manteigas que «o melhor seria extinguir-se o parque». Encerrado por falência — seria o epitáfio.

Aliás, já o presidente da Câmara da Guarda, Abílio Curto, e o do município de Celorico da Beira, manifestaram às entidades responsáveis, a intenção de sair rapidamente do parque. Alegam: «falta de meios financeiros e humanos e a ausência de descentralização». Entretanto o ministro pediu-lhes para aguentarem mais um tempo, prometendo que «a coisa ia melhorar». Que o plano de ordenamento seria feito em breve. «Bem... agora estamos na expectativa», informa Alípio Mendes.

O presidente da Câmara Municipal de Gouveia, dois mandatos nos ombros, correspondentes a seis anos no calendário, lamenta o isolamento da Beira. «Estamos a pagar a nossa interioridade... sem técnicos nem apoio.» Um concelho,



Cabeça do Velho

constituído por 22 freguesias essencialmente rurais, debate-se inevitavelmente com dificuldades. Os têxteis, outrora prósperos em Gouveia, mergulharam numa crise, cujo desfecho se adivinha trágico. Algumas fábricas já fecharam e outras oscilam

na corda bamba. «Falta de mercados externos», queixa-se Alípio Mendes que, aliás, propõe entre duas alternativas a nossa fixação prioritária «nos mercados para produtos de boa qualidade, onde teremos de concorrer com os países mais desenvolvidos.»

E a câmara que fez nestes seis anos? «As nossas grandes apostas foram a nível de estrada e das obras de saneamento básico. Temos as estradas todas alcatroadas e a rede de água ao domicílio, mais ou menos, em funcionamento, em todo o concelho. Entre vinte mil habitantes, apenas 700 não possuem ainda água. A electricidade chegou praticamente a todos os lugares. Em matéria de habitação estamos a fazer 55 fogos, ao abrigo do decreto 817/76. Não somos dos concelhos mais carenciados.»

Empurra

Um terço do orçamento da câmara foi gasto no saneamento básico. Este ano, conta apenas 126 mil contos (Lisboa é poupança e não se alarga muito, nos dinheiros, com as autarquias). O que segundo Alípio Mendes «é pouquíssimo para as nossas necessidades». Mas para ele, que tem sabido administrar os «cacaús» com sensatez (dizem), o drama está «em não haver uma definição clara do que compete ao Poder Central e ao Local. Andamos todos no jogo do empurra...»

No âmbito do turismo, o concelho de Gouveia é dos mais esquecidos, até porque não dispõe de estruturas para o efeito, embora as suas potencialidades sejam incontestáveis. «A iniciativa privada não se revelou dinâmica neste sector.» E a Comissão Regional de Turismo, a que Gouveia pertence, por carcer de meios financeiros, não lhe tem dado grande apoio.

Numa auscultação, sem intencionalidade, verificámos que o presidente da Câmara de Gouveia está bem visto no concelho. É um homem popular e respeitado. Claro que não há unanimidade nesse juízo. Surgem sempre apreciações discordantes. É o caso de alguns redactores do jornal «Voz de Gouveia» com



Pedra do Equilíbrio



Paços do Concelho

quem falámos, jovens de sangue na guerra e que por isso possuem a qualidade saudável de ter posições críticas ao mínimo sinal de ambiguidade por parte de figuras políticas que são louvadas, indiscriminadamente, à esquerda e à direita.

O corpo redactorial da «Voz de Gouveia», publicação quinzenal, surgida há cerca de um ano com o intuito de se opor ao outro jornal do concelho, «Notícias de Gouveia», velho na idade (sessenta e tal anos) e noutros aspectos, é composto por gente de esquerda. Desde o PS à esquerda revolucionária passando pelo PCP, gente que encontrou uma plataforma de entendimento inédita em relação à unidade que em Lisboa não existe. «No momento, a situação do jornal é esta: nem mar de rosas, nem corda na garganta», disseram. Com uma tiragem de mil exemplares, «Voz de Gouveia», conseguiu uma certa implantação no terreno dos emigrantes. Tem assinantes na Suíça e até nos Estados Unidos. «Está a notar-se um surto

emigratório para a Suíça com a mesma dimensão dos anos sessenta...» O que quer isto dizer? «Que na zona não houve desenvolvimento, não apareceram indústrias novas a implantarem-se aqui... e as velhas, os têxteis, estão a dar o berro.»

Em termos culturais constatamos que no concelho de Gouveia existe um Clube Camões (o antigo Grémio dos Industriais) que funciona como lugar de convívio e «casino», o Centro Republicano «Pedro Botto Machado» que assumiu, desde há muitos anos, o papel de tasca, uma escola de música, as festas do Senhor do Calvário, quatro ranchos folclóricos, cinco bandas de música, um orfeão e quatro grupos de teatro um pouco adormecidos.

Na opinião das «vozes» de Gouveia, palavra nova e crítica, o concelho de Gouveia, terra onde nasceu o pintor Abel Manta «está a retroceder no ponto de vista económico e cultural».

Lourdes Féria

Serviços Municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE DUAS VIATURAS MECÂNICAS LIGEIRAS, PARA APOIO À ILUMINAÇÃO PÚBLICA, EQUIPADAS COM GRUA HIDRAULICA OU ESCADA EXTENSIVEL, POR SISTEMA HIDRAULICO, COM CESTO, PARA ELEVAÇÃO MINIMA A 12 METROS.

Faz-se público que se encontra aberto concurso público, pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de esc: 120 000\$00 e o definitivo é de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados, perante a comissão para esse fim nomeada.

Serviços Municipalizados de Loures, 15 de Março de 1982.
O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaco

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

V CURSO INTENSIVO DE SAÚDE PÚBLICA PARA ENGENHEIROS MUNICIPAIS

De 3 a 27 de Maio de 1982 vai realizar-se, na Escola Nacional de Saúde Pública, o V Curso Intensivo de Saúde Pública para Engenheiros Municipais que se destina a técnicos licenciados ou bacharelados que exerçam a sua actividade nas autarquias locais.

As inscrições estão abertas de 29 de Março a 8 de Abril e todos os esclarecimentos sobre este Curso serão prestados na Escola Nacional de Saúde Pública, Av. Padre Cruz, 1699 LISBOA CODEX, Telefones 795793 e 795744.

Lisboa, 12 de Março de 1982.

O DIRECTOR
a) CORIOLANO FERREIRA

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal de Loures

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 21 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

- LINHA 10 KV - AMOREIRA, ARROJA, FAMÕES E QUINTA DAS PRETAS
- PÓVOA DE SANTO ADDRIÃO

Este corte afectará o abastecimento de água as povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 17 DE MARÇO DE 1982.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaco

Afeganistão: ano 1361

De acordo com o calendário islâmico vigente no Afeganistão, começa amanhã o ano de 1361 da Hégira.

Antes do novo ano, o Partido Democrático Popular do Afeganistão (PDPA), que governa o país desde a revolução de Abril de 1978, realizou no passado fim-de-semana uma conferência nacional, onde fez o balanço da sua actividade desde 1966, data da anterior conferência, aprovando um «Programa de Acção» e elegendo uma nova direcção.

No programa aprovado lê-se que as tarefas estratégicas do PDPA definida em 1966, isto é, o acesso ao poder e opção por uma via democrática de desenvolvimento nacional, estava cumprida. A revolução de Abril de 78 aí definida como «nacional democrática, com um carácter antifeudal e anti-imperialista», reflectindo as particularidades nacionais do povo afegão, os seus profundos sentimentos religiosos, e as diferentes tradições de povos e tribos.

A conferência debruçou-se ainda sobre o processo da reforma agrária, questão fundamental num país onde 85 por cento da população vive em 22 mil e 800 povoados situados no campo.

A primeira medida foi libertar os 11 milhões de camponeses das dividas usurárias que se elevavam a 30 milhões de «afghanis». Após a distribuição das terras que contemplaram 297 mil famílias, procede-se à organização de cooperativas para venda da produção, acompanhada de

um aumento dos preços de compra dos produtos agrícolas e uma redução dos adubos e máquinas entre 20 e 40 por cento.

Desde a revolução, entraram em funcionamento 249 empresas industriais.

Foram criados 7 centros agrícolas mecanizados, com um parque de 400 máquinas. Os salários dos operários e empregados sofreram aumentos que variam entre 26 e 50 por cento. No decurso do último ano, o rendimento nacional cresceu 27,7 por cento, de acordo com dados provisórios, cifrando-se em 31 mil milhões de «afghanis».

O comércio externo foi talvez dos sectores da economia afegã o que registou maiores melhorias. A imprensa afegã refere que os lucros do comércio externo aumentaram 217 por cento. Num recente artigo publicado pelo «Times» sobre o comércio externo afegão, desde Março de 78 a Março de 81, refere-se que as trocas externas aumentaram 72 por cento durante esse período.

Embora o comércio com o ocidente se tenha reduzido, as exportações afegãs para a Grã-Bretanha cresceram 80 por cento e para a Alemanha Federal 130 por cento. Nesse mesmo período as exportações para a URSS duplicaram e as importações cresceram 239 por cento.

O aspecto mais curioso do comércio externo afegão é o facto de, apesar de ser do vizinho Paquistão que partem as agressões contra a República Democrática do Afeganistão, as

exportações para esse país cresceram 23 por cento e as importações, 11 por cento. (Novosti).

Comemorações ocidentais

Por iniciativa do Parlamento Europeu, o dia de amanhã é considerado «Dia Internacional do Afeganistão». Os dez países da CEE incitaram ontem todos os países não socialistas a associar-se a estas comemorações e apelaram para uma solução política da crise afegã, afirmando que o corpo expedicionário soviético foi recentemente reforçado naquele país asiático, e oferecendo-se para desenvolverem todos os esforços tendentes a encontrar uma verdadeira solução política para o caso.

O presidente Reagan associou-se a estas comemorações, tomando, entre outras iniciativas, a de colocar uma bandeira afegã na nave militar espacial «Columbia» que vai ser novamente lançada.

Na Grã-Bretanha vários partidos associaram-se criando um «Comité de Apoio ao Afeganistão», ao qual a primeira-ministra, Margaret Thatcher, enviou uma mensagem onde se diz esperanças em que a Primavera meteorológica coincida com o princípio do fim do «Inverno da ocupação soviética» no Afeganistão.

O dia 21 é também, por iniciativa muito antiga da ONU, o dia mundial contra o racismo e o «apartheid».

Prisões na Indonésia e na Coreia do Sul

Duzentas e quarenta pessoas foram presas na capital da Indonésia na sequência de incidentes registados durante um comício eleitoral do partido do presidente Suharto, anunciou o chefe da Segurança Nacional, almirante Sudomo.

O almirante desmentiu notícias de que alguém tenha sido morto pelo Exército quando este dispersou quinta-feira um comício do Partido Golkar, boicotado aparentemente por jovens muçulmanos descontentes com o Governo.

Um informador do hospital central disse que na sequência dos incidentes deram entrada no estabelecimento 90 pessoas, 45 das quais ficaram internadas, mas assegurou que nenhuma havia morrido em consequência dos ferimentos.

O ambiente que ontem se vivia na capital da Indonésia era de grande tensão, com tanques nas ruas, estabelecimentos comerciais encerrados por ordem oficial e as principais artérias patrulhadas por soldados e polícias.

Os três partidos políticos le-

gais do país, incluindo o Partido Muçulmano, que foi indirectamente acusado de fomentar os incidentes de quinta-feira, emitiram um comunicado conjunto, no qual condenam o sucedido e pedem uma tomada firme de medidas.

Entretanto, cerca de seis mil pessoas foram presas na Coreia do Sul durante uma vasta operação policial levada a cabo na sequência do incêndio de origem criminosa que deflagrou no Centro Cultural Americano da cidade portuária de Pusan.

SWAPO propõe conferência com a África do Sul

A SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano, que luta pela independência da Namíbia), propôs ontem à tarde em Luanda a abertura imediata duma conferência com a África do Sul, para debater os problemas em suspenso.

Numa resposta dirigida ao grupo de contacto ocidental na sequência das propostas apresentadas a 12 de Março aos países da Linha da Frente e à SWAPO, o Movimento de Libertação namibiano rejeita, mais uma vez, o sistema eleitoral proposto que equivale a «um homem, dois votos» para a eleição

da Assembleia Constituinte da futura Namíbia independente.

A SWAPO considera que a convocação duma conferência entre ela e a África do Sul irá acelerar o processo de aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, «sem mais demoras, emendas, qualificações ou prevaricações».

Nessa declaração, publicada ontem à tarde em Luanda, a SWAPO sublinha estar pronta a aceitar um sistema proporcional ou por círculos, ao mesmo tempo que manifesta uma preferência pelo último.

Sul-africanos alargam agressões contra Angola

Tropas sul-africanas, que ocupam grande parte da província angolana do Cunene, ampliaram a sua agressão atacando as regiões de Cambene e Iona, zona de Moçamedes, disse ontem a agência ANGOP, citando fontes oficiais de Luanda.

Iona e Cambene localizam-se, respectivamente, a cerca de 47 e 34 quilómetros da fronteira com a Namíbia.

A ANGOP disse que não existe nas zonas qualquer base da SWAPO, mas única e exclusivamente um campo de refugiados, muitos dos quais foram vitimados pelo ataque, principalmente mulheres e crianças.

Comentando a alegada presença, no local, de armamento e munições, fontes contactadas pela agência noticiosa angolana

referiram que tal, não passa de uma encenação numa tentativa de levar a opinião pública internacional a pensar tratar-se de uma base militar.

O cenário foi montado com o transporte de material para o local, sendo, depois, chamados os jornalistas, alega a ANGOP.

Depois de indicar que o mesmo se terá passado com os cadáveres apresentados, apenas os dos homens, «em que tiveram o despojo de vestir fardas que tinham de antemão preparadas», a ANGOP conclui afirmando que «um facto, contudo, é concreto: os sul-africanos alargaram agora a sua onda de agressões a todo o Sul da República Popular de Angola, mais concretamente a Moçamedes».

Acusações de Samora Machel

O presidente Samora Machel acusou «alguns» países ocidentais de estarem a fazer chantagem contra Moçambique chegado mesmo a falar de «bloqueio económico não declarado» — noticiu ontem a Imprensa do Maputo.

Falando numa conferência de quadros da Frelimo, que está a decorrer em Maputo, o presidente moçambicano comentou também asperamente as acções dos rebeldes do país.

«São bandidos — observou — que recorrem aos métodos de vandalismo próprios dos terroristas «Boers», que os tutelam, próprios dos métodos dos nazi-fascistas».

Assassínio de jornalistas em

Ministro holandês ac de ser responsável

O ministro dos Negócios Estrangeiros holandês declarou ontem haver informações que indicam que os quatro jornalistas mortos em El Salvador foram assassinados a sangue frio pelas tropas governamentais.

Numa conferência de imprensa improvisada, Max van Der Stoep disse que as autoridades salvadoreñas declararam a representantes holandeses que os quatro tinham sido mortos por balas das forças governamentais quando estas ripostavam a um ataque de um grupo de guerrilheiros.

O ministro, que ordenou ao embaixador da Holanda na Cidade do México, barão Speyart Van Woerden, que se deslocasse imediatamente a São Salvador para investigar pessoalmente o incidente, sublinhou: «Quando se matam pessoas a sangue frio, o caso é muito, muito sério». Denunciou a «constante violação de Direitos Humanos em El Salvador».

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, deplorou por seu turno, a morte dos quatro jornalistas, tal como deploira todas as perdas de vidas humanas nos últimos meses em El Salvador.

Também os Estados Unidos «deploraram a morte trágica» dos quatro homens. Segundo o porta-voz do Departamento de Estado americano, o Governo está preocupado com o efeito que a morte dos quatro jornalistas poderá ter na opinião pública

da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Segundo o porta-voz, nada contradiz o relatório oficial salvadoreño sobre as circunstâncias da morte dos quatro jornalistas.

Por seu turno, a agência oficial soviética «TASS» alude ao «cobarde assassinato» dos quatro jornalistas, afirmando que a versão oficial deste crime, dada pela Junta e «repetida» pelo Departamento de Estado americano, é uma «invenção mentirosa».

A «Organização Internacional dos Jornalistas» condenou «a morte dos jornalistas pela Junta governamental salvadoreña», enquanto a «Federação Latino-Americana dos Jornalistas» responsabilizou o presidente salvadoreño José Napoleon Duarte, pela segurança dos jornalistas que trabalham em El Salvador.

Por seu turno, os representantes da guerrilha salvadoreña em Haia acusaram publicamente a Junta de ter «liquidado» os quatro jornalistas.

Os jornalistas da Imprensa Internacional procuram apurar as circunstâncias da morte dos seus quatro camaradas. Segundo vários testemunhos, coincidentes entre si, os holandeses tinham deixado o hotel da capital onde estavam alojados na quarta-feira, cerca das 15 horas locais, para se deslocarem à região de Chalatenango e ali fazerem uma reportagem sobre a vida das populações rurais nas zonas de guerrilha. Ter-se-iam



Jan Kuiper, um dos jornalistas as

depois dado conta de que eram seguidos. Duas horas depois de terem deixado a cidade, encontraram a morte.

Vários jornalistas que se deslocaram ao local onde os seus quatro companheiros foram mortos foram cercados e ameaçados por um grupo de indivíduos que afirmava pertencer à Defesa Ci-

A última reportagem

O semanário de esquerda «Vrij Nederland», publicou ontem em primeira página uma reportagem assinada por dois dos quatro jornalistas mortos na passada quarta-feira em El Salvador. Os dois jornalistas holandeses, Koos Koster e Jan Kuiper, relatavam os seus problemas com a polícia salvadoreña e referiam os progressos alcançados pela guerrilha que, escreviam, «está às portas de San Salvador».

Nessa reportagem, impressa antes de ser conhecida a notícia da morte, os dois jornalistas contam que na quinta-feira, 11 de Março, pelas 5h40 da manhã, doze polícias armados e a paisana foram prendê-los ao hotel. Na véspera, Koos Koster já tinha sido interrogado pela Polícia na sequência da descoberta do seu nome entre os papéis de um guerrilheiro morto.

Os dois jornalistas holande-

ses foram libertados cinco horas depois. Entretanto, a Embaixada americana e o consulado da Holanda tinham sido prevenidos do seu desaparecimento. Quando regressaram ao hotel foram recebidos por dois diplomatas americanos, um dos quais declarou terem tido o pior e que se tinham recordado «a propósito deles, das quatro religiosas assassinadas» há alguns meses.

Durante o interrogatório policial, o coronel Francisco Moron declarou aos dois jornalistas que tinham o direito de informar sobre El Salvador. «Mas acrescentou, sou contra os jornalistas que simpatizam com a subversão».

A declaração que Koos Koster teve de assinar perante a Polícia foi lida no dia seguinte no rádio e na televisão salvadoreñas: «visivelmente, a Polícia secreta deseja essa publicidade», escreviam os dois jornalistas, acrescentando que no dia seguinte

foram procurados por um homem de negócios que lhes declarou: «Não quero que o filme que fizeram comigo seja transmitido. Não quero ter nada a ver convosco».

Falando dos confrontos entre o exército e a guerrilha, os jornalistas escreviam: «Tudo parece estar controlado — mas quando o exército ocupa as colinas, os guerrilheiros instalam-se em baixos, nas aldeias. Se os soldados controlam as aldeias, então os guerrilheiros reinam sobre as colinas. É uma guerra de desgaste e o exército terá fôlego enquanto os Estados Unidos continuarem a mandar material e a formar soldados».

Os dois jornalistas escreviam ainda que, segundo o major Borja, da primeira brigada de infantaria de «San Carlos a San Salvador», «70 por cento dos recrutas passaram para a rebelião depois do serviço militar».

Se falharem as conversações de Genebra

A RFA instalará os «euromísseis»

A RFA instalará, no final de 1983, os novos foguetes nucleares americanos de médio alcance, se não se registar qualquer resultado substancial nas negociações de Genebra sobre os euromísseis — declarou o ministro federal-alemão dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher.

Ao receber, ontem o embaixador soviético em Bona, Vladimir Semionov, a pedido deste, Genscher sublinhou: «Seria um erro de pesadas consequências da parte da União Soviética acreditar que a RFA não estaria politicamente à altura de instalar, em caso de falta de resultados das negociações de Genebra, os foguetes americanos de médio alcance, de acordo com a dupla

decisão da NATO».

Segundo o comunicado oficial difundido depois do encontro, Genscher acrescentou: «É preciso fazer todo o possível para que se chegue a resultados satisfatórios até ao Verão de 1983, nas negociações de Genebra», solução satisfatória essa que só poderá ser alcançada «através da renúncia de ambas as partes à instalação dos foguetes de médio alcance».

Aludindo ao recente discurso do presidente soviético Leonid Brejnev, cujo texto integral lhe foi entregue pelo embaixador Semionov, Genscher declarou que o Governo da RFA «leva a sério» todas as propostas soviéticas de controlo dos armamentos, estudando-as e analisando-as,

em conjunto com os seus aliados ocidentais.

Genscher, por último, convidou a URSS a terminar a ocupação militar do Afeganistão, e reafirmou a preocupação do Governo de Bona acerca da crise polaca.

Por sua vez, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético pediu aos Estados Unidos que estudem seriamente as propostas formuladas por Leonid Brejnev.

Gromyko disse nomeadamente: «Podemos admitir que alguns não tenham ainda compreendido o sentido das nossas iniciativas precisando para isso de um certo tempo. Pois bem, que reflectam e que as compreendam bem».

em El Salvador

Acusa a Junta pelo crime



Os assassinados em El Salvador

disparados por cerca de quinze soldados do Exército regular salvadorenho, a cerca de 70km a Sudeste da capital, quando se deslocavam num veículo assinalado com uma bandeira branca. Entretanto, prosseguem os combates entre a guerrilha e o Exército no distrito de San Vicente, no centro do Salvador, a uma semana das eleições. Registam-se igualmente combates e sabotagens no Norte do país.

Nicarágua pede convocação do Conselho de Segurança

Na Nicarágua, o Governo sandinista pediu aos países não-alinhados para que apoiem o seu pedido apresentado ontem em Nova Iorque pelo seu representante na ONU, no sentido de ser convocada uma reunião urgente do Conselho de Segurança das Nações Unidas para tomar medidas «com o fim de evitar uma agressão» dos Estados Unidos contra o país.

Manágua protestou, por outro lado, contra a detenção de um ex-sandinista nicaraguense, pelas autoridades hondurenhas, na altura do seu repatriamento. Tendo sabido da existência de um plano que visava assassinar o arcebispo de Manágua, esse homem tinha desertado dos «grupos contra-revolucionários nicaraguenses», refugiando-se na Embaixada do seu país nas Honduras.

Cimeira Anglo-Alemã

RFA exclui mediação sobre orçamento da CEE

A cimeira anglo-alemã de 6.ª feira em Chequers (Grã-Bretanha) em nada alterou a ameaça de uma crise europeia, pois o chanceler Helmut Schmidt excluiu toda e qualquer mediação da RFA no diferendo franco-britânico a propósito do orçamento comunitário.

Schmidt, segundo fontes oficiais alemãs ocidentais, salientou a Margaret Thatcher que «compreendia» o problema da contribuição líquida britânica, mas que o problema devia, segundo ele, ser resolvido de forma comunitária.

Além disso, ainda segundo as mesmas fontes, o chanceler Schmidt assinalou que o seu país é já o primeiro contribuidor líquido do orçamento europeu e que a situação económica da RFA não lhe permite nenhum gesto a favor de Londres.

Thatcher e Schmidt mostraram-se aliás pessimistas quanto à possibilidade de a próxima cimeira europeia resolver o problema do orçamento, numa conferência de imprensa comum que encerrou as suas conversações do dia.

Schmidt declarou que «não estava certo de que o trabalho preparatório dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE e da comissão estivesse suficientemente amadurecido para que a Cimeira Europeia conseguisse tomar uma decisão desta feita. Por outro lado, acrescentou, não quero dramatizar».

Por seu turno Thatcher afirmou que «neste momento não estamos prestes a encontrar uma solução. Se não obtivermos um acordo satisfatório quanto ao orçamento, não poderemos dar o nosso acordo à política agrícola comum», disse a chefe do Governo britânico.

Os dois chefes de Governo abordaram também todos os assuntos relacionados com as duas cimeiras previstas para Junho próximo, a dos países industrializados em Versalhes e a da NATO.

Sobre estes problemas não se registou nenhum desacordo, salientam do lado britânico. A discussão incidiu em particular sobre as taxas de juro americanas e os seus efeitos nefastos sobre a economia europeia. Os dois interlocutores concordaram, quanto a este assunto, que a melhor maneira de agir era tentar discretamente e não publicamente exercer uma influência sobre Washington.

Nas conversações em que participaram os ministros dos Negócios Estrangeiros, dos dois países, «lord» Carrington e Hans Dietrich Genscher, a missão Buckley (o subsecretário de Estado americano para a Ajuda e a Segurança, que efectua uma digressão na Europa para explicar as sanções americanas contra a União Soviética).

Foi evocada para concluir, no que toca ao problema das sanções, que era preciso evitar que elas fossem mais prejudiciais para os países que as adoptam do que para a URSS.

Numa reunião separada com John Nott, o ministro da Defesa britânico, o seu homólogo alemão-federal, Hans Apel, manifestou a sua inquietação pelo efeito que poderia ter a opção «Trident» (a adopção pela Grã-Bretanha dos mísseis americanos «Trident-D-5», para renovar a sua força de dissuasão nuclear estratégica) sobre as forças convencionais na Europa. Nott, segundo fontes britânicas, asseverou-lhe que tal opção nada mudaria.

a semana

Um casal desavindo

Namoro, casamento, lua-de-mel, vida em comum, ameaças de separação: eis, em síntese, a trajetória do casal EUA-China, desde 1972 até aos nossos dias. Resta saber se as actuais ameaças de separação que Pequim faz a Washington se irão traduzir num divórcio ou, se, pelo contrário, o casal achará maneira de se reconciliar. Todo este processo de aproximação foi marcado, desde o início, por uma característica: ambos os noivos se lançaram numa união de conveniência, procurando cada qual à partida lucrar mais que o outro com a venda mútua. Ao fim de dez anos de vida em comum, a China parece ter concluído que o balanço do casamento não lhe foi grandemente favorável. É, pois, muito natural que exija agora a contrapartida.

Quando em 1972, os jornalistas estrangeiros, que se encontravam em Pequim, tiveram conhecimento de que Nixon ia à China, ficaram perplexos. Alguns deles recusaram-se mesmo a acreditar na notícia. O caso não era para menos. Nessa altura, os EUA escalavam a guerra do Vietname, e no mundo exterior muito pouco se sabia acerca das dificuldades existentes entre Hanói e Pequim.

A «carta americana» que a China resolveu jogar a fundo na altura explica-se pelos sucessivos falhanços que a sua política conheceu no Sueste Asiático. Depois de rompida a solidariedade com o campo socialista, a China sentia-se «ensanduchada» entre aquilo a que passou a designar de duas «superpotências»: a URSS e os EUA. Daí que se lançasse em esforços tendentes a transformar-se numa poderosa potência asiática. Nisso ocupou os anos 60. Tentou primeiro a criação de um eixo Pequim-Pyongyang-Djacaarta-Hanói. Foi a insurreição comunista na Indonésia em 1965 e a catástrofe que todos conhecemos. Nova tentativa de um «bloco asiático» volta a falhar, daí a poucos anos. Em ambas essas «operações», a China deparou sempre com o obstáculo do Vietname, que rechaçou a sua política expansionista.

Então, quando era evidente que os EUA iriam sair derrotados do confronto na Indochina, Pequim aproveitou o momento para jogar a «carta americana». Tenta convencer Hanói e o «Vietcong» de que a divisão do Vietname é uma «teia no canto da casa, impossível por agora de limpar». Os vietnamitas rejeitam a sugestão capitulacionista, e nesse momento crucial da sua luta recebem o primeiro «castigo» chinês: diminuição do auxílio e obstáculos opostos à chegada das remessas providas da URSS. Apesar de não poderem assegurar aos EUA o brinde da divisão duradoura do Vietname em troca da «normalização», os chineses tinham na altura muito bons trunfos para jogarem com Washington. E, com efeito, que melhor oferta podia existir para Washington, à beira do colapso na Indochina, que a «normalização» com o gigante chinês, esse pesadelo amarelo e vermelho que durante tantos anos havia atormentado os «yankees»? Calcule-se só que efeito multiplicador teria para a derrota dos EUA no Sueste Asiático uma reaproximação entre a China e a URSS e com isto se avaliaria como foi útil a Washington essa mão subitamente estendida dos chineses. E em troca que receberam os chineses? Promessas de auxílio económico e tecnológico para o seu desenvolvimento e um relativo abandono desse anacronismo que era — e continua a ser — a Formosa.

Se bem examinarmos as coisas, o contrato foi altamente vantajoso para os EUA. Abandonaram, é certo, no papel a teoria das «duas Chinas», mas continuaram a fornecer à Formosa as armas necessárias para a defesa dos nacionalistas, enquanto, ao mesmo tempo, puderam prosseguir relações a todos os níveis (menos ao de embaixador) com Taipé.

Passados dez anos sobre o «comunicado de Xangai», três anos depois do estabelecimento de relações a nível de embaixador entre os dois países, quem lucrou mais com a aliança?

Indiscutivelmente que foram os EUA. No plano estratégico, Pequim deixou de representar uma ameaça e tornou-se ela um perigo mais crível para a URSS (que tem 1/4 das suas forças terrestres estacionadas ao longo da fronteira com a China). Além disso, com a sua política cada vez mais coincidente com os interesses imperialistas, prejudicou o mais que pôde o esforço de reconstrução dos países da Indochina, procurou vingar por interposição a derrota americana no Vietname, exauriu o Kampuchea, apoiou o Paquistão, desestabilizou o Afeganistão, deu novo alento à ASEAN. No plano das relações globais, constituiu um poderoso factor de divisionismo no campo socialista, no Terceiro Mundo, no Movimento dos Não-Alinhados, favoreceu os círculos antidesanuiamento e pró-rearmamento.

Neste momento em que mais uma onda rectificadora percorre a China, levada decerto em grande parte pelas vicissitudes da sua política interna, a direcção de Pequim apresenta a factura aos EUA.

Tudo começou ainda durante a campanha eleitoral de Ronald Reagan, que não ocultou as suas simpatias pela Formosa e que se rodeou de elementos ultraconservadores, cujas vistas curtas os levam a esquecer as imensas vantagens globais de uma aliança com Pequim para se agarrarem aos restos do Kuomintang.

Suspeitosa das intenções de Reagan, a China não pareceu acalmar-se com as visitas e as promessas que a nova Administração se apressou a fazer-lhe. Neste momento, a China exige que os EUA se comprometam a marcar um prazo (entre três a seis anos) para cessar os fornecimentos de armas a Taiwan. Por sua vez, os EUA prometem intensificar a sua cooperação a todos os níveis com Pequim, se os chineses não levantarem problemas dessa índole. A Administração Reagan renunciou mesmo a fornecer à Formosa os sofisticados bombardeiros FX que lhe havia prometido e mandou-lhe apenas uns F-5E. Mas esse gesto não apaziguou Pequim.

Tal como a promessa feita por Haig de fornecer equipamentos sofisticados que os EUA recusam a qualquer outro país socialista não convenceu os chineses.

Num gesto que revela até que ponto a questão da Formosa é agora tomada a peito em Pequim, a direcção chinesa fez uma proposta de reunificação pacífica a Taipé. Os termos do compromisso seriam os seguintes: 1 - Taiwan manteria o seu sistema político, económico e social; e ficaria dotada de um alto grau de autonomia; 2 - personalidades eminentes da Formosa teriam garantidos postos oficiais no continente; 3 - os túmulos ancestrais da família Chiang Kai-Shek seriam reparados; 4 - o corpo do velho marechal nacionalista seria trasladado para a sua aldeia natal.

É muito provável que os chineses esperassem que Washington pressionasse a Formosa a aceitar estas propostas aparente-

mente razoáveis. Tal não aconteceu. Também é provável que essas propostas tenham sido um teste à solidez da «amizade» entre os EUA e a China. «teste» no qual Washington chumbou.

O problema para a actual Administração é que ela não tem meios para resolver a questão da Formosa. Primeiro, porque um presidente posto no cargo para recuperar o prestígio, a grandeza e o poder dos EUA não pode dar-se ao luxo de ceder a pressões de um país, que, para muitos, é «vermelho». Depois porque não parece muito provável que no actual Congresso o abandono da Formosa «passasse». Tanto mais que muitos analistas dos EUA entendem que não se corre o risco de ver a China abandonar o «campo pró-occidental» (um dos pesadelos de Alexander Haig).

Além disso, há um factor económico que parece pesar neste problema: o mercado continental não foi aquela ucharia que muitos homens de negócios norte-americanos esperavam. Prova disso é o facto de o volume do comércio com Pequim em 1981 se ter quedado pelos cinco mil milhões de dólares, enquanto com a Formosa alcançou a verba de 13 mil milhões.

As únicas perspectivas francamente animadoras nesse campo são as do petróleo do Mar da China do Sul: 46 companhias estrangeiras (50% das quais com sede nos EUA) afadigam-se em Pequim em busca dos contratos. E duas companhias norte-americanas já receberam concessões para prospecção.

Ainda em termos económicos, os EUA defrontam na China um concorrente de peso: o Japão, que tem sabido lidar melhor com Pequim, em matéria de negócios, e que não sofre da hipoteca formosina.

Se os norte-americanos acham que ganharam pouco com o «negócio da China», os chineses nesse capítulo só têm tido decepções: as «quatro modernizações» marcadas de empreitada para estarem terminadas em 1999 já foram adiadas. O elevado endividamento externo, o défice do orçamento, a elevação do nível do desemprego levaram a refrear os ambiciosos projectos industriais que a China tinha encarado no âmbito das suas modernizações. Ao mesmo tempo, o «mal polaco» parece ter suscitado receios entre a direcção chinesa, que, nestes dez anos de



acasalamento com os EUA, tem atravessado dolorosos processos rectificadores tão característicos da sua política.

Em face de tudo isto, temos que reconhecer que as relações entre os EUA e a China têm contrariado os princípios da política que Pequim fixou em 1977 e que foram expressos na terceira sessão do 10.º plenário do Comité Central do PCC por Deng Xiaoping em 1977, por Keng Piao em 1976 e por Huang Hua (em data desconhecida).

Esses discursos secretos chegaram ao Ocidente via Formosa, que publicou alguns excertos em 1978. Não mereceria crédito a fonte, se porventura o que ali se revela não coincidissem com a visível política de Pequim e se acaso os chineses cercados na Formosa não fossem quem realmente melhor conhece os ocidentais.

A intenção de Pequim é explorar, em sua própria vantagem, as contradições entre soviéticos e americanos. Mas Pequim não consente que sejam os EUA a determinar a sua política em relação a Moscovo. Para evitar a existência de inimigos em duas frentes, a China deve optar por um e abandonar o outro. Mas tanto os EUA como a URSS são inimigos, inimigos entre os quais a guerra é inevitável. O que é preciso é impedir a todo o custo que os EUA e a URSS avancem no processo de desanuviamento. Só assim a China pode aproveitar das contradições entre ambas as potências e colher das suas relações com os EUA os conhecimentos científicos e o equipamento tecnológico de que carece para a sua modernização. A deliberação de Taiwan é uma opção que Pequim já escolheu e à qual não renuncia. Conseguida a normalização com os EUA, criar-se-ão condições de solucionar o problema de Taiwan, o que ajudará a resolver definitivamente as questões do Tibete e do Sinqião. O apoio da China ao estacionamento de tropas americanas nas Filipinas e na Europa Ocidental é temporário e destina-se a garantir a estabilidade chinesa e a servir de contenção aos soviéticos. Nas relações com os EUA segue-se a tática da **unificação e luta**, para a qual os americanos, muito infantis, não estão preparados. A terceira guerra é inevitável, mas pode ser adiada até ao fim deste século. Se isso se conseguir, a China encontrar-se-á numa boa posição à partida e beneficiará grandemente do adiamento.

Tanto quanto é possível avaliar, até agora os «infantis» parecem ter sido os chineses. Para certos observadores, a atitude de Pequim face à crise polaca e a sua abertura às negociações com a URSS podem indicar que a China se dispõe agora a jogar com Moscovo contra Washington.

Será realmente assim? Em matéria de política chinesa, o comentarista é uma espécie de romancista policial que não consegue escrever o último capítulo. Dispomos de elementos dispersos, procuramos arrumá-los num todo minimamente coerente, mas, no fim, em desespero, temos de reconhecer: Pequim é um «crime» que não se consegue deslindar.

Alice Nicolau

SALDOS

Normal desde 90\$00 o rolo

PAPÉIS DE PAREDE

O colorido sonhado os desenhos tantas vezes imaginados, a variedade a qualidade... Enfim, são mesmo saldos de sonho!

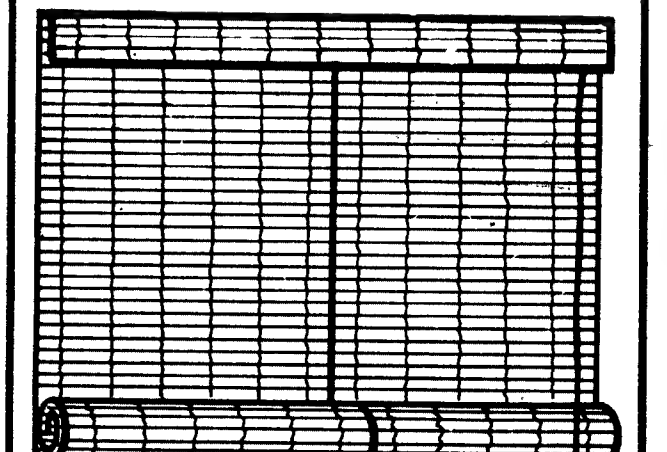
Vinílico desde 200\$00 o rolo

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057



COM SOL OU CHUVA CONTROLE A INTENSIDADE DA LUZ



ESTORES DE ENROLAR

EM RIPAS DE MADEIRA
EM VÁRIAS CORES
ISOLANTE TÉRMICO E ACÚSTICO
ALTAMENTE RESISTENTE A LUZ SOLAR
Ideal para marquises, janelas, escolas,
locais de trabalho

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

MAQUINA DE COSTURA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

novos concessionários
JUCIERVA, LD.ª
Rua dos Anjos, 28-B
Telef. 842857 - 1100 LISBOA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Teatro infantil

no nosso Espaço Experimental



o Chapéu Mágico

de Carlos Correia
cenografia Moisés Alberto / encenação Rogério Paulo

Sábados às 15,30 h.
Domingos às 15,30 e 17,30 h.

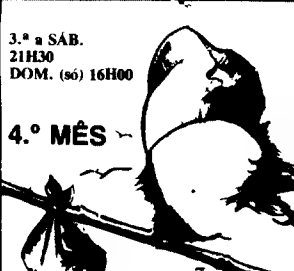



Só o tempo da viagem! É tão seguro como se viajasse consigo!

CP Caminhos de Ferro Portugueses

3.ª e SÁB. 21H30 DOM. (sáb) 16H00

4.º MÊS



FERNÃO, MENTES?

encenação HELDER COSTA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
tel 686300 (m/13) Sub. SEC

A BARRACA

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21.45h

A VIAGEM

2.º MÊS

TEXTO: HELDER COSTA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA

DE 3.ª FEIRA A DOMINGO AS 21.45
SABADOS E DOMINGOS TAMBÉM
• MATINEES AS 17 H.

PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24
Sub. SEC

4.º MÊS

A EXCEÇÃO E A REGRA

Dias 19 e 20 às 21.45

Dia 21 às 16 e 21.45

de BERTOLT BRECHT
encenação PETER SCHROTH e PETER KLEINERT

Últimas representações

GRUPO DE CAMPOLIDE

Viagens Internacionais AUTOPULMAN

Lisboa / PARIS

3.950\$

FRANÇA	LYON VERSAILLES CLERMONT-FERRAND
ALEMANHA	COLONIA FRANKFURT
SUIÇA	ZURIQUE GENEVE
LUXEMBURGO	LUXEMBURGO
BÉLGICA	BRUXELAS

Novo serviço para

ESPAÑA

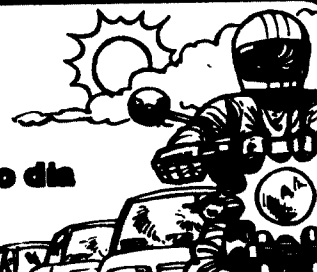
MADRID 1.690\$00
BARCELONA 3.380\$00

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO

Informações e reservas
RN VIAGENS E TURISMO/CLARAS TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 - 1098 LISBOA CODEX
Telef. 560015-563451/52

motociclista ACENDA OS MÉDIOS mesmo durante o dia



DIREÇÃO-GERAL DE VIAGENS DSR

Vende-se

Dois cães de raça de Serra da Estrela, para vivendas ou fábricas.

Telefone 296 00 35.

Angariadores de Publicidade

Para jornal diário de expansão nacional.

- Entrada imediata
- Boas condições de trabalho
- Só responder com o mínimo de experiência

Resposta a este jornal ao n.º 16902.

exclusivo

Lopez Portillo:

“As possibilidades de desanuviamento diminuem na América central”

■ Francis Pisani

□ Le Monde

No dia 25 de Fevereiro, o governo americano declarava-se «satisfeito» com as primeiras reacções às propostas feitas por Reagan para «auxiliar» os países da América Central e das Caraíbas. O Congresso mostra-se favorável, assim como a maioria dos governos em questão, diz-se na Casa Branca.

Enquanto as autoridades de El Salvador e da Costa Rica qualificavam o programa de «transcendente e histórico», dizia-se no Panamá que o auxílio militar não contribuiria para resolver os problemas da região.

Na Nicarágua, o ministro da defesa respondeu aos ataques do presidente Reagan declarando que este último se limitara a «reafirmar a sua política de agressão contra a revolução sandinista». Depois da agência Tass, a agência Nova China reagiu vivamente perante o plano de Reagan. Ela acha que o presidente dos Estados

Unidos fala abusivamente de uma ameaça soviético-cubana na América Central e que o seu plano intensificará a rivalidade que opõe os Estados Unidos à União Soviética «pela hegemonia» na região.

El Salvador continua a ser o ponto quente da crise centro-americana. Segundo o correspondente do «Le Monde» em Buenos Aires, oficiais argentinos ligados à informação participam na luta contra a guerrilha.

Por seu lado, o governo mexicano fez propostas com o objectivo de pôr fim ao conflito. O seu presidente, Lopez-Portillo, deu uma entrevista ao correspondente do «Le Monde» no México, declarando que «as possibilidades de desanuviamento diminuem na América Central.»

— Que pensa do discurso de Ronald Reagan?

— Quero sublinhar, antes de mais, os seus aspectos positivos. O país mais industrializado do mundo compreendeu muito claramente que os problemas dos países do Sul, que se traduzem em crises políticas, têm causas sociais cuja origem é económica. Para os solucionar é preciso ir à raiz das coisas, isto é, à natureza das permutas entre o Norte e o Sul. O projecto americano contribui para uma solução global, a solução que nós, por exemplo, procurámos no decorrer da conferência de Cancun.

Dito isto, não aprovo o carácter discriminatório do auxílio, por exemplo, a exclusão, por razões ideológicas, de vários países da região. Teria sido preferível encontrar uma fórmula que, pelo contrário, permitisse generalizá-la. Também não estou de acordo com o facto de uma parte do auxílio ser feito em armamento.

— Tenciona colaborar de uma maneira ou de outra neste plano?

— Já o fazemos há muito tempo, fiéis que somos aos nossos princípios. O nosso auxílio concretizou-se através do acordo de San-José sobre o fornecimento de petróleo aos países da região.

Trata-se de um empenhamento particularmente constrangedor para o México, visto que fornecemos petróleo leve, de fácil colocação no mercado. Apesar disso não pomos condições políticas nem lhe juntamos qualquer programa de auxílio de armamento.

— Que pensa das reacções causadas pelo seu discurso de Manágua?

Foram diversas mas não me surpreenderam. A França reagiu muito bem. A Internacional Socialista considerou as propostas positivas, assim como o conjunto dos países europeus.

O facto de o presidente Reagan já ter decidido qual o conteúdo do seu discurso perante a O.E.A. impediu uma reacção formal da Casa Branca. Como tínhamos decidido informarmo-nos mutuamente das nossas iniciativas no respeitante à região, tínhamos comunicado oportunamente o texto dos nossos respectivos discursos. Acho que estes temas serão abor-

dados durante um próximo encontro, nas Nações Unidas, entre o ministro mexicano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Castaneda, e o general Alexander Haig. Espero reacções positivas susceptíveis de atenuar as tensões.

— Que possibilidade de êxito atribui às suas propostas de paz?

— Elas são menores do que o eram no dia 24 de Fevereiro, porque o presidente Reagan foi muito duro com Cuba e com a Nicarágua. As possibilidades de desanuviamento diminuem. Continuo, no entanto, a insistir no facto de devermos chegar a um diálogo e depois a negociações.

— Na sua opinião, como poderá ser solucionada a crise na América Central e nas Caraíbas?

— Se conseguirmos desanuviar as relações entre os Estados Unidos e Cuba, e levá-los a negociar, os outros

problemas resolver-se-ão por si próprios.

— Que pensa da carta que Fidel Castro lhe escreveu depois do seu discurso?

— Ela mostra que o chefe do Estado cubano compreendeu as minhas intenções. Ela confirma que Cuba está disposta a passar do diálogo à negociação.

— Qual foi a reacção dos sandinistas quando os convidou a reduzir os seus efectivos militares e a situação o permitisse?

— Eles não recusam uma tal hipótese. Mas, claro está, rejeitam encontrar-se sem capacidade defensiva em face de uma escalada militar.

Creio que podemos evitar essa eventualidade e consagramo-nos a isso. Estou convencido, de que, se houvessem negociações sérias, podíamos reduzir os efectivos militares da Nicarágua a um nível aceitável.

— Porque se pronunciou contra a venda de armas à Nicarágua pela França?

— Quis preservar o direito de o México protestar sempre que sejam enviadas armas para a América Central, na situação que ela hoje atravessa. Aquilo que censuramos aos Estados Unidos, a Cuba ou à União Soviética, temos também que o censurar à nossa França bem-amada. Temos de ser coerentes.

— Alguns comentadores americanos julgaram ver em declarações recentemente feitas, que o senhor presidente tinha dado um passo atrás em relação ao comunicado franco-mexicano sobre El Salvador, reconhecendo a Frente Democrática Revolucionária e a Frente Farabundo Martí para a libertação nacional, como forças políticas representativas. É verdade?

— A opinião pública norte-americana engana-se muitas

vezes quando supõe que o México e a França apresentam as duas frentes como representativas do conjunto do povo salvadorenho. Elas representam, na verdade, as forças em luta contra a Junta. Continuo a pensar que, para encontrar uma solução política para El Salvador, temos que transformar as forças antagonistas em protagonistas de uma negociação.

— O senhor presidente disse: «Entre eleições sem negociação e negociações sem eleição, deve haver um meio termo.» Isto significa que deseja mais as eleições do que as negociações? E porque ordem?

— É difícil imaginar que possa haver eleições enquanto continuam a guerrilha e a luta. Pensamos que, antes das eleições se deve chegar aquilo a que chamo «um acordo constituinte» que garanta a autenticidade do pro-

cesso eleitoral.

— Porque não tomou o México com a Guatemala, a mesma posição que tomou com a Nicarágua e El Salvador?

— Trata-se de situações diferentes.

— Pensa a sério na eventualidade de uma intervenção militar maciça dos Estados Unidos na região?

— Recuso-me a imaginar tal coisa. Durante as minhas conversas com as autoridades americanas, principalmente com o general Haig, disse que, na minha opinião, devíamos acabar com a guerra e com o terrorismo verbal. Eis porque não quero pensar em tal possibilidade.

— Há uma forte oposição da opinião pública norte-americana a toda e qualquer tentativa de intervenção maciça na região, que parece explicar-se pela lembrança da guerra do Vietname. Que pensa da fórmula: «El Salvador talvez não seja o Vietname, mas a América Central podia ser pior?»

— Toda e qualquer intervenção de uma grande potência, seja ela qual for, num país fraco, é, na minha opinião, um erro histórico grave. O Vietname tinha um santuário. A região não o tem. O esmagamento seria total, mas estaria longe de ser benéfico para os Estados Unidos.

— Porque tem o México boas relações com os países marxistas, inclusive na região?

— Porque acreditamos no princípio da autodeterminação dos povos. Porque temos relações maravilhosas, sem sombra de problema, com um país marxista como Cuba.

Se admitirmos que a nossa sociedade é pluralista, devemos admitir que o mundo o seja. E se o mundo é pluralista, devemos ser tolerantes uns com os outros. Quem tem razão? Todos têm as suas razões. Não há nada mais natural do que haver comunistas e capitalistas, muçulmanos e cristãos, e outros ainda.

O facto de Cuba ser comunista não me mete medo. Pelo contrário, o que receio são os países que procuram exportar a sua ideologia (seja ela qual for) e que querem intervir na nossa terra, violando assim o direito dos povos à autodeterminação. Isso é que eu condeno.



O presidente Portillo aclamado no México

Para evitar a descida dos preços

OPEP decide diminuição da produção de petróleo

Os treze ministros da OPEP decidiram ontem congelar a sua produção global «ao nível dos 18 milhões de barris-dia», para tentarem defender os seus preços ameaçados pela obstrução actual do mercado, indicam fontes próximas da conferência.

Os ministros reunidos, desde quinta-feira à noite, em Viena, prosseguiram as suas discussões esta manhã em conferência extraordinária para resolverem alguns «problemas técnicos» antes de anunciarem oficialmente a sua decisão.

Os «problemas técnicos» evocados por vários ministros incidem, segundo fontes próximas da conferência, sobre o nível de

produção de cada país membro.

O ministro argelino, Belkacem Nabi, afirmou por seu turno que o congelamento da produção ao nível dos 18 milhões de barris-dia seria mantido até à próxima conferência da OPEP, em Maio, em Quito (Equador).

Todos os ministros, acrescentou Nabi, estão de acordo para não alterar os preços actuais da OPEP, à excepção do Irão, que tem uma situação particular devido à guerra com o Iraque.

Os ministros, disse ainda Nabi, consideram que a procura deveria consolidar-se no final do segundo trimestre pois os «stocks» acumulados nos países ocidentais deveriam tornar-se insuficientes.

Gaston Thorn vem a Lisboa

O presidente da Comissão Europeia, Gaston Thorn, deverá chegar a Lisboa no dia 14 de Abril expressamente para se encontrar com o presidente da República — soube hoje a ANOP de fonte oficial.

O presidente do executivo comunitário anteciparia assim a sua visita a Portugal prevista para 15 e 16 de Abril para poder encontrar-se com Ramalho Eanes, que parte para Angola no primeiro destes dias.

O presidente da República receberá também na próxima segunda-feira o comissário europeu responsável pelos assuntos sociais, Ivor Richard, que se deslocou expressamente a Lisboa para participar num colóquio sobre a CEE e a igualdade de oportunidades no trabalho.

Balsemão regressou de Atenas

O Primeiro-Ministro pinto Balsemão afirmou ontem, à chegada

a Lisboa, no seu regresso de Atenas, que tinha sido muito frutuosa a sua viagem à Grécia no âmbito dos contactos bilaterais para preparar a adesão portuguesa ao Mercado Comum.

Adesão à CEE em debate

O movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e indústria sancionou a realização, no mês de Maio de um encontro subordinado ao tema «Mercado Comum: que futuro para as pequenas e médias empresas em Portugal».

O encontro terá âmbito distrital e para o efeito a respectiva comissão organizadora está a levar a cabo reuniões com um vasto leque de técnicos convidados, intercaladas com sessões públicas eectuadas em diversos locais.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «EQUIPAMENTOS DE COZINHA» — PROC. N.º 98/82

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de Equipamentos de Cozinha.
2. Serão recebidas propostas até às 17h30 do dia 27 de Abril de 1982, procedendo-se à sua abertura às 10h00 do dia imediato, 28 de Abril de 1982.
3. O caderno de encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100, LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 40 000\$00.

Mais uma surpresa das negociações

CEE quer tirar a Portugal competência de decisão sobre investimentos estrangeiros

A Comissão da CEE propôs recentemente ao Conselho de Ministros da Comunidade a adopção de um regime transitório para o investimento directo estrangeiro em Portugal, após a nossa entrada para a CEE, que equivaleria na prática a uma transferência de soberania das autoridades portuguesas para as instituições da CEE. A referida proposta, que será discutida na segunda-feira numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «dez», em Bruxelas, daria à Comissão da CEE a possibilidade de obrigar Portugal a aceitar determinados investimentos estrangeiros que as autoridades portuguesas tivessem previamente recusado. Além desta situação caricata, a proposta do executivo comunitário dá uma resposta negativa ao desejo expresso pelo Governo português de adiar por cinco anos, após a adesão, a possibilidade de estabelecimento de novos bancos e companhias de seguros estrangeiros.

A questão do investimento directo estrangeiro em Portugal após a adesão às Comunidades Europeias será discutida segunda-feira, em Bruxelas, pelo Conselho de Ministros dos «dez».

A inclusão deste ponto na agenda de trabalhos resulta de uma iniciativa da delegação francesa, que considera necessário começar desde já a aprofundar os problemas ligados ao investimento directo, para tornar possível um acordo sobre o «dossier» «direito de estabelecimento», na reunião ministerial prevista para 25 de Maio.

Um porta-voz da delegação francesa disse à ANOP que os ministros deverão fazer apenas «uma primeira abordagem» da questão, à luz da nova posição negociada proposta ao Conselho pela Comissão, há cerca de dez dias.

«Não haverá certamente decisões» — explicou — «porque a própria inclusão deste ponto na agenda levantou uma forte oposição por parte de um bom número de Estados membros».

A nova posição de negociação proposta ao Conselho pelo executivo comunitário, introduz, entretanto, alguns elementos importantes na evolução do «dossier».

Prestando os seus critérios, a Comissão indica que aceitaria uma recusa «sempre que

constatasse a presença de elementos negativos para a evolução da economia portuguesa e a sua integração harmoniosa na Comunidade».

Estariam neste caso, nomeadamente, os projectos susceptíveis de pôr em causa o processo de ajustamento ordenado das estruturas do sector visado.

Esta posição, considerada globalmente inadmissível em meios portugueses ligados à negociação, equivaleria a uma transferência prática das competências do nosso Instituto do Investimento Estrangeiro para a Comissão Europeia, situação absurda na próxima perspectiva da experiência comunitária.

Informações obtidas junto de algumas delegações nacionais permitem concluir que uma parcela importante dos Estados membros não está de acordo com a atribuição destes poderes à Comissão, sendo por isso provável que a solução proposta não venha a ser contemplada no documento que formalizará, a posição negociada dos «dez».

Nontinuando a tratar a questão do Investimento Directo Estrangeiro (IDE) no âmbito do capítulo «direito de estabelecimento», a Comissão sugere uma medida transitória assente em três pontos: 1 - Seriam liberalizados imediatamente após a adesão todos os investimentos situados abaixo de

um montante fixado em 5 milhões de Unidades de Conta Europeias (cerca de 350 mil contos); 2 - Os investimentos situados acima daquele «tecto» ficariam submetidos, durante um período de três anos, a um regime de autorização prévia. O «tecto» de 5 milhões de UCE sofreria um aumento anual de 20 por cento durante o período transitório; 3 - O regime de autorização prévia incluía as seguintes condições:

As autoridades portuguesas teriam de tomar posição sobre os projectos no período de um mês, depois da introdução do pedido; havendo intenção de recusa, a Comissão deveria ser informada, antes de expirado aquele prazo; o executivo comunitário teria então um mês para se pronunciar sobre os fundamentos da posição portuguesa. Se a análise justificasse a manutenção de uma resposta negativa, a Comissão definiria as condições e modalidades que deveriam acompanhar a sua decisão.

CEE teria a última palavra

Se a Comissão negasse provimento à recusa portuguesa, o projecto ficaria automaticamente autorizado.

O montante a partir do qual seria mantida a autorização prévia nunca foi oficialmente indicado pela delegação portuguesa, mas sabe-se que as hipóteses formuladas em reuniões técnicas apontavam para uma verba de 170 mil Unidades de Conta Europeias (cerca de 12 mil contos), nível muito inferior, portanto, à proposta comunitária de 350 mil contos.

A Comissão e os Estados membros consideram, por outro lado, que a limitação à liberdade de circulação de capitais, através da submissão do IDE a um regime de autorização prévia, equivale a uma restrição ao livre exercício do «direito de estabelecimento» de empresas dos «dez» no território

português.

O documento agora elaborado pela Comissão sugere, por isso, que a aplicação da medida transitória geral de três anos para o IDE dispensaria a consideração de quaisquer derrogações temporárias para o exercício do «direito de estabelecimento» em sectores específicos.

Banca e seguros na mira dos «dez»

Nesta fase, propõe que seja dada resposta negativa às derrogações temporárias (cinco anos) solicitadas pela delegação portuguesa para a banca e os seguros, considerando que as restrições ao IDE permitiriam regular e controlar o estabelecimento de novas instituições de crédito em Portugal.

Especialistas portugueses afirmam, todavia, que esse controlo nunca pode ser exercido apenas através do investimento externo, uma vez que as empresas estrangeiras poderão sempre recorrer ao mercado interno de capitais, desde que não haja restrições ao seu estabelecimento no território nacional.

Em todo o caso, os pedidos sectoriais específicos não serão examinados formalmente pelos «dez», enquanto a delegação portuguesa mantiver a «reserva geral» que levantou no âmbito do «dossier» «direito de estabelecimento», invocando a possibilidade de acrescentar outros sectores ao conjunto até agora considerado (banca, seguros, agências de viagem e turismo e indústria cinematográfica).

O breve debate que o Conselho de Ministros dos «dez» deverá travar na segunda-feira limitar-se-á, portanto, a tocar as implicações da medida transitória proposta pela Comissão, no que respeita à limitação da movimentação de capitais.

Dívida externa atinge 92 por cento das nossas reservas cambiais

A dívida externa portuguesa aumentou de 6584 milhões de dólares em 1979 para dez mil milhões em 1981 (700 mil milhões de escudos) — revela um estudo de dois técnicos do Banco de Portugal, ontem divulgado.

Num trabalho para o seminário do Instituto de Estudos para O Desenvolvimento (ligado ao PS), sobre «crescimento económico e dívida externa — o caso de Portugal» apresentado por dois economistas do Banco de Portugal, considera-se que a «dívida externa registou no passado recente, um rápido crescimento», embora não atinja níveis alarmantes.

Este aumento da dívida deveu-se principalmente ao maior endividamento das empresas públicas, em especial das «quatro» empresas públicas importadoras de ramos de petróleo, açúcar, cereais e produtos oleaginosos — a PETROGAL, AGA, EPAC e IAPO — cujas dívidas constituem 77,6 por cento do aumento total da dívida a curto prazo deste sector.

Depois desta evolução, a razão entre a dívida externa e as reservas cambiais, que era de 61 por cento em 1979, passou para 92 por cento em 1981, em boa parte devido à diminuição da cotação internacional do ouro, a componente mais importante das reservas cambiais portuguesas.

Segundo o estudo citado, a dívida externa que está ultimamente com um juro efectivo de 14,7 por cento (contra 11,4 por cento em 1980), obrigou em 1981 ao pagamento de juros que foram iguais a 12,5 por cento do total das receitas da balança de transacções correntes de Portugal, ou seja fundamentalmente ao total da exportação, mais remessas de emigrantes e turismo.

O estudo conclui que, «embora não atinja níveis alarmantes, a dívida externa registou no passado recente um rápido crescimento, cuja aceleração em 1981 está associada ao forte agravamento do défice da balança de transacções correntes».

«O carácter estrutural do de-

sequilíbrio externo, a sua dimensão e os encargos decorrentes da dívida externa existente parecem assim aconselhar uma política activa de gestão da dívida, em consonância com os objectivos de desenvolvimento económico», acrescenta.

Na opinião dos técnicos do Banco de Portugal, a ausência de uma tal política levaria, previsivelmente, ao aumento da importância da condicionante externa e à inviabilização, a prazo relativamente curto, de uma política sustentada de modernização das estruturas produtivas, capaz de permitir um mais rápido crescimento económico.

No prefácio a um trabalho sobre «crescimento económico e dívida externa», editado pelo IED, o dirigente socialista Vítor Constâncio afirma que «continua a haver possibilidade de o indviduamento externo de Portugal aumentar sem criar situações insustentáveis, desde que isso aconteça a um ritmo mais razoável do que em 1981, não excedendo por exemplo cerca de 1,5 mil milhões de dólares por ano no fu-

turo próximo, por forma a não agravar a relação da dívida com o total do crédito de transacções correntes».

Acrescenta que qualquer projecção dos efeitos de um crescimento económico de 4 ou 5 por cento sobre a balança de transacções correntes conduz de imediato a valores daquela ordem de grandeza, exigindo a verificação de outras hipóteses optimistas, como o crescimento em volume das exportações da ordem de 6 a 8 por cento por ano.

O seminário que decorreu na Fundação Gulbenkian contou com a presença de especialistas, do FMI, do Banco Mundial, da EFTA, da OCDE e do Banco Europeu de Investimentos, assim como de muitos economistas portugueses de diversas áreas políticas. A sua organização foi rodeada de uma grande discreção e apenas uma fuga de informação permitiu à ANOP divulgar previamente a sua realização. Inicialmente apenas haviam sido convidados alguns jornalistas, segundo critérios que nos abstermos de comentar.

Marinha Mercante

Conflito entre dois sindicatos está na origem da greve

Uma assembleia geral de sócios do Sindicato dos Oficiais Engenheiros Maquinistas da Marinha Mercante decidiu ontem a marcação de uma nova greve para os dias 7 e 8 de Abril. A greve será geral em todos os portos do continente e parcial nos portos estrangeiros, onde não serão feitas cargas e descargas.

Entretanto, e como é sabido, o mesmo sector da marinha de comércio portuguesa terminou ontem uma greve de três dias que paralisou totalmente 78 navios, abrangendo cerca de 1500 trabalhadores. Recorde-se que a Soponata e a Sacor Marítima, que possuem 18 barcos, chegaram a acordo com os sindicatos, pelo que a greve nestas empresas foi desconvocada logo no primeiro dia.

O presidente da Associação de Armadores afirmou que a paralisação se deve a um conflito antigo entre dois sindicatos por problemas de enquadramento profissional, tendo ambos posições completamente incompatíveis. Referiu ainda que a questão está em conciliação no Ministério do Trabalho e observou que o armamento aceitaria qualquer proposta de enquadramento que tenha consenso dos Sindicatos dos Oficiais Maquinistas e dos Capitães Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos.

O Sindicato dos Maquinistas defende um enquadramento em que os chefes de máquinas estão um grau acima dos imediatos, radiotécnicos chefes e comissários chefes, o mesmo sucedendo em relação às cate-

rias de primeiro, segundo oficial, etc.

O Sindicato dos Capitães defende que os oficiais com a mesma graduação devem estar equiparados.

O Governo formou uma comissão técnica para estudar o enquadramento em cujos trabalhos participaram representantes dos dois sindicatos — disse o dirigente da Associação de Armadores.

Acrescentou que o Sindicato dos Capitães, embora discordando das conclusões, está disposto a aceitá-las, enquanto o dos oficiais maquinistas as recusa.

«Este conflito está a dar cabo da marinha mercante portuguesa» — declarou o presidente da Associação.

Afirmou que os prejuízos são muito grandes, mas não são facilmente quantificáveis, sendo, no entanto, exagerados os números recentemente apontados por um matutino.

Disse que são particularmente graves os prejuízos para a imagem dos navios da marinha do comércio portuguesa, o que poderá levar os agentes de navegação, principalmente os estrangeiros, a recorrerem a companhias estrangeiras.

O dirigente da associação referiu que este conflito se reflecte no armamento, que é prejudicado com as greves, mas que a sua resolução não está dependente dos armadores já que qualquer decisão possível sobre reenquadramento será contestada pelo menos por um dos sindicatos.

Marcha Contra o Desemprego já caminha no Porto

PORTO, 20 — «O desemprego constitui, na generalidade dos países capitalistas, um grave problema que afecta particularmente as jovens gerações. A elevada taxa de desemprego existente no nosso país, as suas implicações económicas e sociais, levam a CGTP-*IN* a considerar a luta contra o desemprego uma das tarefas centrais do movimento sindical», lê-se num desdobrável daquela central sindical que está a acionar em todo o país, juntamente com o movimento sindical, um conjunto de acções para realizar a «Marcha Contra o Desemprego» que terá lugar entre 28 de Março e 3 de Abril.

Acerca da movimentação no Norte do país e muito especialmente no distrito do Porto, o «DL» ouviu Belmiro Pereira e Amadeu Martins, da comissão dinamizadora do Porto que nos adiantaram haverem no Porto cerca de 50 inscrições. A nível do Norte, o número de participantes é de 250, tendo já os distritos de Braga e Vila Real cumprido as metas fixadas. Segundo aqueles sindicalistas, foram até ao momento contactadas inúmeras organizações e colectividades populares, recreativas e desportivas, mulheres e reformados, autarquias, estruturas cívicas, políticas e religiosas, no sentido de aderirem e apoiarem a marcha. Conforme, sublinharam, têm-se já efectuado várias reuniões de desempregados dos sindicatos do Calçado, Papel, Gráficos e Imprensa e do Vestuário. Outras estão marcadas e anteontem ocorreu uma reunião regional de desemprega-

dos, no Sindicato do Comércio, que contou com a presença de Vítor Ranita, do Secretariado e da Comissão Executiva da USP. Nela foram debatidos problemas ligados ao desemprego e sobre a mobilização da marcha.

O desemprego em Portugal

Sobre a realização no nosso país de uma iniciativa deste tipo, Belmiro Pereira, citou que ela «corresponde a uma exigência de luta contra o flagelo do desemprego». Socorrendo-se de dados, traçou a evolução do desemprego em Portugal, correspondente ao primeiro semestre de cada ano. Assim, em 1975 o número de desempregados era de 133 mil, o que corresponde a uma taxa de desemprego de 3,5 por cento; em 1977, o número era de 291 mil (7,1 por cento); em 1979 de 343 mil (8,3 por cento) e em 1981, de 380 mil (8,8 por cento). Entretanto, frisou, «os jovens são os mais afectados pelo problema do desemprego, nomeadamente os que procuram o primeiro emprego: enquanto em 1975 um está desempregado, entre a juventude esta relação é de sete para 1, e nas raparigas até aos 25 anos a relação é de 4 para 1». Aliás, o volume dos candidatos ao primeiro emprego triplicou entre 1975 e 1980.

Falando sobre os objectivos da Marcha, Belmiro Pereira disse que visam «exigir uma política que ponha fim aos despedimentos, e que promova o desenvolvimento económico capaz de reduzir pro-

gressivamente a taxa de desemprego através da criação de novos postos de trabalho, alertar, mobilizar e organizar a juventude para a luta contra o desemprego e pela satisfação do direito ao primeiro emprego; denunciar e combater a utilização abusiva dos contratos a prazo, exigindo a alteração da actual lei, de acordo com os direitos constitucionais; sensibilizar a opinião pública, as instituições sociais e políticas, motivando-as para o combate ao desemprego; e, proceder a um balanço em cada distrito sobre a situação do desemprego e dos contratos a prazo».

Convívio e alegria

Belmiro Pereira e Amadeu Martins adiantaram, ainda, ao «DL» que «A Marcha contra o Desemprego é uma jornada de luta e também de convívio e alegria. Ao longo dos percursos desenrolar-se-á um vasto conjunto de iniciativas culturais e recreativas com a participação de vários artistas que acompanharão a Marcha. Em todos os locais de dormida vão realizar-se grandes espectáculos cujos programas serão divulgados oportunamente.» Aqueles sindicalistas acrescentaram que a Marcha está aberta à participação de todos os indivíduos que concordem com os seus objectivos e que estejam aptos a participar nos percursos definidos. A inscrição é feita na USP, através do sindicato mais próximo da residência dos interessados.

No percurso do Norte, a Marcha passará por Espinho, Ovar, Aveiro, Coimbra, Leiria,

Marinha Grande, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Santa Iria da Azoia e Lisboa.

Sobre a organização e serviços de apoio, Belmiro Pereira, diz-nos: os percursos contarão com a presença permanente de um médico e um enfermeiro. Quanto aos transportes destinados a cobrir os percursos anulados e de regresso «são da responsabilidade da organização» bem como o alojamento que será feito em locais cedidos para o efeito pelas autarquias locais, casas do povo, bombeiros, clubes, etc. Os participantes, acrescentou, «serão segurados contra acidentes pessoais verificados durante o período em que decorrer a Marcha».

Finalmente, e a título de elucidação, Belmiro Pereira e Amadeu Martins, adiantaram ao «DL» que «os participantes deverão manter em todo o percurso o cartão de identificação em local bem visível e que deverão fazer-se acompanhar de todos os objectos de uso pessoal (toalhas, sabonetes, dentífricos, roupas etc.) e requisitar à organização um saco cama».

Como apontamento final, os dois elementos da comissão dinamizadora do Porto sublinharam que a «CGTP-*IN*» apela aos que estão agora no desemprego, particularmente aos jovens desempregados e a todos os trabalhadores para que adiram a esta grande realização, certa de que ela corresponde aos interesses do País e terá largas repercussões quanto ao nosso futuro.

António Machado

UGT condena actuação do CG da TAP

O Secretariado Nacional da UGT decidiu, após ouvir os sindicatos que representa na TAP-Air Portugal, «repudiar energicamente» a fuga ao diálogo do conselho de gerência daquela empresa com as estruturas representativas dos trabalhadores. Após considerar como «Atentatória da dignidade dos trabalhadores» a proposta de revisão do acordo colectivo de trabalho apresentada pela empresa, UGT condena a posição da TAP que «não conseguindo os seus objectivos de ataque aos legítimos direitos dos seus trabalhadores em negociação directa requereu a conciliação que de imediato se gerou e se «opôs» às fases legalmente consignadas de mediação e de arbitragem.

Perante aquilo que qualifica de uma «provocação aos trabalhadores» a UGT exige que o Governo accione os mecanismos negociais necessários, inclusivamente o da arbitragem obriga-

tória, e que «não intervenha administrativamente na TAP sem que todos os processos substanciadores da legalidade democrática tenham sido utilizados».

Aquela organização sindical considera estranha a não substituição do CG da TAP, sobretudo porque «nunca soube encontrar soluções adequadas para os problemas laborais», ao mesmo tempo que sublinha a «responsável conduta dos trabalhadores que, apesar de todas estas acções, têm mantido uma completa paz laboral», tendo mesmo conseguido no ano transacto os mais elevados índices de produtividade em comparação com companhias congéneres.

Adesões

O Secretariado Nacional da UGT anunciou ainda ter aprovado a adesão de cinco novos sindicatos àquela organização

sindical.

Trata-se dos sindicatos dos Seguros do Norte, dos Trabalhadores Agrícolas do Sul do Tejo (SAST), do Democrático das Telecomunicações e Correios (Sindetelco), do Nacional Vertical das Indústrias Extractivas e Similares e do dos Transportes Rodoviários e Afins (SITRA), este resultante da fusão dos sindicatos dos Rodoviários de Castelo Branco, Leiria e Portalegre.

A UGT assinala que com a adesão do Sindicato dos Seguros do Norte passa a representar a totalidade dos trabalhadores da indústria seguradora filiados em sindicatos.

O Secretariado Nacional da UGT deu ainda o acordo, em princípio, da adesão do Sindicato dos Professores da Zona Centro e do Sindicato Democrático das Indústrias de Panificação, Alimentares e Afins.

Soltas

Os trabalhadores da Alfândega do Porto cumpriram ontem o último dia de greve iniciada na quarta-feira com vista à aprovação e publicação pelo Governo do diploma de reestruturação do sector. Estes trabalhadores exigem também o acesso à versão final do referido diploma antes da sua promulgação e a garantia efectiva da sua promulgação a curto prazo. A Alfândega do Porto abrange 444 funcionários na sede

e mais de 700 nos postos fronteiriços e outros da sua jurisdição.

A lista unitária que se apresentou sob a sigla «Na unidade pela defesa dos interesses dos trabalhadores» venceu as eleições para a comissão de trabalhadores da Sociedade Estoril Sol. Ao escrutínio concorreram duas listas tendo a vencedora conseguido 68,5 por cento dos votos expressos e oito dos onze mandatos da CT. A Sociedade Estoril Sol emprega cerca de 1700 trabalhadores.

O futuro da fábrica de material eléctrico FENSA, da Guarda, poderá estar comprometido a partir de 1984. Isto mesmo consta de uma exposição da CT da empresa à edilidade guardense no qual se refere que «em 1984 não haverá compradores para os produtos que se fabricam actualmente». Por outro lado o parque de máquinas da fábrica está antiquado e não está prevista qualquer reconversão para esta unidade fabril. A empresa, situada em Vila Cortes do Mondego, tem origem espanhola e o seu capital

social foi maioritariamente adquirido pela companhia alemã-federal Robert Bosch. A fábrica é actualmente em Portugal a única a produzir equipamento para automóveis, nomeadamente para a Renault.

A Federação dos Sindicatos do Comércio calcula em 98 por cento a percentagem de adesão à greve na Empresa Pública de Cereais, EPAC, iniciada às zero horas de ontem. A Federação afirma que a adesão é total em vários locais de trabalho e que diversos silos

estão parados. O porta-voz sindical disse que a greve visa pressionar a administração a satisfazer as reivindicações dos trabalhadores no âmbito do cláusulado pecuniário do acordo de empresa (AE), designadamente a tabela salarial. Na segunda-feira irá reunir a comissão negociadora sindical que fará o balanço da paralisação e poderá eventualmente apontar novas formas de luta.

A Federação dos Sindicatos da Construção Mármores e Madeira anunciou, ontem uma greve de 24

horas para 2 de Abril no subsector de painéis, aglomerados e contraplacados, importação e exportação.

A paralisação — destina-se a protestar contra o protelamento das negociações para o novo contrato colectivo de trabalho vertical.

A Federação salienta que a proposta de revisão por parte dos sindicatos foi entregue em Janeiro às entidades patronais, as quais, diz, não compareceram a uma reunião de negociação no dia 8.

PS de Coimbra afirma:

Esquerda deve discutir problemas da autogestão

«Este Governo está a tentar, seriamente, restaurar os poderes e os privilégios capitalistas do País, submetendo o Estado aos ditames das «grandes famílias monopolistas», afirma em comunicado o Secretariado da Federação Distrital de Coimbra, a propósito do Encontro de Autogestão que aquele partido vai realizar no próximo dia 27.

Depois de advertir que os socialistas «não admitirão tal restauração dos privilégios capitalistas no Portugal de Abril» o documento aponta para a necessidade de serem impostos ao Governo o cumprimento da lei, naquilo que se refere aos poderes das comissões de trabalhadores e à participação dos trabalhadores na gestão das empresas públicas.

A Federação de Coimbra do PS considera ainda necessário «discutir e reafirmar os princípios

e as experiências de autogestão que os trabalhadores de várias centenas de empresas vêm consolidando depois do 25 de Abril e avançar para novas etapas de autogestão em Portugal». Essas etapas passariam, designadamente, pela «criação de novas empresas com estatuto legal próprio, coordenação ou federação de todos as empresas em autogestão e discussão de experiências comunitárias autogestionárias».

Ao fazer ressaltar que esta tomada de posição resulta das solicitações e preocupações para que tem sido alertada por muitos militantes e trabalhadores de outros partidos, a Federação de Coimbra do PS acrescenta que estes «se interrogam e não aceitam o silêncio e a negligência da questão autogestionária por parte dos partidos de esquerda».

É pois em nome da obrigação constitucional que para o Estado decorre de apoiar as experiências autogestionárias e de fazer evoluir as empresas públicas para formas autogestionárias que, na óptica daquela Federação, «mais se impõe ao PS e a todos os homens de esquerda de reunir trabalhadores e responsáveis de empresas em autogestão para discutir em termos políticos e económicos o futuro da autogestão». E para tal são propostos alguns temas de discussão como sejam «os poderes de intervenção dos trabalhadores nas empresas, nomeadamente através das comissões de trabalhadores, cujos direitos e deveres assegurados na Constituição consolidam e preparam o supremo objectivo socialista: abolir a exploração do homem pelo homem».

DESPORTO

Vasco não deixa sair Adão

O Vasco da Gama, através da sua direcção, desiludiu ontem o Benfica, representado pelo seu presidente Fernando Martins, ao dar um rotundo não à pretensão do clube português de adquirir para o seu plantel Cláudio Adão, um artillheiro de mérito a «residir» há três meses no «Vascão». Na base da argumentação defendida pelos dirigentes do Vasco está que o jogador «não pode sair por preço nenhum», tanto mais que se trata do melhor goleador da equipa. Não havendo Cláudio Adão, e apesar da posição do Vasco da Gama ainda subsiste uma ponta de esperança de que o jogador venha para Portugal, que outro «craque» poderá o Benfica desencantar e que não seja mais um a engrossar o seu banco?

Brasil-Portugal a 5 de Maio

Uma notícia marginal ao Benfica, mas que Fernando Martins foi dos primeiros homens do futebol português a saber, dada a sua presença naquele país, é a confirmação da data, feita pelos brasileiros, do encontro particular entre as selecções do Brasil e de Portugal a realizar a 5 de Maio próximo num estádio do «país irmão» ainda a designar.

Afinal, Pedro Gomes não foi oosto em causa

Os 26 futebolistas profissionais do Boavista disseram que «a escolha do futuro técnico é da responsabilidade da direcção do clube».

Em comunicado, os jogadores axadrezados afirmam que «o nome de Pedro Gomes nunca foi» vetado por eles e que «quer como treinador, quer como homem», lhes merece «o máximo de respeito e aceitação».

Em reunião efectuada com a

presença do presidente do clube, elementos do departamento de futebol e jogadores. «Taveira da Mota abordou apenas a importância do jogo Boavista-Sporting para a vida do clube e o apoio da direcção ao técnico Carolino apenas para este encontro» — lê-se no comunicado.

Após a saída de Mário Lino, os jogadores do Boavista foram auscultados pelo chefe do departamento de futebol e posteriormente pelo presidente do clube, sobre a hipótese de Carolino ocupar circunstancialmente a chefia da equipa.

Esta decisão foi «incondicio-

para a Taça UEFA, será analisado hoje.

A declaração de Franchi foi pronunciada no decorrer do sorteio para as meias-finais das competições europeias, efectuado ontem de manhã naquela cidade helvética.

O clube portista baseia o seu protesto no facto de o futebolista Tahamata ter reentrado em campo, depois de receber assistência aos 84 minutos, sem prévia autorização do árbitro do encontro, o escocês McGinlay.

Segundo os responsáveis do clube nortenho, esta irregularidade deveria beneficiar o

Filho, do Juventude de Évora, José Delgado e Paulo César, do Alcobaca, Silva Lopes e Paquete, do Leixões, e Francisco Delfim Dias Faria do Sporting de Braga.

Farense-Sporting

O Sporting de Farense, guia do «Nacional» de Futebol da 2.ª Divisão, Zona Sul, defronta dia 1 de Abril o Sporting, guia do «Nacional da 1.ª Divisão» em jogo integrado nas comemorações do septuagésimo segundo aniversário do clube algarvio.

A anteceder o jogo Farense-Sporting, a equipa de reservas do clube algarvio defronta o Kalmár, da Suécia.

Integrado ainda nas comemorações, realiza-se no dia 7 um festival de ginástica e, no dia 25, dois jogos de futebol entre o Damiag (Suécia) e o Vila Real de Santo António, em equipas femininas e masculinas.

O antigo internacional Eusebio confirmou já a sua participação na festa do Farense.

Académico Futebol Clube: incêndio «quase o leva»

Duas secções e um bar do Académico Futebol Clube, foram, na última madrugada, destruídos por um incêndio que, cerca das 3.30 deflagrou no rés-do-chão da sede da quele clube portuense. As chamas propagaram-se depois ao primeiro andar do edifício, na Rua de Costa Cabral, e destruíram todo o recheio da secção de campismo e da secção de basquetebol. Os prejuízos elevam-se a algumas centenas de contos. Admite-se que o sinistro tenha sido motivado por um curto-circuito na instalação eléctrica do bar instalado no rés-do-chão.



Os jogadores do Boavista não contestam Pedro Gomes

nalmente apoiada por todos os jogadores».

Depois deste comunicado, os futebolistas profissionais do clube do Bessa recusaram-se a prestar qualquer depoimento sobre a situação do clube, até à hora do jogo de hoje.

UEFA: decisão sobre protesto do FC Porto não tarda

O presidente da UEFA, o italiano Artemio Franchi, revelou em Zurique que o protesto do FC Porto relativo ao encontro da segunda «mão» com o Standard Liège, nas Antas,

FC Porto de um livre indirecto e Tahmata deveria receber o seu segundo cartão amarelo, que implicaria a sua expulsão do jogo.

Os belgas do Standard passaram às meias-finais da Taça UEFA com um total de 4-2, com 2-0 e 2-2 na primeira e segunda «mão» dos quartos-de-final, respectivamente.

Os castigados da «Taça»

A disciplina federativa aplicou os castigos referentes à última jornada da Taça de Portugal. Com um jogo de suspensão ficaram: Ricardo José Pereira e José Rodrigues Bastos

Raguebi «espectáculo»

Portugal-Marrocos amanhã

Portugal vai tentar vencer Marrocos no seu jogo de estreia do Grupo B do Campeonato da FIRA em Raguebi, marcado para amanhã, em Lisboa, disse o seleccionador nacional, Pedro Lince.

«É extremamente difícil derrotar a equipa marroquina, que se mostrou imbatível nos três encontros, já efectuados contra a Polónia, Holanda e Tunísia, mas a vitória não é impossível», comentou o técnico.

A turma das «Quinas», grande revelação da temporada passada ao conquistar o primeiro lugar no Grupo C do campeonato da FIRA com vitórias em todos os jogos, tem como adversários os marroquinos, polacos, tunisinos, holandeses e espanhóis.

Marrocos, declarou Lince, será um teste decisivo para medir as capacidades da formação portuguesa que no Grupo C somou quatro vitórias sendo a equipa mais concretizadora com 114 pontos marcados contra 32 sofridos.

O triunfo na temporada passada, sobre a Suíça (39-0), Bélgica (15-7) e Suécia (15-10) abre boas perspectivas à sua participação no Grupo B, muito embora o valor e o nível dos seus adversários tenha elevado o grau de dificuldade em obter vitórias.

Os marroquinos, líderes da

competição, até ao momento, derrotaram já a Polónia (6-3), a Holanda (3-10) e a Tunísia (6-15).

A equipa marroquina não compareceu ao seu jogo com a Espanha, em território espanhol, por motivos políticos, estando em aberto uma discussão sobre a resolução do problema.

Para Pedro Lince, a invencibilidade do conjunto marroquino na competição não deixa de ser assustadora, sendo um forte indicativo das dificuldades que os portugueses vão deparar.

«Aliás, não está dentro dos nossos prognósticos, vencer o jogo com Marrocos, embora seja certo que vamos lutar por isso. A nossa meta é vencer a Tunísia em casa e não ficarmos no último lugar que implicaria a nossa descida ao Grupo C», esclareceu Lince.

A Tunísia e a Holanda, salientou, são as duas equipas mais acessíveis com um nível técnico e físico inferior aos restantes adversários da turma nacional.

A Espanha e a Polónia, que desceram recentemente ao Grupo B, vindas do Grupo A (nível superior) e Marrocos são o trio mais difícil de derrotar em virtude da sua experiência e gabarito dentro da modalidade.

Os marroquinos, que contam no seu «15» com jogadores-

-emigrantes que actuam em equipas da 1.ª Divisão, do Raguebi francês, não jogarão em Lisboa na sua força máxima em virtude do comprometimento desses raguebistas com os seus respectivos clubes em França.

Os jogos anteriores do grupo forneceram os seguintes resultados:

Holanda - Polónia, 9-19; Marrocos - Polónia, 6-3; Tunísia - Polónia (falta de comparência dos

polacos); Holanda - Marrocos, 3-10; Tunísia - Holanda, 6-15; Marrocos-Tunísia, 6-4; Espanha - Holanda, 25-12.

Calendário dos restantes encontros: Portugal - Marrocos, (21/3), Portugal - Espanha (28/3), Portugal - Tunísia (17/4), Espanha - Tunísia (25/4), Holanda - Portugal (25/4), Polónia - Portugal (28/4), Polónia - Espanha (8/5) e Espanha - Marrocos (data a marcar).

O traco de pargana



África não boicota «Espanha-82»

O etíope Ydnkatchew Tessema, presidente da Associação Africana de Futebol (AFC), assegurou, em Trípoli, que não haverá boicote dos países africanos ao «Mundial»-82, apesar da presença da Nova Zelândia.

Segundo Tessema, está excluída a hipótese de a Argélia e os Camarões se ausentarem do torneio mundial como forma de protesto pela política de contactos desportivos entre a Nova Zelândia e a África do Sul.

«Os dois participantes africanos não estão integrados no mesmo grupo da Nova Zelândia e as possibilidades de se encontrarem na segunda fase da competição são remotas — comentou Tessema, justificando a atitude da AFC.

Para o responsável da AFC, a ausência da Argélia e Camarões seria prejudicial ao desenvolvimento do desporto em África, e impediria uma maior divulgação dos valores existentes no futebol africano.

«Carrasco» do Porto vai à URSS

O Standard de Liège, «carrasco» do FC Porto na competição da Taça das Taças, desloca-se à União Soviética para defrontar o Dinamo de Tbilisi, no jogo da primeira mão da competição.

Resultados do sorteio efectuado em Zurique: Taça UEFA: Kaiserslautern (RFA) - Gotemburgo (Suécia); Radnicki Nis (Jugoslávia) - Hamburgo (RFA). Taça das Taças: Dynamo de Tbilisi (URSS) - Standard Liège (Bélgica); Tottenham (Inglaterra) - Barcelona (Espanha). Taça dos Campeões Europeus: SCKA Sófia (Bulgária) - Bayern de Munique (RFA); Aston Villa (Inglaterra) - Anderlecht (Bélgica).

Os encontros da primeira e segunda «mão» disputam-se a 7 e 21 de Abril.

Rummenigge: Lesão afasta-o do Mundial?

O futebolista internacional alemão-federal Karl-Haenz Rummenigge não jogará pela selecção germânica nos encontros frente ao Brasil e Argentina devido a lesão num joelho, informaram fontes em Munique.

Kummenigge, considerado o melhor futebolista europeu de 1981, permanecerá inactivo durante quatro semanas, sendo impossível alinhar pela RFA nos jogos particulares nos dias 21 e 24 contra o Brasil (Rio de Janeiro) e Argentina (Buenos Aires), respectivamente.

A lesão do futebolista, contraída no encontro de quarta-feira entre o Bayern e a turma romana da Universidade de Craiova para a Taça dos Campeões Europeus impede que o conjunto germânico actue na máxima força nos jogos da digressão pela América Latina.

Os médicos declararam que a lesão, no joelho esquerdo, não apresenta gravidade, mas requer repouso e tratamento adequado durante um mês, aproximadamente.

O técnico alemão-federal Jupp Derwall, responsável pela selecção de futebol do seu país, comentou que é preocupante a baixa registada com a lesão de Rummenigge, em virtude de o Mundial-82 em Espanha se encontrar apenas a três meses do início.

«Rummenigge é uma pedra basilar na manobra ofensiva da equipa» sublinhou Derwall, que acrescentou ser o futebolista tão importante para a turma germânica como Zico e Maradona o são para o Brasil e Argentina.

Rummenigge será substituído no plantel germânico por Pierre Littbarski da Colonia, por decisão de última hora de Derwall...

«Acredito que Littbarski é uma boa alternativa. É um futebolista com características de jogo muito parecidas com as minhas e que nunca desparça uma ocasião de marcar», comentou Rummenigge ao tomar conhecimento da substituição.

Derwall afirmou por seu turno contar com o libero Uli Stielike, apesar de ter estado lesionado ultimamente. O internacional germânico, que alinha no Real Madrid de Espanha, actuou quarta-feira na RFA frente ao Kaiserslautern, tendo a sua equipa perdido por um conclusivo 5-0.

O técnico alemão-federal reconheceu que com a ausência de Rummenigge se torna mais escassa a possibilidade da RFA vencer os brasileiros e argentinos, que contam com o apoio entusiasta do seu público.

Dispondo de um lote de 17 jogadores, Derwall apresentou duas alternativas para o sistema de jogo dos germânicos nos próximos encontros:

Com o sistema 4-3-3: Schumacher - Stielike; Kaltz, Karl-Heinz, Fderster, Briegel - Dremmler, Breitner, Mueller - Littbarski, Fischer, Hrubesch.

Com o sistema 4-4-2: Schumacher - Stielike - Kaltz, Karl-Heinz, Fderster, Briegel - Dremmler, Breitner, Matthaeus (Engles), Mueller, Littbarski, Fischer.

Sócrates lesionado

O capitão da selecção brasileira, Sócrates, não poderá jogar amanhã com a Alemanha Federal em encontro particular devido a uma lesão na perna direita, informou o seu médico em São Paulo.

Segundo Luís Campos, clínico do Corinthians, Sócrates terá de se submeter a um rigoroso tratamento de recuperação da lesão durante dez dias e só depois poderá regressar aos relvados.

A lesão do futebolista foi contraída no jogo de 5.ª feira entre o Corinthians e o Clube Atlético de Minas Gerais, a contar para o campeonato brasileiro.

A baixa de Sócrates e provavelmente a de Cerezo (lesionado no encontro do passado dia 4 entre o Brasil e a Checoslováquia) são as duas grandes preocupações do técnico Telê Santana, que vê, assim, diminuída a agressividade ofensiva da turma canarinha.

Na Áustria: não ao aumento da 1.ª divisão

O planeado alargamento de 10 para 16 equipas da 1.ª divisão do futebol austríaco está a ser contestado por importantes clubes do país.

O actual campeão o Austria está a recolher assinaturas entre os espectadores dos jogos que disputa no seu campo para demonstrar à federação que os adeptos da modalidade não querem o alargamento da 1.ª divisão.

Segundo a direcção do clube campeão austríaco, o aumento do número de equipas na divisão principal não resolverá, como se pretende, as crises financeiras de muitos clubes.

Bons colombianos

O Atlético Nacional, campeão da Colômbia, e a selecção do Peru, qualificada para o próximo «Mundial» de Espanha, empataram a uma bola (ao intervalo os colombianos venciam por 1-0) em jogo particular disputado em Medellín, na Colômbia.



Maria Helena Gonçalves Nunes, do «Grupo Excursionista Val Tu», obteve o primeiro lugar na categoria de mulheres, da Grande Noite do Fado, que terminou hoje. Na categoria homens foi vencedor Fernando Manuel Andrade Mega, do «Grupo Desportivo da Mouraria»



Grande Noite do Fado

Coliseu foi pequeno

Com um público que excedia a lotação do Coliseu dos Recreios, decorreu até às primeiras horas da manhã de hoje em Lisboa, a «Grande Noite do Fado», organizada pela Casa de Imprensa.

Assinalando o êxito de um espectáculo que se repete há 17 anos, uma hora depois do seu início, largas dezenas de pessoas lutavam ainda para conseguir uma entrada, chegando mesmo a originar burburinho à porta do recinto.

Nos bastidores, era patente o nervosismo dos 40 fadistas amadores que, alternando com artistas consagrados que colaboraram no espectáculo, se prepara-

vam para enfrentar um público que é, ao mesmo tempo, o júri, classificando os concorrentes através do tempo cronometrado dos seus aplausos.

De «A Grande Noite do Fado» saíram vencedores — e passaram a ser fadistas conhecidos do grande público: Esmeralda Amoedo, Saudade dos Santos, Fernanda Maria e Camané, entre outros.

Neste espectáculo, como sempre da responsabilidade do nosso camarada Neves de Sousa, desfilarão nomes como Amália Rodrigues, Simone de Oliveira, Manuela Bravo, Hermínia Silva, Tonicha, Lydia Barloff, Vítor de Sousa e Henrique Viana.

No decorrer do espectáculo foram entregues os prémios de prestígio e de popularidade a artistas que, em diversos campos do espectáculo, se distinguiram o ano passado.

Receberam prémios de prestígio, Maria Leonor, João Moura, Raul Solnado e Amália Rodrigues, tendo sido entregue o prémio de popularidade a Lena D'Água, Paulo Fernando, Manuela Moura Guedes, Júlio Isidro, Herman José, Ivone Silva, Camilo de Oliveira e ao conjunto «As Doce».

A «Grande Noite do Fado» é considerada uma das mais importantes fontes de receita da Casa de Imprensa.



RESTAURANTE -CERVEJARIA

Aberto até às 2 da manhã
Ambiente familiar

Todos os nossos clientes que apresentem este anúncio entre as 22 h e 2 da manhã têm um desconto de 20%.

AV. MIGUEL BOMBARDA, 98 — LISBOA
TELEFONE 760011

Esclarecimento público

Segurança no controlo de tráfego aéreo

Face a notícias de certo modo alarmistas, veiculadas nos últimos dois dias a propósito da 37ª conferência anual da IFALPA, pondo em causa a segurança do controlo de tráfego no espaço aéreo português, a Empresa Pública Aeroportos e Navegação Aérea — ANA, EP, sente-se na obrigação de esclarecer o público que tal não corresponde à verdade.

Apesar dos meios técnicos existentes serem relativamente antiquados, o controlo do tráfego aéreo, cumprindo-se os procedimentos adequados, é feito dentro dos limites de segurança estabelecidos internacionalmente.

No entanto, a fim de evitar limitações nos fluxos de tráfego previsíveis para o futuro e dentro do objectivo geral de modernização dos meios existentes, a ANA, EP encomendou em Fevereiro último o fornecimento e instalação de novos equipamentos dentro da tecnologia mais avançada, prevendo-se a sua entrada em funcionamento no prazo de 33 meses.

Vão ser gastos cerca de dois milhões de contos com a implementação dos referidos sistemas, e bem assim, com um novo centro de comutação automática de mensagens aeronáuticas e a instalação de várias novas estações de vó-dme.



Herman José e o bolo de aniversário



Carlos Lopes entre os melhores



Amália Rodrigues actuou mais de uma hora



Lidia Barloff

canal da crítica

Mário Castrim

Os cardos, as urtigas e os lírios

O último noticiário da Televisão é de uma grande complexidade: os telespectadores estão semi-indefesos pelo cansaço, pelo sono, quantas vezes por algo como um arrependimento do jogo. Sim porque os fortes, os «craques» da vida não vêem Televisão.

Então, as informações não devem ser um caudal, uma tempestade, um tropel de factos desconexos repescados doutros boletins informativos. Não me parece justo que a Televisão, na infantil ignorância da sua força, atire à consciência das pessoas com os desastres, os atentados, os problemas dos deliriotremens miudinhos — as epidemias, a insegurança dos aeroportos coi-

sas assim. Parece uma violência inaudita obrigar os espectadores a irem para a cama com os olhos povoados de vidro moído — chame-se ele Balsemão, Reagan, Begin, Botha, por aí adiante.

Duvido, por vezes, que os homens do Proença ignorem a força da TV. Não será que a utilizam deliberadamente, demoniacamente? Por exemplo: de há uns tempos a esta parte, reforçam-se as referências à Polónia nas 24 Horas. Vai-se ao ponto, como ontem, de referir uma notícia perfeitamente irresponsável, criada a partir de um telefonema... anónimo!

É uma técnica. As pessoas, quase indefesas, não pensam no processo, engolem a droga — e lá

fica o bicho ruim a traçar-lhe a consciência.

Do que fica exposto se conclui que, até à última gota, a RTP exerce uma acção inquietantemente, perigosamente desagregadora.

Na emissão de ontem mais uma vez ficou patente a desgobernização da nau. O programa de variedades, sem prejuízo da sua qualidade, perdeu grande parte da sua eficácia por não se incluir numa acção sistemática. Encontros ocasionais não dão casamento. Rubricas assim apresentadas, podem ter alguma utilidade cultural para uma pequenissima parte da audiência. Mas em Portugal possuímos uma imensa população carecida dos cuidados primários de cultura. Que não circulam por ali. Para quem tudo aquilo, assim tratado, não passa de uma terrível estopada.

«Pergunte connosco» passou do fim do dia para os princípios da noite. Pelo menos para depois das boas noites raticadas. Melhorou. Mas ainda aí, estará bem? Psicologicamente estarão as pessoas preparadas para ouvir falar de doenças, por vezes de forma tão rebarbativa? Será aquela a hora certa? Será daquelas que as pessoas, naquela altura estarão à espera? Terá grande utilidade prática a grande maioria daquelas consultas «à la Caixa»? A função da TV será a de converter-se num consultório por vezes tão... íntimo? Não seria mais indicado um esforço educativo orientado para a prevenção? Não estaria mais certo falar de saúde em vez de falar de doenças?

A experiência noutras Televisões, transmitida por um sem número de estudiosos, aponta para a condenação deste processo pois é passível de gerar situações mórbidas de difícil, ou impossível controlo. Na RTP, quem quiser ouvir, oiça. Quem me quer ler, leia. Se não, se aquilo anda assim à balda, que mais pode a crítica?

Bom. O dia de ontem ficou

marcado pelo fim de «Olhai os Lírios do Campo». Tratava-se, deve dizer-se, não da obra de Erico Veríssimo, mas de um enredo sugerido por ela.

Não procuremos, pois, os sinais de desencontro (tantos, tantos...) e os pontos de contacto (tão quase nenhuns...). Não lamentemos nem condenemos. Nem comparemos. São duas coisas praticamente irreduzíveis a um esquema único. Cada qual tem sua lógica interna. Importa quando muito saber em que termos realizam essa lógica.

A verdade é que as garantias de qualidade dadas por responsáveis, aquando da importação, não se confirmaram. É um produto menor na efabulação, no ritmo, na construção das personagens, na criação dos ambientes, na qualidade da representação. Mas também é verdade que a aferição do produto se processa utilizando padrões já nossos conhecidos. Pensamos assim dos «Lírios» certamente em grande parte porque já conhecemos a «Gabriela», o «Ca-sarão», a «Água Viva», etc. Ou seja: estamos habituados a um grau de exigência de que já não prescindiremos. Esta é a força da qualidade. Andar para trás não é... elegante. Já repararam na falta de estética de um cavalo quando recua?

O relativo artesanato destes «Lírios», contudo, poderá ter contribuído, em algumas audiências, para o acordar de certas questões: o direito à dignidade, a mentira de benemerências empresariais, a procura de um ideal, a insubordinação ao consumismo e à inércia social, a defesa da paz como um bem essencial à felicidade e construção do Homem.

Uff! o esforço danado que eu fiz para, também eu, não dizer mal dos «Lírios»! Mas amigos meus, com tantos cardos e urtigas que acontecem na RTP, quem terá coragem para desancar prioritariamente os lírios? Eu, não.

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO SEIXAL

VENDA DE 57 FOGOS, CONSTRUÍDOS NO ÂMBITO DE UM CONTRATO DE DESENVOLVIMENTO PARA HABITAÇÃO ENTRE O FFH E A EMPRESA URBANIZADORA DO BAIRRO DA AZINHAGA DAS PAIVAS.

AZINHAGA DAS PAIVAS (E.M. COLLARES)

ASSOALHADAS	N.º DE FOGOS	FOGOS
2	2	821 C
3	34	992 C a 1.310 C
4	13	1.159 C a 1.510 C
5	8	1.358 C

● INÍCIO DA COMERCIALIZAÇÃO: 22 DE MARÇO

- OS FOGOS ESTÃO PRONTOS A HABITAR;
- ENTREGA DAS CHAVES NO ACTO DA ESCRITURA;
- ISENÇÃO DE SISA;
- EMPRÉSTIMOS COM TAXAS DE JURO BONIFICADO ATÉ 95% DO PREÇO DE VENDA;
- VENDA DIRECTA, ATRAVÉS DOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO DO SEIXAL (RUA CARPINTEIROS DO MACHADO, N.º 18);
- PAGAMENTO DE 10 000\$00 NO ACTO DA INSCRIÇÃO;
- VISITAS NO LOCAL, TODOS OS DIAS.

OS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO INTERVÊM APENAS NA COMERCIALIZAÇÃO DOS FOGOS, MANTENDO-SE TODAS AS CRÍTICAS, JÁ TORNADAS PÚBLICAS, DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL, A ESTE PROGRAMA HABITACIONAL NA SUA FORMA ACTUAL.

MAIS, OS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO E A CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL DECLINAM QUALQUER RESPONSABILIDADE NOS PREJUÍZOS PROVOCADOS QUER PELO ATRASO NA DATA DE COMERCIALIZAÇÃO, QUER PELA FORMA COMO ESTA DECORRE.

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

NOVO SERVIÇO



LISBOA/MADRID/LISBOA

a partir de 1 de Março de 1982

Caminhos de Ferro Portugueses



2 RODAS

2 vezes

mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa. Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



«Os Agostinhos» em Sabadabadu

- 15.00 Hoje Há Visitas
- 16.00 «O Barco do Amor» — 3.º episódio.
- 16.55 Vivamúsica
- 17.55 National Geographic Magazine
- 18.45 Magazine de Cinema
- 19.10 Jornal de Economia
- 19.55 O Tempo
- 20.00 Aqui e Agora — programa transmitido directamente do Comando-Geral da PSP, na Penha de França.
- 21.30 Sabadabadu — programa com a participação de Camilo de Oliveira e Ivone Silva.
- 22.55 Dallas
- 23.50 Última Sessão — «A Casa do Terror». Intérpretes: John Fonde, Patricia Quinn e Prunella Gee. Realização: Don Heacer.



- 19.30 É Sempre Bom Saber
- 19.35 Desenhos Animados
- 20.00 «Polícia Cirurgião» — 11.º episódio. Intérprete: Sam Groov.
- 20.25 Magazine de Artes Plásticas — Miguel Yélico, exposição na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.
- 21.00 Sábado Especial — «A Rival» Intérpretes: Bibi Anderson e Jean Piat. Realização: Sergio Gobbi.
- 13.48 Movimento/2 — inclui a transmissão directa, via Eurovisão, do jogo de rãguebi da 5.ª jornada do Torneio das 5 Nações, entre a França e a Irlanda.
- 19.00 «Sítio do Picapau Amarelo»

Amanhã



- 9.50. Eucanstia Dominical, 10.30. 70X7, 11.00. Bom Dia Domingo, 13.50. Sumário, 13.55. Eurovisão — transmissão directa de Roma do Cross Feminino das Nações, 14.20. TV Rural, 14.50. Eurovisão — Cross Feminino das Nações (2.ª parte), 15.30. Passeio dos Alegres, 19.15. Telejornal, 19.50. Eurovisão — transmissão directa do Estádio do Maracanã do jogo de futebol entre o Brasil e a Alemanha Federal, 22.00. «Uma Cidade Chamada Alice» — 2.º episódio, 23.00. Grande Encontro.
- 15.50. Eurovisão — transmissão directa do Grande Premio do Brasil (au tomobilismo), 18.00. Ciclo de Cinema com o filme «O Costa do Castelo», 20.00. O Povo e a Música, 20.30. Cruz da Minha Vida, 22.00. Estúdio Aberto, 22.30. Jazz ao Vivo

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



«A Casa do Terror»
(23.50)

«A Rival»
(21.00)



Alem de um programa a escolha oferece-lhe



«A CASA DO TERROR»

«Hammer House of Horror» — 3.º episódio. Vinda do passado, uma linda rapariga volta à quinta onde nasceu. É um fantasma, mas de carne e osso, uma feiticeira que escapou aos puritanos da sua época. E surpreendentemente os habitantes da quinta caem nos seus feitiços...

Intérpretes: John Fonde, Patricia Quinn, Prunella Gee. Realização: Don Heacer.

«DALLAS»

O conflito entre Bobby e J.R. aumenta sobretudo quando Bobby se recusa a permanecer como presidente da Ewing Oil. Entretanto, Pamela continua a tentar descer sobre a mãe.

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Carreira — Cruz Quebrada — Tel. 371001/2

roteiro cultural

Teatro

«A Barraca», enquanto prossegue a exibição normal de «Fernão, Mentes?» acrescenta de sessões especiais para as escolas, apresentará «Preto no Branco» em dois espetáculos excepcionais: amanhã (dia do teatro amador) na Ajuda e dia 28 na Moita. «Fernão, Mentes?», quase a atingir a 100.ª representação, ausentar-se-á de Lisboa durante o mês de Abril, só voltando a exhibir-se na capital em Setembro.

O espectáculo «Como é Que Ele se Chama?» continua a poder ser visto aos fins-de-semana no Salão Nobre do Teatro Garcia de Resende. Num ambiente de «cabaret», Alexandre Passos, Figueira Cid e José Bessa apresentam alguns dos mais acutilantes «sketches» do grande cómico de Munique, Karl Valentin. Representações hoje e amanhã às 21.30 horas.

O recém-criado grupo de teatro «A Margem», do Porto, estreia, esta noite, nas instalações da Associação Recreativa Valboenses 1.º de Dezembro, a peça «Via Norte» de Bernardo Santa-

reno. A encenação é da responsabilidade de Fernando Peixoto e o cenário e figurinos de José Manuel Pereira.

Música

O Coro Gulbenkian, sob a direcção de Fernando Eldorado, dá amanhã um concerto na Igreja do Loreto, às 16.30. No programa: três motetos de João Sebastião Bach.

O 2.º Encontro de Coros Infantis e Juvenis encerra amanhã, às 16 horas, na Igreja de Arroios, com um concerto final onde participam cerca de 700 crianças de todos os coros inscritos. Não podia ter sido escolhido melhor dia para culminar esta iniciativa: amanhã é Dia da Árvore e ao mesmo tempo 1.º dia da Primavera.

Colóquios

Hoje, às 18 horas, no espaço do Café-Teatro da Comunidade decorrerá mais um «Sábado-CLAC» subordinado ao tema «A Literatura no Renascimento» orientado por António José Saraiva e Pedro Ferrer. Entradas livres.



«Lisboa» — pintura de Jorge Portela

Exposições

Jorge Portela expõe pintura na Galeria «O País», à Rua da Rosa, 248. O jovem artista, nas suas paisagens urbanas, define-se como um colorista de fina sensibilidade.

Maurício de Abreu expõe fotografias no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Setúbal. A mostra, que encerra amanhã, é dedicada a todas as vilas, aldeias e lugares do interior do País, que estão a sofrer um processo de desertificação humana a favor dum crescimento exacerbado e anárquico das cidades do litoral.

Uma exposição de desenhos e gravuras de Erik Kirksaether, artista argentino-norueguês actualmente radicado em Madrid, é amanhã inaugurada, às 18 horas, na Galeria de Arte da Comunidade, no casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha. A mostra é constituída por mais de 30 trabalhos, muitos deles baseados na poesia de Rimbaud.

Rennée Gagnon, artista canadiana, apresenta em Lisboa, sob o título «Musseques», uma exposição de pin-

tura e gravura. A mostra, que se realiza sob os auspícios dos Serviços Culturais da Embaixada do Canadá, está patente na Rua Rosa Araújo, 2-7.º, das 14 às 19 horas, excepto aos sábados, domingos e feriados, e encerra a 8 de Abril.

António Santiago expõe pintura e desenho no Museu Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco. A mostra encerra a 28 do corrente.

Ana Vieira expõe uma «montagem» na Galeria Quadrum (Coruchéus, Alvalade). A exposição está patente ao público até 8 de Abril e pode ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19 horas.

Livros

Na segunda-feira, às 18.30, realiza-se no auditório da S.P.A. (Avenida Duque de Loulé, 31), com a presença da autora, uma sessão para lançamento do livro de poemas «A Palavra Nua» da escritora Soledade Martinho Costa.

O livro será apresentado pelo poeta José Carlos González, e os actores Mariana Vilar e Norberto Barroca lerão alguns poemas.

CURSOS

CONSTRUÇÃO CIVIL

E DESENHADOR

DA CONST. CIVIL

CURSOS INTENSIVOS

— 3 MESES

AULAS DIURNAS

E NOCTURNAS

DEC — TEL. 530650

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS		
BANCO FUNDADO EM 1864		
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA		
COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	56\$80	61\$80
ALEMANHA FED. (marco)	29\$15	30\$25
AUSTRIA (xelim)	4\$19	4\$26
BELGICA (franco)	1\$413	1\$613
BRASIL (cruzeiro)	\$201	\$451
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	56\$75	58\$75
(notas de 5 a 1000)	57\$25	59\$25
DINAMARCA (coroa)	8\$65	9\$05
ESPAÑA (peseta)	\$630	\$730
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	69\$00	71\$00
(notas de 5 a 1000)	69\$50	71\$50
FINLÂNDIA (marka)	15\$15	15\$75
FRANÇA (franco)	11\$10	11\$80
HOLANDA (florim)	26\$80	27\$50
IRLANDA (libra)	102\$70	106\$70
ITALIA (lira)	\$049	\$059
JAPÃO (iene)	\$261	\$296
NORUEGA (coroa)	11\$50	12\$00
REINO UNIDO (libra)	12\$570	12\$870
SUECIA (coroa)	11\$85	12\$45
SUIÇA (franco)	36\$75	37\$85
VENEZUELA (bolivar)	13\$95	14\$95

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Entre bastidores; 18.00: Turna da um; 19.05: Musical; 19.35: Música de todo o Mundo; 20.00: Teatro radiofónico; 21.00: Prevenção rodoviária; 21.30: Programa da noite; 23.30: Bloco informativo.

Programa 2

14.30: Música sinfónica; 16.15: Solos de harpa; 16.40: Música de câmara; 17.30: Temporada de concertos de 1981/1982 da Orquestra Sinfónica da RDP, de colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa; 19.30: Música de câmara; 20.10: Música sinfónica de Saint-Saëns e Kodaly; 21.00: Realidade hoje; 21.45: Canções; 23.00: Música; 23.30: Intercâmbio musical; 00.30: Música sinfónica de Sibelius; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.03: Contra-ataque; 19.03: Musical; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (3.ª edição); 21.30: Tempo de desporto; 23.06: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Contra-ataque; 19.03: Estereótipos; 21.03: Blues index; 22.03: Outra música. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Pop, top, rock; 17.00: Pop, top, rock (continuação); 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Saltilho; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Paju; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Musical; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

OM de Muge (Nacional)

Programa igual ao da OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 20.00: Música viva; 21.00: Portugal, experiência histórica; 21.30: Via Lactea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 381

HORIZONTAIS:

- Transpõe. Simples.
- Nome de mês. Remedeia.
- Carimbar. Antigo Testamento. Concede.
- O último numa série de oito.
- Montesinos.
- Grande ribeira da Ásia Russa.
- Deixar em testamento. Saia frequentemente à rua.
- Solitário. Amouriscam.
- Habitas.
- Cobre de nata. Devora.
- Compaixão. Tosto. Rente.

VERTICAIS:

- Utensílios domésticos. Nome de astro. Madeira.
- Procede. Nome de letra. (pl.) Em o.
- Moradia de família nobre ou importante. Amido próprio para engomar.
- Sua Senhoria. Esteiro. Freguesia do concelho de Alenquer.
- Ribomba. Invulgares.
- Ilha do estado da Baía. Miriare.
- Prendo. Cara.
- Pronome demonstrativo. Interjeição de dor.
- Batráquio. Untar.
- Estação de padola ornamentada para conduzir nas procissões as imagens dos santos. Vossa Alteza. Germário (s.q.). Pequeno simio do Brasil. Ladeiras.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9241

HORIZONTAIS:

- Chuva. Martela.
- Carta de pancadas (pop).
- Cidade de jogar. Combinar.
- Espaço de trinta dias. Gálio (s.q.).
- Assim seja. Cargo de ministro de Estado (pl.).
- Apelido. Agora.
- Preposição latina que designa movimento. Campeão. Entre os sinos, o último mês de Verão.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Guarneço de asas.
- Que cai de velha ou fraca. Cloro (s.q.).
- Albergassem por esmola.
- Preposição e artigo (pl.). Estima.

VERTICAIS:

- Aguçar. Vazias.
- Fluido aeriforme. Defuntas.
- Cidade da antiga Caldeia. Mecânica. Transfere para outro dia.
- Caminhe para cá. Grto.
- Aqui está. Abandas.
- Seguias.
- Inundadas. Apellido.
- Quadros. Um cento.
- Liquei. Porco. Espirito.
- Estamparas.
- Rio da Suíça. Paladares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 380

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 HÓSPEDA. COM.	1 SOL. AO Au.
2 Beata. Lico.	2 Oba. Aramas.
3 Samoa. Sanas.	3 Sem. Rera. Sa.
4 Revira.	4 Pão. Ga. Raul.
5 Larga. Soca.	5 Eta. Ato. Im.
6 Reata. Rosa.	6 Dã. Ataria.
7 Aar. Ota.	7 Sés. Atar.
8 Omar. Ata. Ua.	8 LAVOR. Adem.
9 Airadas.	9 Cinicos. Ame.
10 Assumiremos.	10 Ocaras. Usos.
11 Al. Mesa.	11 Mosa. Ana. Sa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9240

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Zigoma. Zama.	1 Zacias. Zita.
2 Amoras. Isar.	2 Imo. Lutaram.
3 Colara. Rã.	3 Golegã. Rara.
4 Erê. Chamo.	4 Oraras.
5 Algas. Me.	5 Marés. Tomar.
6 Suas. Abã. Lu.	6 Asa. AR. III.
7 Trairas.	7 Cabacas.
8 Zargo. Caída.	8 Ziph. Aias.
9 Ira. Mias. Ar.	9 As. Am. Ri. Bi.
10 Tardais.	10 Marmelada.
11 Ama. Ri. Fiam.	11 Arao. Usaram.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
- N. ac. men. 13 a.
O MISTÉRIO DA ÁGATA
c/ Dustin Hoffman

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO
c/ Sean Connery

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O COMBOIO DOS TRAIÇÕES

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30 - Int. men. 13 a.
O CHAME DISCRETO DA BURGUESIA

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PEDE PERDÃO A DEUS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O MAGO DE LUBLIN

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
O filme de Mel Brooks
4.ª Semana
Às 24
TREINADOR DE SAIAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. menores 13 anos)
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

Às 24 - Int. men. 18 a.
O PRÓXIMO HOMEM

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O PALÁCIO DO DEBOCHE
Às 24
ARQUIVO SECRETO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
REINCARNAÇÕES
Às 24
A COLINA DOS SARIINHOS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Domingo às 11
ASTERIX E CLEÓPATRA
Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ADEUS
Um filme de L. V. Prasad

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
c/ Jean Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
HERÓIS DO CÉU
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas
AS BONECAS DA CALIFÓRNIA
Às 24
A ÁGUA VINGADORA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Belmondo, um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
Um filme de Georges Lautner
5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14.15, 16.45, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 18 a.
Prémio da crítica americana para o melhor filme estrangeiro
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO
5.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
CAÇADA IMPLACÁVEL
c/ Charles Bronson e Lee Marvin
Um filme de Peter Hunt
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A ESCOLHA DAS ARMAS
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu
e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
FLORES QUE VIVEM NO LODO
Às 24
SEXO A JACTO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15, 17, 19 e 21.30
O REGRESSO DO JUSTICEIRO DA NOITE
Às 24
O COMBOIO DO INFERNO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CALUMNIA
Um filme de Sydney Pollack
3.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
Às 24
OBSESSÃO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 a.
VINGANÇA DUMA MULHER

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS OLHOS DA TESTEMUNHA



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16.30, 19.00 e 21.30
- Int. men. 18 a.
DUAS MULHERES APAIXONADAS

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Fantasporto/82
- N. ac. men. 13 a.
LOOKER

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a.
A TERCEIRA GERAÇÃO

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
SOMBRAS BRANCAS
c/ Anthony Quinn, Peter O'Toole
e Yoko Tani

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CAÇA SELVAGEM
c/ Tom Skerrit e Michelle Phillips

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
13.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
OS CAVALHEIROS DA LENDA
c/ Ed Harris e Gary Lahti
2.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
FANTASIAS NOCTURNAS
c/ Cindy Pickett e Barry Primus
12.ª Semana
Às 24
BARREIRA DE FOGO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
Às 24
OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
Às 00.30
CAPÍTULO SEGUNDO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30
Int. men. 13 anos
O PELOTÃO CHANFRADO
com Bill Murray e Harold Ramis
A mais chanfrada comédia de 1982

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
Um filme de Hal Needham
Colorido
8.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Ceiteiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
c/ Mel Brooks, Tom Deluise
e Madeline Kahn
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- N. ac. men. 12 a.
MAOZINHAS DE VELUDO
4.ª Semana
Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.
DONA FLOR E OS SEUS DOIS MARIDOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «O Mago de Lublin», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - «Hadiogozo», sessões permanentes (18 anos)
CITY CINE - «Caçada Implacável», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA - «Caçada Implacável», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «A Incrível Stevie», às 21.30 (13 anos)
2000 - «Três Homens a Abater», às 21.30 (18 anos)
RESTELO - «Conflito Final», às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «Outland, Atmosfera Zero», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «A Canção da Esperança», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível - A Fera», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia - A Filha do Mineiro», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cine-Almada - Um Fantasma na Minha Cama», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Sicne - S.O.S. a 12 Mil Metros», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium - Chamam-me Dólar», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin - O Leão do Deserto», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - «Oeiras-Cine - Excalibur», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Casino - Atlantic City USA», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Palácio - Sem Culpa Formada», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - «Oxford - Adeus, Aventureiros», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Impala - Dupla Suspeita», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V - As Graças do Inferno», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Cine-Plaza - O Orfão», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Lido - Uns... e os Outros», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cineestúdio - Fantasias Nocturnas», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS - «Cine-Chesby - Vingança ao Amanhecer», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel - Butch e Kid, os Aventureiros», às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU - «A Vida é Bela?», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A - «Música pelo Caminho», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (13 anos)
CARLOS ALBERTO - «Recordações», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Trunfo na Manga», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «Holocausto II», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Escravos», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «Aventura em Marrakech», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «A Brecha», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Apanhados num Mundo de Barretes», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Crime em Campo de Cebolas», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT - «A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)

ÁGUA - «Tarzan o Homem Macaco», às 21.30 (13 anos)

S. JOÃO - «Desidena, Iniciação de Uma Virgem», às 21.30 (18 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Investigações Sexuais», às 21.30 (18 anos)
BEBE - «As Mãos Sobre a Cidade», às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Noje)

RIO DE JANEIRO, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 681409); **SIMÕES PIRES**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **UNIÃO**, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); **DOURO**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **ROMIL**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683431); **DALVA**, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **LISBONENSE**, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **EUROPA**, Av. General Roca-das, 27-A-B (T. 843880); **ALMEIDA MFO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662).

teatros

Lisboa

BAIRRO ALTO - «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
VARIEDADES - «O Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

TEATRO DA GRAÇA - «O Rufia na Escada», às 22.00 (13 anos)
COMUNA - «A Viagem», às 21.45 (13 anos)

MONUMENTAL - «Virgem Até Certo Ponto», às 20.45 e 23.00 (13 anos)
TRINDADE - «Molly Bloom», às 21.30 (18 anos)

MARIA VITÓRIA - «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II - «Gin Game», às 21.30 (13 anos)

A BARRACA - «Ferna Mentres?», às 21.45 (13 anos)

ADÓQUE - «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

PERMANENTE (Amanhã)

MARBEL, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **PALMA**, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T. 547088); **SANTOS SILVA**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 386255); **ASCENSO**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ALB**, R. Santana à Lapa, 156 (T. 683562); **MAGALHÃES**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **MODELAR**, R. Dr. António Sousa Macedo (T. 608896); **G. SILVA**, R. Frei Tomaz Costa, 3-A-C (T. 771873); **BIOTIFAR**, R. D. João Castro, 27-B (T. 38824); **SÃO JOÃO DE DEUS**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **ROSA & VIEGAS**, R. São Vicente, 31 (T. 864351); **COMBATENTES**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **CONFIANÇA**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938140); **TA-VADES DE MATOS**, R. 8, lote 306 (T. 993220); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

Linha de Sintra

AMADORA: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Rebola (T. 938703). Permanente; **DAMAIA**: Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ**: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CACÉM**: Silva Duarte. Permanente; **ALGUEIRÃO**: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA**: Marrazes, Estrela (T. 2930058). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 299088).

CAMARATE: Nova (T. 2518726). Até às 19 horas

farmácias

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430484). Permanente; **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737); **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PARADE**: Aleir, Av. Gago Coutinho, B. Calças de Previdência (T. 2472948). Permanente; **GUERRA JUNQUEIRO**: S. Pedro do Estoril: S. Pedro, R. 9 de Abril (T. 1682052). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 280008). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Cordelro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente; **MOSCÁVIDE**: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leão, 50-A (T. 270076). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Rainha Santa, E. das Barrocas, 50 (T. 2760182). Até às 2



DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ BOMANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
5.20 1.8 m
12.06 3.1 m 17.44 1.8 m
Dia 21
0.27 3.3 m 6.16 1.8 m
12.59 3.3 m 18.33 1.8 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	12°
PORTO	12°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	9°
C. CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	13°
ÉVORA	-
BEJA	-
SAGRES	14°
FARO	16°
P. DELGADA	16°
FUNCHAL	16°



últimas

UM JOVEM PALESTINIANO de 17 anos foi hoje morto com um tiro no coração durante uma manifestação nas proximidades da câmara municipal de El Bireh na Cisjordânia ocupada, anunciou o hospital de Ramallah, a cidade vizinha para onde foi transportado. Dois adolescentes foram feridos a tiro, tendo sido igualmente transportados para o hospital. Habitantes de El Bireh interrogados pela «France Presse» declararam que o exército israelita usava armas automáticas para dispersar as numerosas manifestações esporádicas através da cidade, que está em greve. Soldados que tentavam abrir as lojas à força tiveram de renunciar aos seus intentos devido aos incidentes. Por outro lado, foi decretado o recolher obrigatório na velha cidade de Hebron no sul da Cisjordânia, depois de incidentes ocorridos entre colonos israelitas armados e habitantes.

REGISTAM-SE VIOLENTOS CONFRONTOS com armas automáticas e «rockets» desde o princípio da manhã de hoje na região de Ain-Quana (sector ocidental do sul do Líbano) entre o movimento Chitta «Amal» e milicianos da secção libanesa do partido «Baas» pró-iraquiano, informam os correspondentes de imprensa na região. Segundo o balanço provisório, os combates fizeram dois mortos. Confrontos semelhantes tinham oposto ontem essas duas organizações na mesma região, fazendo dois mortos e sete feridos.

UM POLÍCIA FRANCÊS foi morto e um outro gravemente ferido no País Basco, em Saint-Etienne-De-Baigorry (60 kms a sudeste de Bayonne), por uma rajada de arma automática disparada ontem à noite contra eles por desconhecidos. O polícia ferido poderá ficar paralisado, já que uma das balas lhe desfez duas vértebras, soube-se de fonte segura. Os autores dos disparos conseguiram fugir, talvez a bordo de um automóvel roubado na véspera em Bayonne, que foi hoje encontrado perto da fronteira franco-espanhola. Os dois polícias foram atingidos pela rajada quando arrancavam de carro, para uma patrulha, soube-se de fonte bem informada. O veículo em que seguiam desfez-se contra uma parede e ardeu.

DESPENHOU-SE ONTEM à noite um avião militar «Boeing» KC-135 da Guarda Nacional dos Estados Unidos, a 75 kms a noroeste de Chicago (Illinois), tendo morrido as vinte pessoas que seguiam a bordo - 13 passageiros e 7 tripulantes. O aparelho, equivalente militar ao «Boeing» 707 e que é utilizado como avião cisterna para reabastecimento em voo, tinha levantado voo da base aérea de Sawyer, no norte de Michigan, e dirigia-se para o aeroporto de Chicago. O Hare, precisou um porta-voz da Administração Federal da Aviação. Desconhecem-se as causas do desastre.

Embaixador de Portugal no Zimbabwe afirma Exportações portuguesas têm boas perspectivas

Portugal tem de perceber que as suas experiências nas relações com o Zimbabwe terão um efeito multiplicador no que diz respeito a toda a África Austral, disse à ANOP em Salisbúria o embaixador de Portugal.

Luis Martins, ex-conselheiro de Eanes para as Relações Internacionais, lembrou o papel que o Zimbabwe representa no contexto regional: doatado de infra-estruturas bastante desenvolvidas, praticamente auto-suficiente em matéria de agricultura, a antiga colónia britânica tem potencialidades que o podem colocar em posição invejável entre os países africanos do Sul do Sara.

No que diz respeito aos

transportes, Luis Martins lembrou que o Zimbabwe, país interior, necessita de «saídas», nomeadamente através dos portos de Moçambique e que após a criação do SADCC (Organização para o Desenvolvimento Económico da África Austral, que agrupa nove países), já existem projectos delineados, em que Portugal poderia participar juntamente com outros países. Tais projectos envolvem a quantia de dois biliões de dólares e a presença portuguesa seria considerada «importante e apreciada».

Disse Luis Martins que o conhecimento acumulado por Portugal sobre a África Austral - respeitante à Medicina e doenças tropicais, por exemplo

- torna desejável a participação portuguesa nos projectos económicos multilaterais actualmente em fase de preparação, e que também envolvem Angola e Moçambique.

O embaixador de Lisboa lembrou que Portugal estabeleceu relações diplomáticas com o novo Estado do Zimbabwe no momento da independência, a 18 de Abril de 1980. Nessa altura, uma delegação oficial portuguesa, presidida pelo então ministro adjunto do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, deslocou-se a Salisbúria para assistir às cerimónias da criação do novo Estado e inaugurar a representação diplomática portuguesa.

Tal gesto - disse o embaixador - representou algo de positivo para as novas autoridades do país, que viram que Portugal democrático dava um passo no sentido de fazer esquecer as posições assumidas no passado relativamente ao regime de Ian Smith.

No que diz respeito às trocas comerciais, disse o embaixador que elas já encontram alguma expressão numérica, e que existem boas perspectivas no que se refere à exportação portuguesa de artigos que envolvam certa tecnologia, como telefones, motores eléctricos, máquinas e ferramentas.

«Não temos possibilidade de exportar para o Zimbabwe mais do que produtos que envolvam certa tecnologia, pois o país é quase auto-suficiente em produtos alimentares (e excedentário em alguns deles), e os nossos produtos agrícolas tradicionais, nomeadamente os vinhos, aqui não encontrariam mercado» - disse o embaixador.

A comunidade portuguesa no Zimbabwe, constituída por cerca de oito mil pessoas, não é uma comunidade nova, não se defronta com problemas sociais graves e vive confortavelmente - afirmou o embaixador Luis Martins.

Após um mês de julgamento do «23-F»

Todos os partidos espanhóis se solidarizam com o rei

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) - Já decorreu um mês sobre o início do julgamento dos trinta e dois militares e do civil implicados na tentativa golpista de 23 de Fevereiro de 1981, quando um grupo de guardas civis tomou a Assembleia dos Deputados e sequestrou todo o Governo e mais de trezentos parlamentares. Cada dia que passa a tensão aumenta dramaticamente no tribunal.

Partidos políticos e organizações de simples cidadãos começaram a reagir contra as «graves acusações» feitas no tribunal à autoridade máxima do Estado e das Forças Armadas, o rei Juan Carlos, que os golpistas - secundados pelos seus defensores - tentam implicar na sublevação anticonstitucional.

No próximo dia 23 os principais partidos parlamentares realizarão uma reunião com vista a debater uma atitude comum e acções a realizar a fim de deter a ultradireita nos seus intuitos de desprestígio do rei, e que estão a semear a confusão na opinião pública e a máxima preocupação no Governo. A federação dos municípios também está a promover uma homenagem ao rei, que, ao que se calcula, será o coroamento de uma ampla sucessão de manifestações de solidariedade com o monarca que, na noite de 23 de Fevereiro de 1981 deu o seu apoio inequívoco à ordem constitucional, granjeando assim a inimidade dos oficiais simpatizantes do golpe.

«Sinto-me profundamente ferido com a utilização abusiva do nome de sua majestade», disse em Roma o chefe do Governo espanhol, Leopoldo Calvo Sotelo. «Nunca duvidei de que a aposta do rei era totalmente democrática», declarou, por sua vez, o líder da oposição Felipe Gonzalez. «O certo é que o rei teve um papel decisivo no desmantelamento do 23 de Fevereiro», proclamou o secretário-geral comunista Santiago Carrillo. «Creio que todos temos a obrigação de fazer com que este intuito de ensombrar a figura do rei seja inútil», dizia por sua vez Manuel Fraga, líder da direita «Aliança Popular».

Com todas estas declarações, em que, por uma vez, há um acordo entre todas as forças políticas espanholas, fica bem patente a preocupação dos líderes partidários perante o «desgaste psicológico» que o julgamento pode estar a criar na opinião pública espanhola.

O comentarista político do pró-governamental jornal diário «Ya» diz hoje que «há na sala a sensação de que as razões e os sentimentos dos que participaram no golpe de Estado frustrado eram amplamente compartilhados pelo Exército. De certo modo pretende-se fazer ver que se trata de um processo feito ao Exército e à Guarda Civil. Seria muito perigoso se este sentimento de frustração e solidariedade se estendesse às Forças Armadas».

De momento desconhece-se o exacto grau de solidariedade que pode existir nos quartéis com os processados que até agora prestaram declarações no tribunal: o tenente-general Milans del Bosch, os generais Armada e Torres Rojas, os coronéis San Martín, Ibañez Inglés e Manchado, o tenente-coronel Tejero, o major Pardo Zancada...

Todos eles foram tratados respeitosamente por um tribunal que, segundo os observadores, se tem mostrado imparcial mas que pode ser pressionado com as manifestações constantes dos observadores que assistem ao julgamento e que, já mais de uma vez, atacaram a imprensa e aplaudiram os seus «processados favoritos».

Desde o início do julgamento que os incidentes têm sido praticamente

constantes: expulsão, pelo próprio presidente do tribunal militar, Luis Alvarez Rodriguez, do director do «Dá-rio 16» porque um dos acusados se sentiu ofendido por um artigo publicado nesse jornal madrileno. Na semana passada, outro jornalista, o especialista em temas militares de «El País», Miguel Angel Aguilar, também foi expulso em consequência dos seus indignados comentários, ao ouvir um dos defensores dizer, antes de interrogar o tenente-coronel Tejero, que «respeitava, admirava e invejava» este oficial da Guarda Civil, «braço executor» do golpe de 23 de Fevereiro.

Noutro incidente de características diferentes, o vice-secretário-geral do Partido Socialista, Alfonso Guerra, poderia ser processado militarmente por ter expresso o seu receio de que o julgamento resultasse numa «farsa». Mas ontem o Partido Socialista aderiu oficialmente a esta tese, o que pode resultar num confronto entre o principal partido da oposição e um sector das Forças Armadas.

Quanto ao mais, o decorrer do julgamento mantém vivas as principais interrogações: quem era a principal «cabeça» do golpe? Porque razão procuram todos apresentar o general Armada, antigo homem de confiança do rei e agora claramente distanciado

do resto dos seus companheiros no banco dos réus, como essa «cabeça»? Quantos golpes «paralelos» estavam preparados? Qual era a verdadeira extensão e com que apoios contava a «intenção» de 23 de Fevereiro? E, principalmente, qual é a «trama civil» deste golpe, trama que não veio à superfície?

Até agora os processados, à excepção do general Armada, têm afirmado que julgaram actuar seguindo ordens do rei, embora nenhum deles possa afirmar ter ouvido pessoal-

mente tais ordens.

Quanto ao mais, tudo se está a converter num monte de contradições, acusações a terceiros e insinuações que procuram fazer com que instituições e partidos percam a sua credibilidade. Se, como é previsível, este terrível mês do julgamento se prolongar até Maio, o desgaste pode vir a ser, confessava ontem um dirigente socialista, tremendo, e de consequências imprevisíveis para a democracia. Isto se não forem tomadas medidas.

Mulheres espancadas nas prisões turcas

No julgamento de 91 mulheres que decorre actualmente perante o tribunal marcial de Ancara, uma presa declarou na quinta-feira que mais de uma centena de soldados as tinham espancado com matracas quando da sua greve da fome do Verão passado na prisão militar Mamak de Ancara.

Zeunep Kaplane e as suas companheiras encontram-se a ser julgadas em tribunal marcial,

por «resistência aos soldados». Uma outra presa contou que o director da prisão se tinha recusado a levar as grevistas à enfermaria e que, pelo contrário, tinha ordenado aos soldados que «batessem nas prostitutas».

«Sempre nos queixamos de que as nossas vidas corriam perigo nesta prisão e os nossos pedidos foram submetidos às autoridades.

CRUZEIRO DA PÁSCOA

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete

"FUNCHAL"

Classe única • Serviço de 1.ª cl.

GIBRALTAR - TANGER - CASABLANCA

De 5 a 10 de Abril 1982

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840



Preços excepcionais desde

22.900s

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Seta, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

abreu

FUNDADA EM 1840

DEPARTAMENTO DE CARGA

SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM:

- Transportes Internacionais TIR
- Carga Aérea
- Carga Marítima
- Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupagem de e para toda a Europa
- Grupagem Aérea para todo o Mundo
- Serviço Marítimo convencional e contendorizado

PORTO

Av. Aliados, 221

Telef. 317921

Telex. 22315 ABREU-P

LISBOA

Av. Liberdade, 164-48

Telef. 368783/371341

Telex. 16426 ABREU-P

Também em CARGA a tradicional qualidade

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 20 DE MARÇO DE 1982

Barthes mas não por ele próprio

Quando, a 26 de Março de 1980, ele foi mortalmente atropelado na Rue d'Ulm, em Paris, ninguém, no primeiro instante, acreditou. Depois, passado o primeiro instante, os que o conheciam, através do seu ensino ou dos seus textos, tiveram realmente a sensação de que seria impossível esquecê-lo.

O Colóquio que antecede e ontem se realizou em Lisboa é, entre nós, a primeira prova cabal de que a instituição universitária partilhou à sua maneira dessa sensação. As «letras» não esqueceram o semiólogo, os enraivecidos de 68 não esqueceram o homem das Mitologias, os produtores de mitos não esqueceram o «crítico literário». Crítico Literário? Poucos designativos o deveriam, como este, indispor...

Ei-lo, com este Colóquio, transformado em objecto de polémica, e até mesmo em «lugar de terror», como viria a defender uma das participantes. Barthes, mas não por ele próprio: eis o que o Sete Ponto Sete apresenta hoje sobre ele, nas págs 4, 5 e 7.



Se o céu me cair na cabeça o culpado és tu!...

É conhecido o temor dos gauleses das histórias de Astérix: «desde que o céu não nos caia na cabeça, está tudo bem».

Mas quando as coisas correm mal, a culpa é forçosamente de alguém. No passado as desgraças aconteciam por obra e (des)graça de uma multidão de espíritos maus.

Mas hoje, em plena era científica, é proibido — não é civilizado — acreditar em diabinhos de riso satânico, chifres e rabo bifurcado.

Quando o desemprego bate à porta, em plena crise económica, exigimos um responsável: as multinacionais, os comunistas, os judeus, e franco-maçonaria ou os emigrados. Para que tudo volte à boa ordem, basta eliminar esses agentes do diabo.

Conclusão inevitável: há muito boa gente que continua a raciocinar como no tempo dos «primitivos».

Alguns exemplos históricos edificantes:

Quando a peste assolava a Europa, há seis séculos, falava-se de uma conspiração entre judeus e leprosos, que envenenavam a água para eliminar os cristãos.

Em 1832, voltou a agitar-se o mesmo espantallo no decorrer de uma epidemia de cólera que matou parisienses em pleno Carnaval.

Procuravam-se freneticamente suspeitos, que a história regista terem sido mortos aos punhados na rua Richelieu.

Em 1920, foi a vez da gripe espanhola. Quem eram os culpados? Os judeus levantinos, com certeza.

E durante a guerra da Cri-

meia, os sofrimentos da Europa eram obra dos jesuitas e... dos judeus!

O caso dos «raios N», descobertos cerca de 1900 pelo honrável professor Blondlot, é outro caso a merecer reflexão.

Aquele académico multiplica experiências, dá conferências, publica textos. Categoricamente, afirma:

«Acabo de descobrir radiações de um tipo, os raios N».

Recebe um prémio da Academia.

Mas há sempre um mau da fita. Um cientista americano, céptico perante as propriedades mirabolantes desses famosos raios, mete o nariz nos trabalhos de Blondlot e conclui que não existem quaisquer «raios N».

Estala o escândalo. Os físicos franceses recusaram-se durante muito tempo a reconhecer a fraude, apesar da chacota dos seus colegas alemães: era necessário manter a honra nacional...

A história das ciências regurgita de casos semelhantes. Mas ao que parece, nunca ninguém se lembrou de dizer que a culpa era da própria ciência...

Neste caso ao contrário do que habitualmente sucede é mais fácil personalizar as responsabilidades. Mas tocar na Ciência (com C grande), nem pensar.

Pois é: a conspiração é bem mais cómoda. Todos os aprendizes (e mestres) de ditadores o sabem: Hitler ou Khomeiny, Somoza ou Salazar.

E nós, pobres mortais, também não ignoramos até que ponto as perseguições são facilmente legitimadas, para esconjurarmos o medo ou para conservar um poder.

Foi Karl Marx quem o disse, lembrem-se?

«Atrás de cada tirano, está um judeu...».

Estórias de Portugal

QUEIRAM ou não queiram, goste quem gostar, vive este país embalado pelo som nostálgico dum fado, forma de embalagem como outra qualquer, mais laçote menos laçote.

Político ou não, o fado tem sido um facto que nos acompanha «desde o berço até à morte», o que também é forma de companhia como outra qualquer, mais factura menos factura.

Com samarra ou sem samarra, muito ou pouco marialvado, com trinados, roubados, pianinhos ou estilados, o fado, pelo que foi, pelo que ainda é e pelo que certamente será, faz parte integrante da nossa Cultura por muito que ironizem os mais cultivados pela categoria dos adubos com que perfumaram as mentes.

Porque assim é, porque o estoriador se confessa apreciador incondicional do bom fado, admirador entusiasta de bons fadistas, e ainda porque a recuperação do «fadismo», do velho estilo tradicional, se tem vindo a alastrar pelos salões, com um impacto que já ninguém pode ignorar, aqui deixo para as gerações vindouras o testemunho dum movimento cultural sem

precedentes, recuperador duma tradição que ameaçava extinguir-se deixando-nos, irremediavelmente, mais pobres.

Graças à visão iluminada e progressista de alguns dos nossos mais brilhantes políticos tal não acontecerá. A imagem, para alguns, estereotipada, para outros, dum folclórico mais que duvidoso gosto do fadismo gingão, rufia, provocador feito à medida dos apaches das revistas regressa a um primeiro plano da vida nacional. O fadismo constitui hoje a corrente ideológica dominante, detendo um poder que há meia dúzia de anos atrás ninguém se atreveria a vaticinar. Os velhos «fados» estão a voltar em força.

Repare-se como cada vez mais, à falta de fado melhor, se recorre às interpretações de «Alguém que Deus já lá tem...».

E certo que cada um o interpreta à sua maneira, dando-lhe as voltas que melhor entende os roubados que mais se ajustam à sua maneira de o sentir... Mas não é o fado isso mesmo?

Claro que os tempos vão sendo outros e a própria saudade, o desespero das partidas, a angústia das despedidas vão sofrendo as suas actualizações nostálgicas. Outrora cantava-se a tristeza do sair da barra que levava o emigrante a agarrar-se à guitarra e a chorar cantando fado; hoje o fado é o do pobre ministro ao sair da Portela agarrado ao comissário ou à hospedeira para beber contando fiado.

Pequeno reajustamento de somenos importância, como se vê.

Mas onde o fadismo parece ser rei, sem piada ao arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles, é na Assembleia.

Impressionante a interpretação do senhor deputado Morgado do fado «Quem tem um filho tem tudo quem não tem, cruze na boca». Na boca e noutro sítio...

Espantosa também a veia fadista dum senhor deputado que consegue recuperar no hemicycle toda a rale da linguagem das tabernas com um casticismo inultrapassável. Se o fado tem a Tarouca o fadismo tem o Tareco que é muito mais típico.

Mas os fadismos não ficam por aqui.

O engenheiro Ângelo Correia, inimitável criador do «fado da sublevação», que o Henrique Viana plagia no Adóque, tem muito mais êxito no seu vastíssimo repertório. Os da Intervenção, aventureiros, são sempre os primeiros a deitar ao chão — é uma das letras favoritas deste tigre do fadismo.

Fadismo que nesta última semana tem esquecido um pouco a guitarra para deixar que muito se fale de quem viola... Se acreditarmos no que diz o senhor major Vasco Lourenço estamos muito bem servidos no instrumento. Quem estranhará que haja por aí tanta gente a sentir-se instrumentalizada?...

Francisco Nicholson

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

● A Terceira Geração de Rainer Werner Fassbinder (RFA --1979)

O húmus do terrorismo num filme de Fassbinder, num filme da Alemanha.

Cinema Quarteto --sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h.) (Interdito a men. 13 anos).

● A Amante do Tenente Francês de Karel Reisz (GB --1981)

Ontem era o excesso, hoje a chateza? Ontem as paixões violentas com escarpas, olheiras e febre, hoje o flirt insonso e a retirada cobarde? Também destas coisas fala **A Amante do Tenente Francês**. Com uma fabulosa Meryl Streep.

Cinemas S. Jorge 1 (15.15, 18.30 e 21.30 h) e **7.ª Arte Cinema** (14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h) (não acons. men. 13 anos)

● Os Salteadores da Arca Perdida de Steven Spielberg (USA --1981)

George Lucas e Steven Spielberg a demonstrarem conhecer de que é que é feito o imaginário da aventura. E a fazerem qualquer coisa de diferente no cinema americano.



Um filme brasileiro suficientemente forte para ser um sucesso

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h) (não acons. men. 13 anos)

● Pixote, a Lei do Mais Fraco de Hector Babenco (Brasil --1980)

A corda retesa-se, estica mas não quebra. As crianças são sempre uma vantagem. Babenco faz um filme forte e directo sobre a marginalidade juvenil brasileira. Com mais efeitos que feitos? A ver e discutir.

Cinemas Estúdio 444 (14.15, 16.45, 19 e 21.30 h) e **Quarteto --sala 4** (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h) (interdito a men. 18 anos)

● A Calúnia de Sydney Pollack (USA --1981)

Pollack regressado ao seu melhor, lá onde a consciência liberal toca em algumas coisas inquietas. A diferença que separa o factual do verdadeiro ou o jogo do ser e do parecer, do facto e da inferência. Com Paul

Newman e, também, Sally Field.

Cinema Monumental (15.15, 18.15 e 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

● Duas Mulheres Apaixonadas de Salvatore Piscicelli (Itália --1980)

Um projecto curioso mas não totalmente conseguido. Um regresso ao neo-realismo por portas travessas, com um tema violento: a homossexualidade feminina. Duas actrizes e uma bi-

zarra sonoridade linguística. E um autor que desponha.

Cinema Quarteto -- sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (interdito a men. 18 anos)

● As Belas são Assassinas de Michael Crichton (USA --1981)

Uma ideia não faz um filme. Sobretudo se essa ideia foi maltratada a nível de argumento e de realização. É o caso.

Cinema Quarteto -- sala 2 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)

AS ESTRELAS

A terceira geração	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Pixote	★★★★
A calúnia	★★★★
Duas mulheres apaixonadas	★★
As belas são assassinadas	●
A vida é bela!?	●

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
 ★★★ — Bom
 ★★ — Interessante
 ★ — Desinteressante
 ● — A evitar

(interdito a menores de 13 anos)

● A Vida é Bela!? de Luís Galvão Teles (Portugal --1980/81)

Um filme que se vende pelos trinta dinheiros do sucesso. Que os colecte e se vá. Nenhuma facturação o fará sair do território estéril da absoluta mediocridade.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h) (não acons. men. 13 anos)

Teatro

ADOQUE

● «Tá entregue à bicharada» de Nicholson e G. Preto Despedida (provisória) do Adoque com uma revista de humor entre o rosa e o negro. Alguns números sensacionais. A ver, sem falta.

BARRACA

● «Fernão, Mentos?»

de Helder Costa Também a Barraca está com ordem de despejo (isto é que vai uma crise!).

Aproveite para ver um espectáculo indispensável e para fazer força pelo espaço do grupo.

COMUNA

● «A viagem»

de Helder Costa Corra a ver um dos grandes espectáculos do ano. Absolutamente indispensável.

MARIA VITÓRIA

● «Não há nada p'ra ninguém»

de H. Santana, C. Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga A Ivone (fabulosa), e não só. Uma revista que vale a pena.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

● «O labirinto de Creta»

de António José da Silva O Teatro da Cornucópia apresenta o seu novo espectáculo. Esperamos que corresponda à expectativa.

TEATRO NA CAIXA

(Av. da República, 31)

● «Dio Vânia»

de Tchekhov Um espectáculo de amadores? Não — um grande espectáculo. Mais do que indispensável. (Fins-de-semana).

TEATRO DA GRAÇA

● «O rufia na escada»

de Joe Orton

Uma imagem relativamente nova no teatro português. Veja.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

● «Gin Game»

de D.L. Coburn

Eunice torna este espectáculo indispensável. O resto também vale a pena.

TRINDADE

● «Molly Bloom»

de James Joyce

Provavelmente o mais controverso dos espectáculos de 1981. Veja, se quer saber porquê.

VASCO SANTANA

● «O homem que se julgava Camões»

de Luzia Maria Martins

Em últimas representações.

FORA DE LISBOA

Monte Estoril

TEATRO DO PICADEIRO

● «Onde Vaz, Luiz?»

de Jaime Gralheiro

Não deixe de ver. Está a acabar.

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO

● «Lady Strass»

de Eduardo Manet

Para os que vivem em Setúbal.

PORTO

SALA DA COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE

● «Longe da Cidade»

de Jean-Paul Wenzel

Uma rica peça num espectáculo ainda por ver.

SALA DO TUP

● «No ventre do cavalo»

de Henri Lefebvre

Um belo cenário não faz um espectáculo. É pena.



Farley Granger (à esq.) e o mais espantoso «vilão» da carreira de Hitchcock (Robert Walker, à dir.) em **Strangers on a train**

Ciclo Hitchcock

Quase na sua ponta final, mas em pleno território do auge de Hitchcock, prossegue na Gulbenkian o ciclo dedicado a esse grande realizador.

Hoje (dia 19), às 21.30h, passa **Strangers on a train**, onde, se mais não houver, acontece o mais espantoso «vilão» da carreira de Hitchcock, esse Mefistófeles de um anónimo comboio que propõe a trama dos crimes cruzados. É Robert Walker que o interpreta e nenhuma simpatia nos prende ao «herói» (Farley Granger) vítima dos seus manejos tentadores.

Amanhã, sábado (dia 20), há duas sessões e quatro filmes. É o dia Grace Kelly. A actual princesa do Mónaco fez três filmes com Hitchcock, em 1954/55,

domingo é o dia de os ver e de ver, sobretudo, como Hitchcock soube guindá-la ao topo da fama. À tarde, às 15.30h, depois de **I Confess** (onde o tema da culpa é encenado magistralmente) vem o Grace Kelly I (**Chamada para a morte**) onde ela quase acaba estrangulada e, depois, presa pela morte do seu potencial assassino, tudo sob a artimanha de um perverso marido (Ray Milland). O filme que foi rodado em 3D, vai passar, seguramente, numa cópia normal.

À noite, Grace Kelly quer casar com James Stewart e quase se deixa matar nesse filme genial que se chama **Rear Window** e que é, talvez, a mais fascinante história de voyeurismo cinematográfico da His-

tória do Cinema. Logo de seguida, Grace Kelly apaixona-se por um ex-ladrão de alta sociedade (Cary Grant) em **To catch a thief**, uma comédia rodada em França.

No domingo (dia 21), às 21.30h, é a vez de **The Trouble With Harry**, o primeiro filme de Shirley Mac Laine e um dos menos vistos do seu autor.

Na terça-feira (dia 23) exhibe-se a segunda versão de **O homem que sabia demais**, desta feita com James Stewart e Doris Day. É outro dos filmes de Hitchcock e a palavra obra-prima não é desadequada.

Igual qualificativo poder-se-ia aplicar, sem favor, a **The wrong man** com Henry Fonda, essa história de um homem acu-

sado de assassinio e sem alibi que o salve. Passa na quarta-feira (dia 24), às 21.30h.

Mas **Vertigo**, bom, **Vertigo** é o máximo. Tal como **Moder Capricorn** (que é, de todos os filmes de Hitchcock, o que mais prezo) é uma história de amor excessiva, impossível, belíssima, desesperada, fatal. É com James Stewart e prova que Kim Novak não é a loura tonta que tantas vezes foi. E é o mais erótico dos filmes de Hitchcock, um erotismo perverso, feito de esperas e de subentendidos. Além disso tem um fabuloso genérico de Saul Bass, histórico. O filme passa na sexta-feira (dia 26) às 21.30h.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos



SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
— curta metragem
— 35 mm/p.b.

Realização: João César Santos*. **Assistente de realização:** Jorge Silva Melo. **Fotografia:** Abel Escoto. **Assistente de operador:** Emilio Pinto. **Montagem:** João César Santos. **Sonoplastia:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** Ricardo Mafheiro. **Duração:** 17 minutos. **Rodagem:** 1969. **Estreia:** 31 de Janeiro de 1972 (- Apolo 70-, Lisboa).

No chamado «documentarismo» do cinema novo não há outro filme como este. Reivindica, à partida, o direito à diferença (num genérico dito pelo autor que, assim, duplamente se inscreve no filme e aponta, desde logo, o ouvir como dimensão basililar do seu cinema). Arroga-se a dedicar-se à memória de Carl Th. Dreyer.

João César Monteiro aproxima-se de Sophia pela quietude de uma câmara e pela atenção ao

seu dizer, à sua poesia. A voz de Sophia é o seu primeiro, decisivo material.

Depois, assumindo que «a verdade sobre uma pessoa não é um espectáculo», fica-se a olhar, a interrogar o claro-escuro das mãos que escrevem, da fruta na sala, do mar e das gaivotas. Buscando sempre uma «relação justa» com quem está a ser filmado, vai ouvir os filhos e as memórias. Retratos, Isadora Duncan e a dança, as fantásticas sombras nas paredes da infância.

A voz da mãe é esquisita (feito de memória um dos filhos da escritora, no filme). Subtil aproveitamento do aleatório das filmagens para colocar uma questão-chave: nada do que está diante da câmara é igual ao que seria se ele lá não estivesse. Constatação de um limite e de uma impossibilidade: olhar sem perturbar a pessoa olhada.

O filme encerra sobre uma assinatura de Sophia, um sinal distinto, concreto, palpável, físico. Mas a verdade sobre ela está algures e é outra. Pressentimo-la ao longo deste filme admirável.

CRUZEIRO DO SUL
— curta metragem
— 35 mm/p.b.-cor

Realização e montagem: Fernando Lopes. **Ideia e texto:** Afonso Botelho (narração: Alves Costa e Fernando Gusmão; **locação:** Gomes Ferreira). **Sequência:** Fernando Lopes e Afonso Botelho. **Conselheiro técnico:** comandante Trindade dos Santos. **Operadores:** Aquilino Mendes e Ruiz Romero. **Som directo:** Luís Barão e José Sanders. **Ruidos e efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** Ricardo Mafheiro para a Cultura Filmes. **Director de produção:** Cor. Armando Lopes. **Duração:** 23 minutos. **Rodagem:** 1966. **Estreia:** 6 de Julho de 1966 (- Império-, Lisboa).

Pretendendo traçar uma memória da viagem aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral li-

gando Portugal ao Brasil, Fernando Lopes faz este documentário com base em dois tipos de material. Por um lado a recolha de documentos da época (filmes, fotografias, jornais) que filma e interliga com bastante eficácia e elegância formal; por outro lado, **Cruzeiro do Sul** vai ouvir pessoas que viveram esses dias (como o jornalista Norberto Lopes — depoimento vivo, directo — ou o almirante Quintanilha Mendonça Dias — formal e cinzento).

Fernando Lopes não esquece ainda os aspectos técnicos (dá uma aturada explicação do funcionamento do sextante).

Se o texto tem um pendor um tanto empolado e nacionalista, o certo é que o filme é um dos bons exemplos de documentários didácticos dos anos 60, onde uma fotografia relevante e um trabalho a nível da banda de ruidos e dos efeitos sonoros bastante elaborado, ganham destaque.

(**Cruzeiro do Sul** foi produzido com o patrocínio da Sociedade Central de Cervejas).



ERA UMA VEZ... AMANHÃ
— curtametragem
— 35 mm/cor

Realização e montagem: Fernando Lopes. **Colaboração literária:** Maria Alberta Meneses. **FOTOGRAFIA:** Manuel Costa e Silva. **Efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Participação:** Luís Lança, Conceição Pomo, Isabel Fernandes. **Produção:** Telecine-Moro. **Direcção de produção:** Helena Vasconcelos. **Duração:** 10 minutos. **Rodagem:** 1971. **Estreia:**?

De entre as curtas-metragens de Fernando Lopes, **Era uma vez... amanhã** é, talvez, a menos característica do seu cinema.

Sem tema, mas com uma ideia (as crianças no seio das máquinas e dos utensílios do mundo de amanhã), Lopes faz um daqueles filmes funda-

dos no insólito, na surpresa, em efeitos de estranheza visuais e sonoros.

Não há nada no cinema do autor de **Uma abelha na chuva** que aponte para o brilhantismo algo superficial que este filme tem. Brilhantismo, aliás, razoavelmente assente numa qualidade técnica assinalável: a fotografia de Costa e Silva, os efeitos sonoros de Alexandre Gonçalves, a montagem do próprio F. Lopes. Mas, para além disso, **Era uma vez... amanhã** aparece como um trabalho assaz gratuito, sem motivação, sem intensidades que marquem a memória do espectador. É curioso, não agride nem incomoda, rola alimentariamente. A mediania bem feita ou seja, exactamente o contrário do que é marca do cinema de Fernando Lopes.

(**Era uma vez... amanhã** foi produzido com o patrocínio do Banco Nacional Ultramarino.)



AREIA MAR — MAR AREIA
— curtametragem
— 35 mm/cor

Realização, produção e montagem: Manuel Guimarães. **Texto e voz:** Adriano de Gusmão. **Fotografia:** Abel Escoto. **Sonoplastia:** Raul Ferrão. **Duração:** 16 minutos. **Rodagem:** 1972. **Estreia:** 26 de Junho de 1973 (- Apolo 70-, Lisboa).

A faceta de Manuel Guimarães como pintor e pouco conhecida do grande público. Mas é, provavelmente, essa a razão que o levou a, por diversas vezes, enectar curtas-metragens sobre figuras das Artes Plásticas portuguesas.

Areia mar — mar areia, debruça-se sobre a obra do escultor Martins Correia, com o pretexto próximo da exposição retrospectiva realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes em 1972.

Imageticamente, o filme é indecrido entre a

fixação dos trabalhos de Martins Correia e a sua interpretação. Guimarães é um tanto óbvio na utilização dos efeitos de luz e de foco, numa estética entre o majestático e o publicitário, bastante incarácterística.

Por outro lado, o texto tem sempre pouca relação com a imagem. Há um filme a que se apõe um discurso, mas a dinâmica entre um e outro foi descurada.

A entrevista a Martins Correia (que preenche boa parte do texto que se ouve) é, também, tocada por grande fragilidade. Pouco mais que lugares-comuns, alguma grandiloquência, muita palha, quase nenhuma reflexão concreta sobre as obras concretas que o escultor criou e o filme mostra.

É enquanto inventário de obras que **Areia mar — mar areia** pode, ainda, interessar. Como mostra, como exposição filmica. Não como reflexão, não como olhar crítico.

Este filme é, assim, um documentário pobre, embora talvez esforçado.

Com o piso molhado
aumenta a distância
em relação
ao veículo da frente.



2 RODAS

2 vezes
mais atenção!



BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 8-D - 1000 (metro Anjo) - Rua Infante, 15-85-C - 1300 LISBOA

Colóquio Roland Barthes. Perdão, você disse Barthes? ... É que é tão difícil dizer esse nome em português

Fogo-de-artifício, romagem obrigatória, lugar de trabalho? O Colóquio Roland Barthes aconteceu em Lisboa quinta e sexta-feiras, num lugar de enunciação especialmente a desmentir essa

O Sujeito à deriva

As margens do texto. O sentido. Opacidade e transparência.
A escrita como desejo. O lugar do sujeito.

Manuela da Conceição Mendes
Madalena Féris

O conteúdo da nossa comunicação insere-se numa leitura filosófica de R. B. incidindo fundamentalmente no tema — **O Sujeito à Deriva**.

Neste trabalho — aliás, sem pretensões de originalidade — pois não é este, obviamente, o lugar para desenvolvimento de tal ambição, limitar-nos-emos a uma que outra indicação sempre a nível de uma generalidade procurando orientarmo-nos por uma óptica de aprofundamento das linhas de análise barthesianas.

Assim, as nossas reflexões tiveram como ponto de partida, pessoalmente motivador, o facto de R. B. provocar uma abertura óptica do tu ao eu, criando novos espaços reflexivos.

Debruçar-nos-emos num desses espaços — O Prazer do Texto/Texto de Prazer.

Que é o texto para Barthes? «Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido o sentido (a verdade) nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido — nessa textura — o sujeito desfaz-se, como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia».

Neste duplo reconhecimento das margens do texto Barthes situa-se entre o combate ao acabado a que chama «Texto de Prazer», e a procura do novo a

que chamará «Texto de Fruição».

Texto de prazer

Situado na margem tradicional, impõe-nos uma linguagem repisada, coesa e plagiada, obediente a uma pressão institucional da sociedade. É a margem do «bom-senso», da norma, da segurança, onde o escritor e o leitor encontram o conforto e o contentamento e isso dá-lhes segurança reforçando o seu ego. Preso à linguagem do poder e não ao poder da linguagem, o escritor assemelha-se àquela criança «sossegada» que não destrói o brinquedo não rasga ou põe nós no vestuário e no dia seguinte brinca da mesma maneira e veste o mesmo bibe.

O texto de prazer é o que se presta à crítica, porque é dizível, porque é repetitivo.

«Texto de Prazer: aquele que contenta, enche, dá ufoia; aquele que vem da cultura não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura».

Texto de fruição

É a outra margem do texto onde o escritor pode dar largas à sua imaginação. Daqui que seja subversiva, desobediente, perversa e insustentável. Nesta o signo é abalado, a frase modelo desfeita e a simbólica contestada. É nesta que o escritor e o leitor se colocam em situação de perda, desconfortados, inseguros, porque tudo é posto em causa: a consciência dos seus



Entre o fragmentário e o aforístico

Ana Luísa Janeira e Maria Augusta Babo

O fragmento inscreve-se numa materialidade específica e mediatiza através de si um certo modelo de espaço-tempo.

Ao ocupar uma mancha com cortes e interrupções, onde o branco se constitui como área de descontinuidades, o fragmento transfere a itinerância entre o dito e o não-dito, criando simulacros de um real em si mesmo descontinuo.

Nesta espacialização, que é também o traço revelador de tempos em curto-circuito, visualiza-se uma coexistência de escritas, sujeitas a ritmos de instantes e identificadas a inflexões do desejo e do corpo. O acontecimento prima sobre o processo histórico condensando nele rupturas e pedaços. Por isso a figura de uma *durée* de tipo bergsoniano só se poderá constituir por artifício da razão. Por isso a parte, o resíduo e o desvio reivindicam também a sua posição nesta tópica.

A pluralização de um nomadismo que percorre espaços vários, em todas as direcções, e a abertura a um tempo decomposto pelas suas derivas múltiplas, criam posições de desafio sem remissão ao sentido como máquina de explicação e de voraagem das diferenças. Na sucessão do texto como na coexistência da escrita, o ritmo ou o preenchimento é feito de pontos, e a inconografia imprime-se de abismos que nenhum transcendente colmatará.

A lógica que suporta o fragmentário aceita o contraditório, embora tenda para a dispersão. O terceiro termo ex-cêntrico, nos quadros de uma dialéctica não-binária em esboço e segundo rompimentos voltados para a transgressão, como procura empenhada de paragens e recusas. A relação entre o princípio da identidade e a presença a si que se espelha na consciência é extenuada por excesso.

Já de dentro do gnosiológico, o real surge no seu estado «corpúscular», onde há restos e se joga entre as peças uma repetição na diferença. A doxa diz o real contínuo e foge das partes, pois só o paradoxo dá conta das brechas e fendas. O real é simulacro e a ficção recusa-se a preencher as faltas, pelo que o fragmentário marca no texto a física dos átomos aos *quanta*, e ao marcá-lo assim desafia a tradição que na literatura ou na filosofia é também «horror ao vazio».

A evidência das representações como a claridade das tautologias é deslocada. O paradoxo invade o real, modelando-o na multiplicidade, sem recurso a qualquer unidade do ser.

Paralelamente, a substância desmenbra-se na sua homogeneidade narcísica ao criar um caleidoscópio de alteração e de não permanência, na sequência de uma materialidade que exige a distinção entre a Natureza e História e proíbe qualquer

leitura de eternidade a partir de indicadores de contingência.

O fragmentário afasta-se da utopia, no seu remate totalizante e totalitário, e toma a utopia e acronia como formas de estar: a procura de um sentido, porque a necessidade de segurança o determina, é abandonada pela persistência na migração votada ao isentar, exceder e desgastar do sentido.

O sujeito multiplica-se. A razão desarticula-se...

Da ilusão passa-se à ficção da identidade, a qual é indivíduo e não pessoa, a qual é significância e não já consciência...

O corpo plural investe a enunciação e o biológico irrompe no sítio da escrita...

... pelo que se cria um sentido sempre suplementar e excedente, desafia-se a totalidade porque monstruosa e alvejam-se as certezas da doxa e as ciências, o ego e o logo-centrismo modernos.

O aforístico

Demarcamos, por oposição ao discurso fragmentário, o aforístico, visto que, se o fragmento é a integração no dito, da falta, da lacuna que é silêncio na fala ou espaço intacto na escrita, o aforismo apresenta-se como um todo, microcosmos do real. Funciona como minia-

tura de um sentido totalizante. Ele é ou pretende ser um todo, delimitado, cercado, inscrevendo-se num espaço fechado de onde o excesso se exclui, onde a fenda se tapa pelo dito, pelo sentido categórico, pela enunciação da verdade. O aforismo fala de dentro da verdade, encerrando-a e excluindo assim o espaço que a transcende, negando-a ou perversando-a. Assim também o sujeito aforístico se mascara, se esconde no interior desse espaço indubitável para afirmar, não a sua diferença, mas a sua sujeição, a sua ausência como tal dando lugar ao todo, sujeito universal, que vai desde o senso comum, a voz da colectividade, até à banalidade, nem eu nem ele, mas todos, a evidência. O aforismo revela-se então na doxa, que embora opressiva porque fechada à inscrição do particular, do provável, é no entanto tranquilizadora, pois a responsabilidade enunciativa recai sobre o sujeito universal, integrando-se dentro do domínio do legal ou natural, rejeitando, assim, brechas e vazios.

Enunciar a totalidade: «tout est plein», é mover-se na continuidade, é percorrer ou preencher o sentido, a verdade, é, em última instância, nomear Deus.

Perpassam ao longo desta escrita, como o confessa R.B., laivos de aforismo. A doxa é aqui um termo e não a tónica geral, na medida em que se integra, joga na intertextuali-

dade do processo da escrita. A doxa deve ser lida como intertexto participando de textos outros que se lhe opõem tanto na definição de um sentido como na sua estrutura incompleta. A doxa opõe-se o paradoxo, ao imperativo categórico, asserção de segurança, a instabilidade do fragmento, e com ele, a do sujeito. Ao triunfo da doxa junta-se, perturbadora a escrita modelada na ambiguidade e na multiplicidade.

O Processo do texto desliza entre pólos contrastantes, modela-se neste claro-escuro que é também atributo da linguagem fotográfica.

Então o nomadismo não se limita ao percurso no descontinuo, mas define-se neste vai-e-vem entre o eu-ele e nós, entre a afirmação e negação, entre o fragmento e o aforismo como se o sujeito se constituísse numa dialéctica em que, aceitando não obstante integrar-se no sentido comum, sociabilizar-se, o rejeite sistemática e constantemente, num processo zigzagante entre o atópico e o utópico, entre a fruição e o desejo, entre a inquietação e a segurança do sentido.

O texto desliza assim na tangente do sentido, buscando novas ordens, novos arranjos, onde o alfabético tal como se enuncia no final do livro, é um dos possíveis, preservando a arbitrariedade total do sujeito de recriar ligações, combinações infinitas de produção de sentido.

Por isso R.B. par R.B. é jogo de

espelhos, de imagens onde o processo do sujeito se constrói e desconstrói, invertendo a lógica, o sentido, a verdade.

A difracção do sujeito

O contexto cultural deste texto propõe novas formas de descentramento do sujeito, enquanto que o texto, o transforma em questão, efeito que é de linguagem e de imagem, «vagabundas» e à deriva. Na verdade, na configuração deste livro intercepta-se uma fenda que passa pelo antes e pelo depois da escrita.

A presença constante do eu — meu e da *imago* dá lugar, a partir da página 45 a uma intermitência que diz ele — vós — R.B. e inclui grafismo, esboços, banda desenhada, fichas e até uma pauta.

Se é certo que a marca da mutação é visível, pois a *imago* afasta-se quando a escrita se adensa, e a mancha passa a incluir a *grama*, uma inscrição outra, — a instauração da diferença convida-nos a questionar a sua visibilidade.

Esta visibilidade indica que à fragmentação do discurso corresponde um sujeito espartilhado, muito embora a distância face ao imaginário se mantenha sempre de-

guês. Colóquio Roland Barthes. Perdão, você disse Barthes? ...É que é tão difícil ouvir esse nome em

amente universitário. Que foi um «homem de letras», disse dele a maioria dos órgãos de Comunicação Social. Os testemunhos que aqui publicamos talvez ajudem nessa ideia feita.

gostos, dos seus valores, dos seus hábitos. Já não há caminho único, há vários. Várias são as encruzilhadas onde se pode passar deixando em todas a marca de seus pés, mas sem que se saiba de quem são. É nesta «perda» de consciência que o texto adquire o seu **valor erótico** e a linguagem conquista o amor da liberdade projectando-se num mundo aberto e des-centrado.

É o jardim onde o menino salta, corre, parte a cabeça, desmancha o brinquedo, rasga o vestuário, ininterruptamente. É deste lafo que o escritor fabrica esse tecido, mas agora com os fios que segrega de si — os retratos dos seus vários rostos, o seu ego estilizado, a sua dupla personalidade.

Estas duas margens existem no sujeito e são-lhe necessárias. A norma mantém-se para ser violada. É neste estilizar que se abre o espaço, a fenda entre ambas, onde o sujeito fará aparecer por «transmutação» e não apenas por «transformação» o novo estado filosófico da matéria de linguagem; esse estado inaudito fora da origem, o lugar utópico onde não há normas nem princípios de unificação onde as relações são fundadas no prazer, no entendimento corpo a corpo. Lá, onde o texto se afirma no ilimitado da significância.

O sentido. Opacidade e transparência

É visível que Barthes sonha com um mundo isento de sen-

tido (como seria do serviço militar).

No entanto não se trata de encontrar um pré-sentido, uma origem do mundo, da vida, dos factos anteriores ao sentido mas antes de atravessar como ao longo de um caminho iniciático, todo o sentido para ser possível «extenuá-lo e isentá-lo».

O texto para Barthes é (deveria ser) essa pessoa desvoluta que mostra o traseiro ao Pai. Lê-lo é entrar em conotação em entrecruzamento: ao tratar do sentido denotado a linguística positiva descobre um sentido improvável, irreal, obscuro de tão atenuado; remete-nos desdenhosamente para uma linguística fantasiosa em que o sentido resplandecente se enuncia. Aí entrevejo como num sonho o sentido banhado de luar onde se apercebe, vagamente a angústia, a impostura de uma situação, com muito mais nitidez do que uma história que acontece.

A pertinência quando existe, apenas surge de raspão: é a voz off. do sujeito.

O discurso progride, segundo uma dialéctica com dois termos: a Dóxa e o seu paradoxo, o cansaço e a frescura, o estereótipo e a inovação. Esta dialéctica binária é a própria dialéctica do sentido e do jogo freudiano (FORT/DA). Mas (ele o diz) será isto verdade? Desenha-se uma outra dialéctica: «a contradição dos termos cede a seus olhos pela descoberta de um terceiro termo que não é de síntese

mas de deportação. Todas as coisas regressam, mas regressam como ficção». Esta insistência não será a obsessão de negar a dualidade sexual? É necessário dissolver os afrontamentos e os paradigmas, pluralizar ao mesmo tempo os sentidos e os sexos. Não se deve permitir que a oposição dos sexos seja uma lei da Natureza.

O sentido caminhará para a sua multiplicação a sua dispersão e o sexo não será encerrado em nenhuma tipologia (não haverá senão várias homossexualidades, cujo plural, evitará qualquer discurso constituído, centrado, de que se torne inútil falar. Desta difracção, surge o mal-estar de produzir um discurso duplo, a encenação de um aparecimento, desaparecimento, de um streap-tease.

Esse discurso emerge do seu corpo plural, «qual corpo? Temos vários. Um corpo digestivo, um corpo nauseável, e assim por diante; sensual, muscular, secreto e principalmente emotivo e ainda o corpo artificial (dos travestis) e o corpo prostituído (o do actor). Um habitáculo à deriva». Mas onde o poderemos abordar? Na câmara dos ecos? Talvez seja o lugar onde possamos reconstituir com todos os fragmentos disponíveis o corpo fragmentado. «Os fragmentos são então pedras no perímetro do círculo: espalho-me em redor, todo o meu pequeno universo em migalhas...no centro o quê?»

Tal como no «catch» é cada momento que é inteligível e não

a duração, aquilo que é delirante (de interrompido) na razão das frases. O fragmento implica um desfrute imediato, é um fantasma do discurso, um bocejo de desejo.

Schumann chamava ao fragmento «intermezzo», que quer dizer uma pura sequência de interrupções.

O sentido antes de se abolir fremente: «há sentido». Mas esse sentido não se deixa agarrar, permanece fluido, estremecendo como uma leve aragem.

O paradoxo como gozo. O gozo não é aquilo que satisfaz o desejo, mas o que o surpreende, o excede, o despista, o faz derivar.

O imaginário é abordado através de várias máscaras (personae) escalonadas de acordo com a profundidade do palco, sem todavia haver nenhuma pessoa atrás. O sujeito está noutro lado e o sentido talvez irrompa entre as duas margens, no lugar da fenda.

A escrita como desejo

Tirar essa máscara sob a qual a linguagem se esconde e que nos afasta da realidade é desvendar o segredo que reside sob a palavra e libertá-la da carga do significado através de uma nova ética do signo e por conseguinte da escrita.

A «verdade» da escrita fica entre as duas faces do signo, entre o singular e o plural, o pretérito e o presente, numa duplicidade de significantes nesse «tempo para nada».

É aí que se abre a fenda donde

surgirá a escrita. Ela não habita o presente, viaja sem passado, sempre disponível ao tempo, a um tempo circular, como que num movimento sem tempo. É o estar aí e agora nesse espaço ocupado por uma pequeníssima fracção de segundo, é o «Da-sein» de Heidegger, é o ser em situação.

É deste estar aí que surgirá a escrita branca, neutra, amodal, liberta de ideologias. Ela é a pré-figuração de um mundo paradisiaco onde a linguagem não será mais alienada, transformando a multiplicidade das escritas na própria utopia de linguagem, utopia esta que fará emergir, confrontando a lei, a norma e toda uma linguagem do poder, a palavra total e levando para bem longe esse sentido até quase à sua dissolução, à sua morte, ao «grau zero» da escrita, ao desejo de libertação do significant, ao desejo da escrita. Desejo este que vai sempre ao encontro atópico do prazer, ao gozo infinito do texto. Desejo jamais saciado porque não tem objecto, tem-se a si mesmo, é desejo de desejo sempre em reprodução.

«E depois?

— que escrever agora? Seria ainda capazes de escrever alguma coisa?

— escreve-se com o desejo e eu não paro de desejar».

A escrita de Barthes aparece-nos como desejo do outro e que supõe reversivelmente o outro como desejo. É no espaço, na distância que vai da identidade à alteridade que se insere a escrita enquanto «desejo

de discurso» o qual não é senão «discurso do desejo».

Vista nesta óptica a escrita é algo que pretende ultrapassar a linguagem. Ela começa lá «onde não há nada para dizer» por isso é o lugar de liberdade, é o produto de um circuito pulsional que se estabelece no corpo desejante do escritor, corpo que é presente da escrita, desejo, gozo, fruição.

Nesta perda a escrita adquire o seu valor erótico lá «onde o corpo consiste e o sujeito desiste».

O lugar do sujeito

O sujeito gnoseológico que ainda em Kant nos aparecia revestido da nostalgia do ontológico é agora posto em causa.

A verdade surge como uma agressão. O conhecimento não é algo de pacífico, mas sim polémico, implicando uma luta.

O homem é apenas uma estrutura de liberdade que pode ter várias denominações. A sua liberdade é inserida numa estrutura de acção onde não está só.

Barthes «mata» o sujeito gnoseológico para criar um sujeito estético cujo predomínio é o da palavra, deixando-lhe apenas o lugar onde, a possibilidade.

Ele propõe uma «filosofia pluralista» na qual o homem assume a sua multiplicidade, criando uma nova ética do signo, contribuindo para um novo posicionamento face ao mundo.

O homem barthesiano encontra-se numa atitude de devir e desejo, num permanente transitar entre as suas margens que o fará advir, talvez, num outro ponto da espiral.

lizante. Onde há produção de fragmentos, — fragmentos — detritos eivados de narcisismo, há também pronomes de terceira pessoa.

Agudiza-se, assim, a tendência para uma tensão entre o não-falar-de-si e o falar-de-si através de um «ele» forma de suicídio pela difracção e possibilidade de existência para o corpo. A dinâmica do que é preciso transgredir manifesta-se na sua positividade: — daí que se rejeite a pessoa mas se defenda o indivíduo, — daí que paradigmas modernos, tais como a dicotomia entre subjectividade e objectividade, sejam interrogados pelo seu lado convencional ao mesmo tempo que se afirma o **moi**, dividido e prevertido, que nunca é o **soi** como presença a si de consciência.

O claro-escuro da fotografia, que é também o claro-escuro de um sujeito clivado, produz-se no interior de um modelo teórico favorável à subversão simultânea de dois pensamentos opostos: o logocentrismo e a «moda estruturalista» como sistemas. Assim, o texto materializa uma viragem que questiona, quer o sujeito centrado à maneira antiga, quer o sujeito posicionado pela estrutura, e permite o deslize entre o sujeito imaginário e o sujeito abolido, ao transgredir um e outro pelo seu eito fracturado na fruição e no prazer de corpos vários.

«Escrever o corpo», sem uma

anatomia de músculos, nervos ou ossos, é uma produção plural que já se indica. Assim a escrita dá dominância aos pronomes indicadores de distância, sem excluir no entanto a presença de um espectro:

— Em Roland Barthes par Roland Barthes não é ainda um «sujeito amoroso» quem fala, mas também já não se trata de um sujeito, lugar de uma consciência como em S/Z.

— Este texto não só não constitui uma autobiografia segundo qualquer modelo baseado no princípio de que as ideias se desenvolvem num sentido e que esse sentido deve significar a evolução para melhor ou simples evolução, como subverter o conceito tradicional ao distribuir-se, na ausência de qualquer organização sistemática prévia ou postica. Feito de espaços em aberto, numa justaposição atópica e não crónica, cada fragmento define-se, assim, por si e não pela sua posição ou pelo seu tempo.

Mais textura que estrutura, a sua configuração mantém-se no interior de contornos fluidos, mais vastos que os de um sistema definido por termos, lugares e suas relações.

Mais textualidade que estrutura, a sua configuração mantém-se num discurso, onde o escritor esbate o autor e aceita a individualidade do leitor, na sedu-

ção de um corpo de escrita que é também a escrita de um corpo.

O texto: escrita-imagem

Texto plural este, não só na tessitura de escrita mas nas relações que estabelece entre esta e a imagem.

Se, ao falarmos de escrita vimos que se entrelaçam multiplicidades de escritas e de sujeitos de modo o que a pluralidade significante surja abrindo espaços no texto, poderemos agora traçar a rede textual que se forma no cruzamento entre o processo de escrita e a ocorrência de imagem.

O livro enuncia-se numa insistência visual dada pelas imagens fotográficas. Esta inserção da fotografia na trama textual abre ao sujeito a possibilidade de se dizer, de dizer eu ainda de outra forma.

A sequência de imagens que nos assalta, nos prende, nos fascina de início, aponta para uma narrativa de ficção, para a história do sujeito que no dizer de RB, deve ser entendido enquanto personagem de romance. Assim a sucessão de imagens constrói um tempo, constrói-se num desenrolar que vai desde o retomar da origem, o enraizamento do sujeito num determinado núcleo familiar burguês, num determinado espaço, a cidade, a beira-mar, os jardins ou os interiores (mesmo se sugeridos sempre de

fora para dentro) até à redescoberta, re-invenção de um percurso no tempo: da «fase do espelho» passando pelo devaneio de adolescente, até à integração no social, puro simbólico, insistência nos ambientes de trabalho, o papel, a caneta, o gesto da escrita, para daí passar à produção não mais imagética mas puramente simbólica, o trabalho de produção do livro. Mas a continuidade do processo é constantemente quebrada, interrompida de modo a que este «álbum» deixe de ser uma narrativa mas antes um processo fragmentário, descontínuo, imaginário. Então a fotografia deixa de funcionar como signo icónico em analogia ou representatividade do referente para actuar como fixador do instante, estigma da produção imaginária, desaparecido que é o referente num tempo passado.

Deparamos então com uma amalgama de imagens pontuais que em vez de funcionarem como referenciais na narrativa, a quebram, perturbando o sentido e instaurando a significância, jogo produzido entre o dito e o não-dito. Tal como o discurso fragmentário, o discurso imagético passa a ser espaço plural onde o visível e o não visível se entrecruzam num jogo dialéctico que se afirma também pelo princípio da impressão fotográfica: o contraste do preto no branco. A fotografia revela-se como espaço aberto, a sua sucessão não condu-

zindo ao sentido. Enevoadas, veladas, as imagens, ultrapassam, transgridem a iconicidade e, além disso, a nitidez contrastiva: imagem da mãe, da família, ou de RB são signos cuja única função é a de focarem o des-foque, pois jogam na fronteira entre o ícone e a **imagem**.

Nesta medida, tal como na escrita fragmentária, a linguagem imagética revela-se atópica, lacunar, não permitindo que o sujeito se referencie, se coloque no princípio da realidade. A imagem é entendida então como encantamento onde o eu narcísico se desenvolve, toma corpo, habita. O retrato deixa de corresponder ao referente numa relação lógica de identidade, para o investir de um suplemento de prazer, para se construir como suporte dum excesso de sentido — uma recordação sem suporte, isto é, pura ficção.

Nesta perspectiva, olhar uma fotografia de infância implica a descoberta, a recriação do corpo que já não existe como tal, a própria fotografia funciona então como um marco único da apropriação do corpo pelo sujeito. Mas enquanto **imagem**, espelho, ela nunca se deixará prender, nunca estará sujeita à completa dominação do corpo pois nunca deixa de ser reflexo desse corpo, já arcaico e inexistente. Neste processo se coloca o eu imaginário, que através da produção simbólica se cria, se corporaliza

dando lugar ao sujeito da escrita.

Assim, da fotografia-reflexo-do-corpo à reapropriação desse mesmo corpo, o processo faz-se pela escrita. Neste processo, o corpo investe-a pelo traço ou gesto pulsional. Do reflexo do corpo à inscrição do gesto, o grafismo surge como marca inevitável. Das fotos iniciais, acrónicas, ao esboço anatómico final o sujeito percorre todo um processo de materialização do corpo pela escrita, pois o corpo, como diz R. B., não reside na pele, ou nos músculos, mas no resto que lhes escapa, que apesar de tudo fica retido no texto, autonomizado.

Trata-se não mais de evocação de imagens mas de desperdícios, dispêndios energéticos, ou dum prazer certo, pleno, que se marca nos traços pontuais, descontínuos, errantes, puras manchas coloridas onde se gravam devaneios gestuais ou sequências gráficas esvaziadas e inúteis, «significante sem significado» para já não falar das marcas sonoras, escrita sinestésica, onde a materialização do corpo é também jónica.

O sujeito desliza entre a fotografia e o grafismo, tal como na escrita, entre o fragmento e o aforismo, percorrendo espaços tangenciais. É esse espaço, esse percurso que delinea o texto, e o transforma numa errância que vai da escrita à imagem.

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Apresenta Domingo às 11 horas

**CONCERTO DOMINICAL
PELA
BANDA DA SOCIEDADE FILARMÓ-
NICA UNÂNIME PRAIENSE
DO FAIAL — AÇORES**

Programa

Barbeiro de Sevilha
Rossini
SINFONIA N.º 40 de MOZART
Ar. de Silvío Pleno
TITL'S
SUR LES FLOTS DU TAGE
Sousa Morais
GLÓRIA
Mozart
FINLÂNDIA
Sibelius
UM VOO
J. F. Fão

Distribuição gratuita de bilhetes
(Espectáculos para todos)

TEATRO DA TRINDADE INATEL

APRESENTA — ÚLTIMA SEMANA — SÓ
ATÉ AO DIA 28 DE MARÇO

A "COMPANHIA DE TEATRO DE
LISBOA"

com

GRAÇA LOBO

em

MOLLY BLOOM

de JAMES JOYCE
Cenários: JÚLIO POMAR
Encenação: CARLOS QUEVEDO
SUB. MINISTÉRIO DA CULTURA

3ª a 6.ª, às 21.30; sábados, às 16 e 21.30; domingos, só às 16

50 % de desconto para os sócios do Inatel, dos Ceds. e Cpts.
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

RN

PÁSCOA

ASTÚRIAS E COVADONGA 6 a 11 Abril 19 650\$00
LOURDES - ANDORRA - PIRENÉUS 4 a 11
Abril 18 450\$00
ALGARVE - AÇOTEIAS ... 8 a 11 Abril 4 750\$00
CÁCERES E GUADALUPE 10 a 12 Abril 8 950\$00
ALMOÇO REGIONAL — PÁSCOA 11
Abril 1 500\$00

FÉRIAS — VERÃO 82

APARTAMENTOS — ALGARVE
P. da ROCHA ou ALBUFEIRA

Vários tipos • Preços desde 950\$00 (4 pessoas)
Reserve já! Número de Apartamento limitado.

CONNOSCO QUALQUER TEMPO
É TEMPO DE TURISMO

RN

Informações e Reservas:
RN VIAGENS E TURISMO • Claras Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 Lisboa Codex
Telef. 560015 - 563451/2

**ÊXITO!
ESPECTACULAR!**

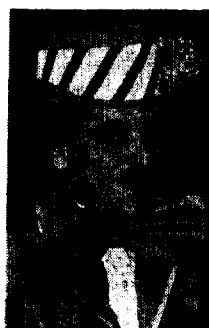
ÁDOQUE
teatro
TEL. 87 14 76

**VENHA VER
HOJE!**

ÀS 20.30 E 23 HORAS

**Tá entregue
à bicharada**

Texto de Francisco Nicholson e Gonçalves Preto • Música de Correia Martins e Braga Santos •
Coreografia de Fernando Lima • Maquetes e Figurinos de Jorge Rocha • Finais de Juan
Soutinho • Uma cortina de António do Carmo • Direcção musical de Correia Martins •
Encenação de Francisco Nicholson



A ÚLTIMA REVISTA NO MARTIM MONIZ

GH GRUPO
TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 —
Tel: 875626

**«O RUFIA
NA
ESCADA»**

DE
JOE ORTON
ÚLTIMAS SEMANAS
SÓ ATÉ DIA 28

De 4.ª a sábado às 22.00h
Matinée sábado às 17.00h
Domingos só às 19.00h
A bilheteira abre às 19.00h aos
dias úteis e às 15.00h nos fins-de-
semana.

2.º MÊS

«Um curioso modo de olhar o teatro
enquanto representação de
uma realidade» — J. Letras
(Maria João Brilhante)

— Entrada gratuita aos sócios da
«Voz do Operário» —
Subsidiado p/ Ministério da Cul-
tura

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do bairro
alto



Todos os dias às 21 horas. Do-
mingos só às 16.30 — 2.ª-feira
Descanso

Roland Barthes. Perdido, não é? ... É que é tão difícil ouvir esse nome em português.

S/Z: uma semiótica extrapolável em ciências sociais?

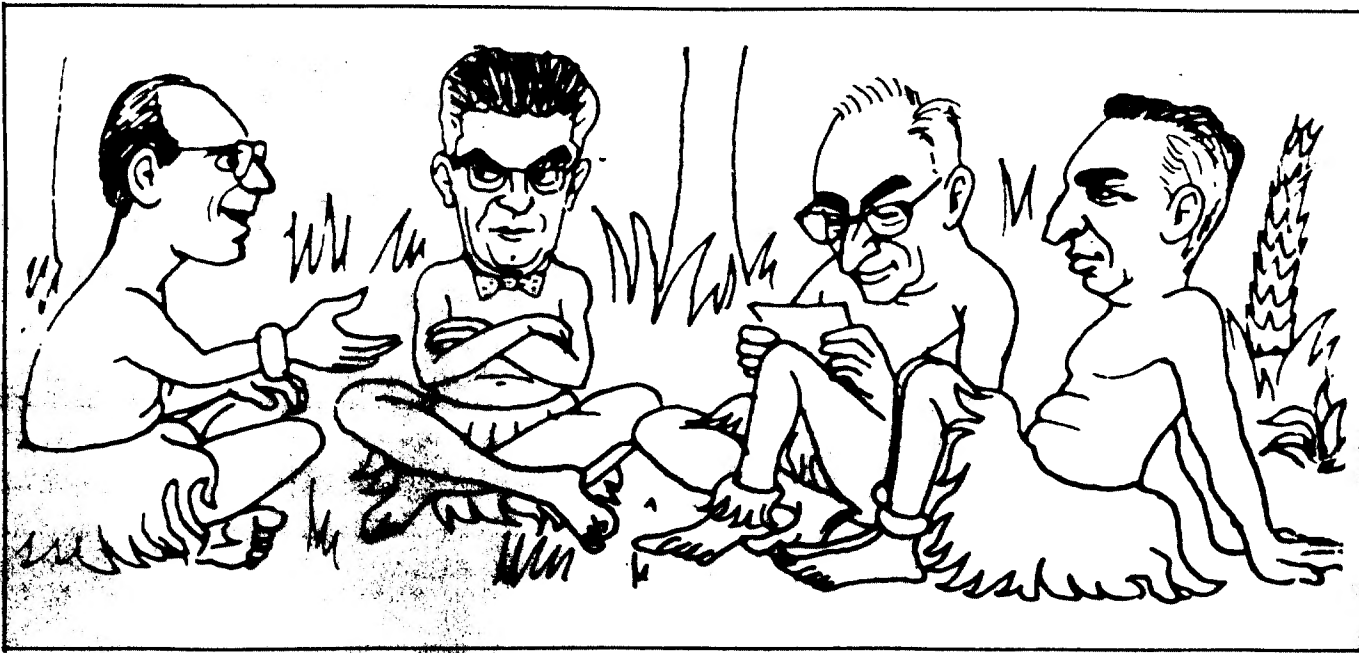
Fernando Belo

O ponto de interrogação não é uma figura de retórica, que aqui, nos limites que nos são dados à partida, mais se não fará que expor a questão deste título, talvez inesperado. Ela pode ser posta no espaço aberto entre as sociologias da literatura e as semiologias do texto qualquer, no espaço em que os sociólogos e historiadores se interrogam hoje sobre como relacionar um texto com a sociedade em que ele foi produzido, sobre o conhecimento que esse texto nos poderá dar sobre essa mesma sociedade, como a melhor das suas fontes.

Começarei por algumas considerações sobre os primeiros parágrafos do ensaio de Barthes, espécie de metodologia aberta da leitura plural da pluralidade do texto. Uma tipologia relativamente enigmática divide os textos em *illegíveis*, *legíveis* e *escritáveis*. O texto ilegível é deixado na sombra: eu proponho, como seu exemplo, o conto popular, que serviu a Propp para inaugurar a análise estrutural da narrativa e a Greimas para lhe dar um estatuto de disciplina científica. O que caracteriza como ilegível é a sua clausura específica, a carga dum código de bem/mal, que retira ao leitor qualquer lugar que não seja o dum identificação especular ao herói, de uma anti-identificação ao mau da história; texto assim cujo plural de um qualquer grau zero, incapaz justamente de dar conta da sociedade em que circulou, que a ser esta o simples reflexo dos seus passos não teria sobrevivido de tempo necessário à constituição de uma literatura oral, como se diz. O texto legível, diz Barthes, é o texto clássico, com um plural mais ou menos parcimonioso, suficiente embora para que o leitor se desloque nele, segundo a disseminação das conotações, da maneira exemplar como Barthes reescreve *Sarrasine* de Balzac, estendendo-a; *S/Z* é assim um ensaio *escritável*, em que o semiótico não é possível senão como exercício literário propriamente dito, o apagamento das fronteiras entre literatura e sua semiótica me parecendo ser o que caracteriza melhor o lugar original de Barthes, crítico literário enquanto escritor.

Uma tal tipologia, explicitamente posta sob a égide de Nietzsche, permite precisar a ruptura que Barthes inaugura em *S/Z* com as preocupações estruturalistas que foram as suas durante a década de 60. Ruptura com os textos ilegíveis, contos populares e outros James Bond, antes de mais, como se a actividade de escritor recusasse o perigo de contaminação especular que se implica nas muitas horas a ler tais ilegibilidades (acrescente-se que talvez ao sociólogo de hoje se possa por uma tal questão, a de saber que o perigo existe de, por tanto andar pelos números grandes das estatísticas, se banalizar na mediocridade que lhes é correlativa. Ruptura com o modelo linguístico e seus níveis hierarquizados — funções, acções, narração, no célebre texto de *Communications 8* — com o modelo científico universalizante que lhe é implícito como ironicamente diz o adágio de entrada: *«Science avec patience, le supplice est sur»*, com a intolerável perda da diferença, do plural, de cada texto. D um suplicio ao prazer do texto, como um título posterior dirá, a diferença, o plural do texto único, o seu pulsional, se se pode dizer, o que nele sempre escapa — se legível — à clausura ideológica ou simbólica, o que nele é «real», em terminologia lacaniana, o que nele opera sobre o leitor como convite à metamorfose, eis o que doravante interessa Barthes, escritor, o metamorfosia novamente, nete percurso espantoso em que cada novo livro sempre é novo, como condição de fidelidade ao velho que já foi.

Se *S/Z* for extrapolável em



Michel Foucault, Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes: mais do que um triângulo culinário.

ciências sociais, será na medida em que estas se abrirem à metamorfose, se interessarem pelo que, no seu objecto geral, é minoritário, marginal, único, novo, forte. Em que elas acederam a proceder a uma avaliação nietzschiana no acto mesmo de se reinventarem. Admitamos assim que o sociólogo ou o historiador — e me desculpe de falar daquilo de que não sou praticante — senão de amor, palavra pejorativa de muito gosto — escolhem para trabalhar textos raros e fortes, de invenção científica, filosófica, literária, de cultura popular aonde ela se dá como festa, ou o que seja, com o senão de que será necessário um texto suficientemente curto para que a sua leitura possa tender à exaustão da captação de sentidos que Barthes reclama, de forma quase paradoxal.

Em que *S/Z* lhe pode ser útil? Aparentemente, em muito pouco. Os operadores de leituras são mínimos e vagos: conotação, código, sequencialidade. Mas são o bastante para se saber que excluem o recurso preguiçoso à exterioridade referencial do texto, o recurso metafísico à verdade transcendental dum significado determinando uma estrutura transponível depois a outros textos da mesma sociedade. Suficientes como exigência de rigor metodológico, se se me desculpa o palavreado que evoca o «rigor mortis» dos médicos de antanho, como meio de evitar o escolho de «confundir a conotação e a associação de ideias» por onde a crítica literária se perde em «impressionismos», como criticavam os estruturalistas nos tempos da sua emergência, suficientes para não fazer dizer ao leitor «n'importe quoi». Vagos também, porque o plural do texto assim o exige, como disponibilidade do leitor a ser surpreendido em sua leitura pela diferença do texto, pela sua estruturação como escritura re-escritável. Digamos que tais operadores de leitura são quanto basta, como se diz nas receitas de cozinha, para entrada no texto que se escolheu, como fios de leitura; mas o percurso desta fica todo por inventar, oferecido à astúcia do leitor, ao seu prazer de escritor, justamente, e quão grande bem isso não é.

E certo que há um passo a dar que Barthes não quis para si mas explicitamente admitiu e me parece indispensável a um projecto como o de qualquer ciência social. «On proposera la matière sémantique (...) de plusieurs critiques (psychologique, psychanalytique, thématique, historique, structurale); à chaque critique ensuie (si l'envie lui en prenait) de jouer, de faire entendre sa voix, que est écoute de l'une des voix du texte». Onde a «ciência» foi recu-

sada à entrada da leitura, ela fica admitida à sua saída num segundo tempo que, por não ser da «envie» de Barthes, não é menos legítimo: só que será um estilo de ciência que os cientistas terão dificuldade em aceitar, porque subversiva dos hábitos e métodos estabelecidos (mas em ciências sociais a subversão do adquirido não é a marca de todos os autores que contam?). Ou seja, o *escritável* representa aqui a possibilidade dada pelo plural do texto, comandando a sua leitura, a possibilidade de o leitor assumir a sua alteridade teórica, a sua capacidade de inventar aquilo a que o texto o convida, sabendo sempre, modestamente, que outro leitor do «mesmo» texto inventará diferentemente, se justamente o texto não existe fora da sua leitura, não é nunca o «mesmo». «Les codes culturels enfin sont les citations d'une science ou d'une sagesse; en relevant ces codes, on se bornera à indiquer le type de savoir (physique, physiologique, médical, psychologique, littéraire, historique, etc.) qui est cité, sans jamais aller à construire — ou reconstruire — la culture qu'ils articulent». O leitor de ciências sociais estará interessado em fazer o que Barthes não quer fazer, nessa reconstrução dum cultura social, e porventura não serão apenas os códigos culturais que se prestam a isso. Se se pode manter a distinção entre funções e índices da análise estrutural da narrativa, melhor, dum «espaço sequencial» e dum «espaço aglomerativo» (paramétrico, se dizia em *Communications 8*) será talvez mais do lado dos códigos deste último espaço que o homem das ciências sociais se sentirá autorizado a procurar estabelecer paradigmas (mais ou menos fechados, consoante) semânticos que serão também os da linguagem comum (ou erudita) da sociedade em que o texto emergiu, códigos que porventura o próprio texto subverte, ao menos parcialmente, produzindo quicá outras configurações semânticas que poderão ter tido eficácia forte sobre a linguagem social posterior.

O que se supõe assim é uma certa leitura das sociedades históricas, da articulação que lhes é específica — e diferentemente para cada uma, para cada sua etapa histórica — entre as suas linguagens e os sistemas de práticas respectivos. Os processos sociais, como dizia J. Kristeva num texto notável «Pratique signifiante et mode de production», que abre o volume colectivo *La traversée des signes*, são sempre excessivos, por razões de contradições sociais em torno da organização do trabalho, ou por razões pulsionais em torno da organização do paren-

tesco; não podem por isso subsistir sem aparelhos simbólicos que os contêm, à maneira do Estado e da Família, respectivamente. Ora é esta disparidade entre excesso e controlo simbólico, exercido este

pela linguagem dos aparelhos nas suas estruturas semânticas estabelecidas, nos seus códigos, que torna plausível a extrapolação que aqui se propõe: ao menos os textos socialmente fortes e subversivos não

podem deixar de ser pulsionais, conflituosos ou contraditórios, se se quiser, dentro de si mesmos, guerra de sentidos, polissemia do excesso contra a monosemia do uso sedimentado pela repetição das práticas estruturadas.

A partir daqui, seria possível propor uma lista de operações a fazer tal semiótica plural em ciências sociais, segundo dois tempos, o da imanência textual e o da intertextualidade com a linguagem social. Tal não seria interessante sem exemplificação adequada, para a qual algumas horas seriam precisas, por muito curto que fosse o texto em questão. Reenvio o leitor auditor eventualmente interessado para a minha leitura materialista do evangelho de Marcos, feita com *S/Z* à mão e para outros exercícios que espero publicar. Termina com uma objecção greimasiana ao livro que citei: Barthes seria inimitável, a minha ousadia uma estultícia. Se tal objecção contém uma divinização de Barthes que joga como exorcismo da sua influência semiótica, não deixa de representar também uma advertência salutar: é que tal semiótica não é ensinável, no sentido em que não é possível ensinar o *escritável*, ou seja o pensar, como o fracasso relativo do sistema de ensino ocidental ilustra eloquentemente. Fraqueza de Barthes? quicá antes fragilidade da sua força.

No Algarve, junto a Portimão e a 80 metros do Mar...

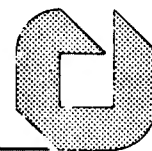
Compre já a sua habitação de férias ou investimento até 48 mensalidades desde 4.800\$00 sem entrada inicial, nem fiador

Somos uma importante empresa de empreendimentos Urbano-Turísticos, proprietária entre outros de um conjunto de moradias grupadas, com ampla vista sobre o mar, prontas a habitar (hoje mesmo), totalmente mobiliadas e equipadas com os melhores electrodomésticos, aparelhagem stereo e TV a cores, com capacidade de alojamento até 8 pessoas (adultos/crianças).

Nesta experiência "piloto" que pretendemos vir a alargar a outros empreendimentos de nível europeu, em curso e de grande envergadura (AMADO'S COUNTRY CLUBS, Vila do Bispo/TURISBEL, Lagoa Óbidos/COLINAS, ESTORIL) preparamos uma arrancada para fomento interno do desenvolvimento Turístico nacional, possibilitando *casa própria para férias, e/ou investimento*, a interessados idóneos e com nível sócio-económico compatível, para garante do pontual pagamento das aquisições *totalmente a prestações mensais desde 4.800\$00 sem obrigatoriedade de entrada inicial, nem fiador, e com imediata ESCRITURA NOTARIAL de compra e venda em REGIME de COMPROPRIEDADE*.

Aceitamos PEDIDOS DE INSCRIÇÃO de compra — sem qualquer compromisso para nós — a fim de procedermos à necessária selecção. Os pedidos, em carta ou postal, são considerados por ordem de chegada, contendo: nome - idade - profissão - local de trabalho - morada completa, sem o que serão anulados. Respostas para: Departamento de Marketing Espaço-Férias.

R. do Alecrim, 65-3.
1200 LISBOA PORTUGAL
APARTADO 21005 — 1126 LISBOA CODEX
END. TELEGRÁFICO URBANITEL
TELEX N.º 15884 REOR P.
TELEFONES 32 61 81/2/3/4



urbanitel S.A.R.L.

CONCEITO NOVO DE PROPRIEDADE TURÍSTICA

**CONDUZIR
OU
BEBER
HÁ QUE ESCOLHER!**

Circular e viver.

Ultima página Sete Ponto Sete

Banda Desenhada

“Bringing Up Father” de Mc Manus: a transição para a indústria dos “comics”

«**B**RINGING Up Father», de George McManus, é um

clássico dos quadrinhos americanos em trânsito para a fase industrial dos “comics”.

Surge em 1912, distribuída fora dos Estados Unidos pelo International News Service, embora a primeira tira diária só tenha conhecido a luz do dia em 12 de Janeiro do ano seguinte.

Um desenho muito atento ao

trajar dos personagens dá vida a Jiggs e Maggie, um casal de novos ricos, de meia idade e passado proletário, esforçando-se por entrar harmoniosamente na alta sociedade.

Mas, sem o saber, a antiga lavadeira tem no seu rosto o principal obstáculo. Além disso, um comportamento afectado, tocando sistematicamente as raízes do ridículo, impede essa integração.

Jiggs, por seu turno, é um imigrante irlandês de hábitos e modos rudes, irremediavelmente condenado a provocar

“miséria” entre os membros da alta sociedade circundante.

No início, Maggie era uma mulher avantajada e Jiggs um ser barrigudo e calvo. Pouco a pouco, porém McManus vai-lhes alterando esse aspecto, transformando a mulher num “espeto” e conferindo ao marido um rosto mais simpático.

A ampla colecção de espécimes aristocráticos é contemplada pelo artista com um agudo sentido satírico.

“Bringing Up Father” critica sem piedade os sectores privile-

giados da população, recorrendo muito simplesmente aos seus retratos e posturas no relacionamento social. Em contrapartida, visualiza, com uma vitalidade exuberante, o outro mundo sociológico da série, expresso na gente de bairro.

Além disso, em virtude das frequentes viagens dos protagonistas, é possível ter uma visão da América do Norte, através da leitura feita por McManus de cidades, multidões, barcos, praias, etc., recorrendo a detalhes minuciosos e a explícitos conceitos críticos.

Um dos factores do êxito da

série reside na conseguida disposição dos elementos plásticos, segundo uma muito concreta intencionalidade.

No primeiro período da sua criação, o autor inspira-se na Art Nouveau, deitando ainda a mão à sua experiência de desenhador de modas.

No entanto, só atinge a sua mais alta expressão gráfica, satírica e pictórica, depois da realização da célebre exposição internacional de artes decorativas e industriais de 1925, em Paris.

O aparecimento da Art Déco, de onde extrai alguns princípios, favoráveis à simetria e à contra-

posição de ângulos rectos e curvas, e cingida à ornamentação preciosa de superfícies e objectos, permite a McManus dotar “Bringing Up Father” de uma montagem sumptuosa e subtil, que confere um sentido intenso à paródia do “grande mundo” aristocrático.

Com o tempo, o artista ver-se-á obrigado a actualizar a obra.

A própria revolução social impõe a transferência do acento crítico para o violento “matriarcado”, simbolizado pelas relações entre Maggie e Jiggs. Assim, uma série erguida sob o signo da luta de classes vai-se decantando nos anos 40 e princípios dos anos 50, virando-se para problemáticas individuais avançadas muitos anos antes, quando Maggie se arrogava méritos artísticos e pretendia consagrar-se à carreira de cantora, por exemplo.

A morte de McManus acabaria por “adormecer” a série em parâmetros conformistas e rotineiros.

O que resta, no entanto, em termos de história dos quadrinhos é importante: a história dos casais, como sublinha Javier Coma, equivale à denúncia “do sequestro do povo por uma formulação social ditada pelas esferas detentoras do poder económico. A jaula em que Jiggs se debate esterilmente, anulando a sua liberdade de comportamento, associa-se à própria estrutura do capitalismo em que o homem ocidental continua a estar confinado”.

Carlos Pessoa

Alcapões do carácter

NÃO sei o que realmente se esconde por baixo desta expressão: o carácter nacional é descrito e classificado como se se tratasse de uma entidade concretamente abstracta. Atribui-se ao “carácter nacional” determinadas características, procuraram-se filiações gerais, adiantaram-se propostas de explicação.

Cada época tende a lisonjear-se esperando que a geração seguinte seguindo-lhe os passos não se esqueça de que a massa é feita: todos portadores da mesma herança, do mesmo carácter. O paradoxo de Mannheim continua a cobrar dividendos: ideias e crenças, já tentámos explicar, podem ser relacionadas com a realidade numa dupla forma: com os **factos** da realidade ou com os **anseios** que essa realidade, ou a reacção a essa realidade, faz surgir. Onde existe a primeira conexão, descobrimos um pensamento que em princípio é verdadeiro; onde aparece a última relação, enfrentamos ideias que só podem ser verdadeiras por acidente e que são passíveis de estarem viciadas por preconceitos, sendo esta palavra tomada na sua mais ampla acepção. Mannheim, prossegue, no seu livro “Ideology and Utopia”: “O primeiro tipo de pensamento merece ser chamado teórico, enquanto o último deve ser caracterizado como prático”.

Talvez se possa também descrever o primeiro como racional e o último como afectado emocionalmente — o primeiro como puramente cognitivo, o último como estimativo.”

Tudo o que se tem dito sobre

o “carácter nacional” tem sido puramente estimativo, baseado num desejo de conhecer uma realidade imprecisa, difusa, não mensurável.

As respostas têm-se confundido aproximadamente com aquilo que Jorge de Sena visava na seguinte frase:

“Na verdade, todos nos habitamos aqui, de longa data, a **fingir que somos** aquilo que **realmente somos**. De modo que mesmo que somos andamos nós sendo-o sem convicção nenhuma. E abandonamos a convicção, os pedantes, que, é claro, não se poupam a despesas.”

Duas características podem ser colocadas a nível teórico para observação descomprometida: os comportamentos solidários e individualistas (M. Espírito Santo). Poderão por si só ser associados como características especiais ou elementos contraditórios da formação do “carácter nacional”?

Houve quem achasse que sim. (F. da Cunha Leão, “Ensaio de Psicologia Portuguesa”): “A enigmática alma portuguesa encerra antinomias profundas, oscila fluidamente, de modo marítimo, entre estados contraditórios que não raro desconcertam os pouco avisados, ou provocam juízos e cálculos de previsão adrede errados, com os quais, no caso de inimigos, a nação tem sido beneficiada, visto subestimarem o seu real valor.”

Entrámos no domínio da “previsão adrede errada”. Regressamos aos comportamentos atrás adiantados. O autor primeiro citado (no livro “Comunidade Rural ao Norte do Tejo”) escreveu justificando: “O solidarismo e o individualismo dos

portugueses situa-se portanto a dois níveis, a dois estádios que evoluem em função inversa.

Essa disparidade é uma constante no meio português em geral onde o **elemento rural** (sublinhado meu) é preponderante funcionando como um travão ao desenvolvimento industrial, ou “moderno”, do país.

E conclui M. Espírito Santo: “Esses dois comportamentos, solidário e individualista, que reflectem, a nosso ver, respectivamente, o ruralismo e as formas de pensamento próprias de uma sociedade diferenciada e baseada na divisão de trabalho, constitui “o prato forte” dos “psicólogos sociais” portugueses.”

Antes de adiantarmos exemplos disso mesmo detenhámo-nos neste ponto.

A ruralidade e o industrismo, por comodidade de expressão, o primeiro referido aos valores tradicionais e, o segundo, aos valores urbanos, segregam características, valores, funções, imagens e, quando uma domina sobre todo o corpo social constituem-se em “ideologia”.

Em nome dela “estima-se” que a característica dominante do “carácter nacional” é isto ou aquilo; ou, dirão, como a ideologia que dominou esta sociedade durante determinado período histórico tinha estas e aquelas características (por sinal, até tinha as mesmas metidas no barro ou estreme rural) opondo-se à outra (o industrismo consumista, etc.), temos, então de tirar determinadas conclusões sobre o “carácter nacional” de facto e sobre o que ele é estimativamente etc., etc.

Contudo, o que se tem feito mergulha nas profundas do passado, como é lógico: nas brumas

da memória residem os fios que nos safarão do labirinto. Postula-se: o “carácter” de um povo é, de longe, muito antigo, não se modifica, perdura mesmo submerso, irrompe nos verdadeiros momentos; nos de crise, afirma-se perene.

Retomando o fio: o solidarismo e o individualismo não são características particulares nossas; são-no na medida da proporção da componente rural (dos seus valores) sobre outra componente (urbana) deste como de qualquer outro. O caso não muda de figura se perguntarmos: existem ainda hoje noutros povos? em que proporção se exprimem ainda hoje na ruralidade portuguesa? em que extensão impregnaram uns e outros os diversos extractos sociais?

Assumo que outras características sofreram a mesma ampliação: tome-se um ovo e pinte-se de azul e podemos dizer sem margem para erro, as galinhas põem ovos brancos, castanhos e azuis. Os exemplos:

“Independência nacional orgulhosa” (M. Caetano), “Espírito de rebeldia” de independência, não (Unamuno), “entre os povos mais nacionalistas do mundo” (Cabral do Nascimento), “humanismo universalista” (Sampaio Bruno), “regionalismo intransigente” (João de Castro), “amor patriótico como dado intuitivo imediato” (Jaime Cortesão), “certo complexo de inferioridade perante o estrangeiro, maledicência do país, perda de ideologia palavrosa onde metade da população passa a vida a dizer mal da outra” (Silva Cordeiro), “fidelidade aos chefes” (Raul Brandão), “povo serenamente equilibrado” (Sylvio Romero), “falta de persistên-

cia” (Teixeira de Pascoais), “vitalidade das tradições” (Teófilo Braga), “amarrado às leirinhas” (Raul Brandão), “individualismo estremado” (Salazar), “ralha e desacredita sem passar das palavras às obras” (Júlio Lesteryrie) e podíamos continuar citando a soma de características coligidas por F. da Cunha Leão na citada obra.

Propositadamente retivemos duas outras contribuições, uma reeditada em 1971 (“Estudos do carácter nacional português”, Jorge Dias) e a segunda de 1978 (“O labirinto da saudade”, Eduardo Lourenço).

Neste ponto continuamos convencidos de que a tarefa de definir o “carácter nacional” é estimativa, quer dizer “ideológica”; não se torna necessário sopesar as palavras: seja ou não uma ideologia de sinal “mais” ou “menos” ou de carga “neutra”, os instrumentos convêm para um mesmo sentido partindo da mesma ausência de indicadores precisos; existem, pelo contrário, características parciais, valores próprios não-universais e, sobretudo, existem uma multidão de “ideias” e “crenças”, que levaram Jorge Dias a escrever: “se definir os elementos culturais de uma sociedade tribal demanda já um longo trabalho de análise e boas qualidades de observação, interpretação e síntese, o que não será estabelecido as bases culturais permanentes de um povo estratificado e com oito séculos de história?”. E chega a acrescentar: “perante a dificuldade deste tema, cheguei a pensar fugir-lhe, limitando-me a apresentar aqui um método de estudo da **personalidade base** e dos elementos fundamentais da cultura portuguesa” (cultura dos

portugueses, dir-se-á hoje em dia).

Por seu lado E. Lourenço tenta uma aproximação historiográfica através da “psicanálise mítica do destino português”. Dois pontos interessantes: o sebastianismo representou “ao mesmo tempo, o **máximo de existência irrealista** que nos foi dado viver, e o **máximo de coincidência com o nosso ser profundo**, pois esse sebastianismo representa a consciência delirada de uma fraqueza nacional, de uma carência, e **essa carência é real**; o segundo quando escreve que o carácter português está ligado “à mistura fascinante de fanfarronice e humildade, de imprevidência maura e confiança sebastianista, de “inconsciência alegre” e negro presságio”. A mesma ideia em Jorge Dias quando escreveu, apesar de tudo, “a mentalidade complexa que resulta da combinação de factores diferentes e, às vezes, opostos dá lugar a um estado de alma **sui generis** que o português denomina: **saudade**”.

Esta saudade é um estranho sentimento de ansiedade que parece resultar da combinação de três tipos mentais distintos: o lírico sonhador — mais aparentado com o temperamento céltico —, o faustico de tipo germânico e o fatalístico de tipo oriental.

A minha vela apaga-se quase, subitamente, com tantos alcapões abertos. Podemos abrir mais, conceitos interessantes não faltam. Os sinais “mais” e “menos” não param de produzir alcapões que, curiosamente, unanimemente chamam “nacionais”.

José Manuel Moreira

